



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

ANDRÉA VOLPATO WRONSKI

**DESLOCAMENTO E REINSCRIÇÃO DA POSIÇÃO DO AMADO E DO AMANTE:
UM ESTUDO DO *SITE* DE RELACIONAMENTO *PARPERFEITO***

Tubarão

2015

ANDREA VOLPATO WRONSKI

**O DESLOCAMENTO E REINSCRIÇÃO DA POSIÇÃO DO AMADO E DO
AMANTE: UM ESTUDO DO *SITE* DE RELACIONAMENTO *PARPERFEITO***

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dra. Andréia da Silva Daltoé

Tubarão,

2015

Wronski, Andrea Volpato, 1974-

W94 O deslocamento e reinscrição da posição do amado e do amante : um estudo do *site* de relacionamento *ParPerfeito* / Andrea Volpato Wronski; -- 2015.

153 f. il. color. ; 30 cm

Orientadora : Andréia da Silva Daltoé.

Tese (doutorado)–Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

Inclui bibliografias.

1. Análise do discurso. 2. Psicanálise. 3. Amor. 4. Sites da Web. 5. Amantes. I. Daltoé, Andréia da Silva. II. Universidade do Sul de Santa Catarina – Doutorado em Ciências da Linguagem. III. Título.

CDD (21. ed.) 401.41

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul

ANDRÉA VOLPATO WRONSKI

**DESLOCAMENTO E REINSCRIÇÃO DA POSIÇÃO DO AMADO E DO AMANTE:
UM ESTUDO DO SITE DE RELACIONAMENTO PARPERFEITO**

Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 17 de junho de 2015.



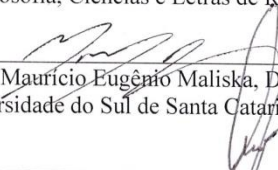
Professora e orientadora Andréia da Silva Daltoé, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina



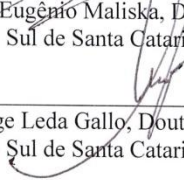
Professora Cristiane Pereira Dias, Doutora.
Universidade Estadual de Campinas



Professora Dantielli Assumpção Garcia, Doutora.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto



Professor Mauricio Eugênio Maliska, Doutor.
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Solange Leda Gallo, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho a todos aqueles que, assim como eu, são a favor do amor, seja em palavra, gestos ou em quaisquer de suas possibilidades de significação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de uma forma ou de outra, se fizeram presentes neste estudo.

Agradeço principalmente aos amores de minha vida pela renúncia silenciosa da minha atenção e de minha companhia. Por suportarem momentos difíceis...

Ao Vitinho por saber renunciar a convivência com a mãe em momentos em que me queria presente, pela maturidade e paciência com a qual assistiu a essa dura caminhada.

A Athos, o grande amor da minha vida, que chegou juntamente com essa tese, agradeço o apoio incondicional, a paciência, a cumplicidade o que permitiu e viabilizou muito desta produção. Agradeço por fazer parte da minha existência e me mostrar possibilidades que o amor pode assumir.

Agradeço a minha mãe, Paula, pelos momentos de reflexão teórica e por ter ajudado a segurar a barra nas horas difíceis.

Agradeço a minha irmã Papi pelo incentivo e orgulho externalizados.

Agradeço a meu pai Victório que, mesmo ausente fisicamente, deu sinais de sua alegre e generosa presença servindo-me como inspiração e apoio.

Agradeço a querida professora Albertina Felisbino que muito mais do que uma amiga foi um anjo que me amparou com sua amorosidade, generosidade e competência permitindo a conclusão dessa jornada. Deu-me, com sua generosidade, muito mais que seu anel de ouro...

Agradeço a minha terapeuta Tânia Mascarello sem a qual não haveria o ponto final.

Agradeço a minha orientadora Andréia da Silva Daltoé pela acolhida ao ter aceitado dar continuidade a um trabalho em andamento e pelas críticas, às vezes bem duras, mas também pelas muitas e sábias palavras de incentivo que certamente contribuíram para meu crescimento acadêmico e pessoal. Que possamos continuar nossa parceria...

Agradeço pelo acaso que, no meio dessa jornada, colocou em meu caminho nosso Eros que nos ensina a paciência e a alegria incondicionais. Uma forma de amor...

Agradeço, por fim, ao querido amigo e mestre Sandro Braga que me encorajou e acompanhou carinhosa e competentemente esta jornada!! Meu carinho especial...

De tudo a meu amor serei atento antes.

E com tal zelo, sempre e tanto que mesmo em face do maior encanto dele de
encante mais meu pensamento.

(Vinícius de Moraes)

RESUMO

O presente trabalho de tese, intitulado *O deslocamento e a reinscrição da posição do amado e do amante: um estudo do site de relacionamento ParPerfeito*, tem como objetivo investigar – pelo viés da Psicanálise e da Análise de Discurso de linha francesa – o discurso sobre o amor presente no *site* de relacionamento *ParPerfeito*, no que se refere à posição amante e amado, tendo por base o cadastro do sujeito no citado *site*. Constitui o *corpus* de análise dessa tese o que estamos definindo como autoapresentação (elementos que o sujeito preenche ao efetuar seu cadastro no *site*). Para ter acesso aos perfis que foram analisados, efetuamos um cadastro no *site ParPerfeito* e selecionamos os perfis que constituiriam nosso *corpus*. Através da análise do *corpus* e das relações teóricas estabelecidas, observamos que o discurso sobre o amor, postado no *site*, remete para um deslocamento da posição-sujeito amante, posição esta que leva o usuário a inscrever-se no *site ParPerfeito*. Entendemos que ocorre um deslocamento para a posição-sujeito amado, reinscrevendo-o numa nova posição-sujeito, qual seja: falar sobre o amor, aliado a uma dada condição de produção, faz emergir uma terceira posição-sujeito: a do *amadomante*: aquele que inscreve o sujeito do *site* como faltante e como pleno ao mesmo tempo. Propomos que este sujeito, por conta desse deslocamento e reinscrição, sem se dar conta, busca pelo *tour* do desejo que, num jogo discursivo, estabelece uma imagem-corpo capaz de produzir um corpo-metálico que por sua vez supre, ainda que transitoriamente, o clamor do vazio deixado pela falta, conforme vamos discutir neste trabalho.

Palavras-chave: *Site ParPerfeito*. Amante/amado. *Tour* do desejo. Corpo-metálico. Amadomante.

ABSTRACT

This thesis, entitled *The position of the beloved and the lover displacement and reinstatement: a study of the relationship website ParPerfeito*, aims to investigate, by the bias of Psychoanalysis and French Discourse Analysis, the discourse about love in the website ParPerfeito in its relationship with the lover and beloved position when the subject performs his apply for the website.

It constitutes the *corpus* of analysis of this thesis what we are defining as self-presentation (elements filled by the subject to register on the website). To gain access to the analyzed profiles, we applied a profile for the ParPerfeito website and selected the profiles that constitute our *corpus*.

Through the *corpus* analysis and theoretical relationships established, we note that the discourse about love, posted on the website, refers to a displacement of the position subject lover, which leads it to apply for the ParPerfeito website. We understand that there is a displacement to the position subject loved, reapplying it in a new subject position, which is: talk about love, combined with a given production condition, brings out another position-subject: the *belover*: the one that inscribes the subject of the website as missing and full the same time. We propose that this subject, because of this displacement and re-enrollment, without realizing it, searches for the “wish tour” that, in a discursive game, establishes an image-body capable of producing a body-metal which supplies, even though temporarily, the cry of the gap left by the absence, as we will discuss in this paper.

Keywords: website *ParPerfeito*. Lover/beloved. Wish tour. Body-metallic. Belover.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Página Inicial do <i>Site ParPerfeito</i>	23
Figura 2 Crie seu perfil.....	24
Figura 3 Os dizeres presentes da página inicial do <i>Site ParPerfeito</i>	56
Figura 4 Elementos da página inicial do <i>site ParPerfeito</i>	61
Figura 5 Formação Discursiva do amor em falta e as posições-sujeito	Erro! Indicador não definido.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Formação Imaginária.....	Erro! Indicador não definido.
Quadro 2 - Funcionamento do tipo 1.....	40
Quadro 3 - Funcionamento do tipo 2.....	41
Quadro 4 - Funcionamento do tipo 3.....	43
Quadro 5 - Simultaneidade dos Funcionamentos 1,2 e 3	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
1.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
1.2.1	O meio digital como condição de produção	29
1.2.2	O <i>corpus</i> e as sequências discursivas de referência (SDrs).....	38
2	A METADE PERDIDA.....	54
2.1	AQUILO QUE ME FALTA	54
2.2	O PARADOXO DA COMPLETUDE E DA INCOMPLETUDE	72
2.3	O DÍGITO FALHO.....	79
3	UM SUJEITO MARCADO PELO DESEJO	86
3.1	O <i>TOUR</i> DO DESEJO	86
4	UM CORPO DIGITAL?	91
4.1	O CORPO OBJETO	91
4.2	UMA IMAGEM-CORPO.....	104
5	DESLOCAMENTOS E REINSCRIÇÕES DO AMANTE E DO AMADO.....	114
5.1	AMANTE, AMADO E O AMADOMANTE.....	114
6	CONCLUSÃO	132
	REFERÊNCIAS	139
	APÊNDICES	144
	APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DISCURSIVA DE REFERÊNCIA.....	145
	ANEXOS	149
	ANEXO A – PÁGINA DE INÍCIO DO CADASTRO NO <i>SITE</i>.....	150
	ANEXO B – FORMA DE APRESENTAÇÃO DOS PERFIS.....	151

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, podemos observar que as pessoas se movimentam no intuito de estabelecer e manter relações afetivas/amorosas durante a vida, uma vez que reside no nosso imaginário a ideia de que nos constituímos sujeitos a partir das relações sociais/afetivas que estabelecemos. A busca por uma história de amor, pela experiência do amor eterno parece fazer parte do imaginário de muitas pessoas em nossa sociedade. Exemplo disso é a ideia de “tampa da panela”, “metade perfeita” figuras que podem resultar em segurança afetiva e emocional e, por conseguinte, outorga ao amor a aspiração mais ardente do ser humano. Falar de e sobre o amor parece incitar, excitar discursos que se proliferam numa multiplicidade de sentidos e dizeres. A ideia do ideal romântico de *um amor e uma cabana* ainda faz parte de muitas idealizações sobre o amor. Por esta razão, observando as sinalizações dos laços afetivos, encontramos, no chamado amor romântico (foco deste estudo), em sua idealização, talvez a marca discursiva mais significativa para as pessoas. Fala-se sobre o amor na religião, na ciência, na literatura, no teatro, no cinema, na televisão, nas canções; falar de amor está sempre em alta, um discurso que não se esgota. Eis porque em primeiro lugar esse estudo se justifica.

Ao observarmos as várias formas que assumem os dizeres sobre o amor nos dias hoje, encontramos reverberações de discursos já enunciados anteriormente que vão se atualizando, constituindo-se em discursos outros, mas continua-se a falar de e sobre um amor que completa, que vem preencher um vazio, um lugar vago. Nos dizeres sobre o amor, há uma memória inscrita que o coloca como um anseio do humano. Para Couto "já não importa o que é o amor, mas tudo aquilo que falamos de e sobre o amor" (2012, p. 16). Independente do que se fala e de como se fala, o amor, neste trabalho, foi tomado como discurso. E a possibilidade de discursivizar sobre o amor representa uma forma de preenchimento do vazio constitutivo do sujeito. Assim, os dizeres sobre o amor convergem mais para aquilo que remete a sua falta do que para a sua presença. E, como discurso, interessa-nos compreender sua constituição histórica e os efeitos de sentido a ele atribuídos; Interessa-nos compreender que os dizeres sobre o amor são marcados histórica e ideologicamente. Interessa-nos compreender que esse sujeito que diz, diz a partir de uma posição, de um lugar. Falar de amor permite uma profusão de ideias e dizeres que ora parecem desconexos e ora parecem coerentes. Frequentemente observamos que os discursos sobre o amor vão se deslizando em discursos de sedução que oscilam entre a procura e o encontro. Contudo, esses discursos são interpelados pela ideologia e pelo inconsciente.

Nesse sentido, podemos pensar, ainda, de acordo com Couto (2012, p. 18), que “o discurso do amor assume uma força social e simbólica que cerceia e determina o comportamento humano em cada época, uma vez que ao amor se atribui o signo maior de felicidade” (COUTO, 2012, p. 18). Assim, é importante dimensionar que aquilo que se declara em nome do amor, acaba por se constituir em possibilidade de subjetivação.

O discurso sobre o amor, expresso nas suas mais variadas formas e fontes, carrega a ideia de incompletude e, nesta pesquisa, compreenderemos a incompletude a partir da ideia do amor em falta. O amor só existe como ideia de completude, porque o sujeito é tomado por um vazio, a falta a que nos referimos. Entendemos que é possível localizar esta incompletude, de vez que aquilo que se declara sobre o amor carrega um desejo, uma expectativa de ser correspondido. Em outras palavras queremos dizer que se o sujeito é tomado por uma sensação de vazio, falta, há um desejo, e a realização deste desejo está na possibilidade de suprir essa falta – sentir-se pleno – e isso ocorre pela via do amor. Isso nos leva a considerar que o amor é tomado como se fosse uma entidade separada do próprio sujeito, como sendo aquilo que é capaz de lhe garantir a plenitude e algo do qual o sujeito deve se apropriar.

Destacamos também que os discursos sobre amor vão se deslizando e se transformando em outros discursos, marcados pela ideia de incompletude, da falta que clama por sua completude. E é essa falta, nos dizeres de Barthes (1986), que justifica a proliferação discursiva sobre o amor. Estar em falta pelo amor é angustiante e, por essa razão, o sujeito precisa colocar sua angústia em palavras. A incompletude – ideia da falta – que circunda o discurso sobre o amor está atrelada a certos efeitos de sentido sobre o amor, produzidos ao longo da história, os quais reforçam a ideia do amor romântico como a completude e a conquista da felicidade, conforme vimos anteriormente.

Barthes (1986) afirma que é a incompletude que coloca o amor em discurso, um amor e que se marca mais por sua ausência do que por sua presença. Para o autor, o discurso sobre o amor está impregnado de solidão, e essa solidão pesa para o sujeito. Segundo Lacan (2008), o discurso sobre o amor é um discurso que, apesar de ser enunciado por milhares de sujeitos, não é sustentado por ninguém, apontando, pois, para a incompletude também dos dizeres.

A partir dos discursos sobre o amor e da experiência clínica da pesquisadora como psicóloga é que este tema está sendo tratado. Na prática profissional da pesquisadora – permeada pelas queixas recorrentes que envolvem a temática da solidão e da dificuldade de

estabelecer relações amorosas – é bastante comum os pacientes trazerem a necessidade de encontrar um parceiro(a) para seguir a vida, ao mesmo tempo em que mencionam ser difícil encontrar pessoas dispostas a um relacionamento sério e duradouro.

A procura por relações amorosas, com o intuito de preencher o vazio a que nos referimos anteriormente, encontra novas possibilidades de realização no meio digital que, de certa forma, funciona para seus usuários como uma substituição dos contatos via presenciais, bem como a ampliação destes mesmos contatos. O que tem nos chamado a atenção, no entanto, é que a vontade de estar junto, a necessidade de encontrar o par amoroso e o sentimento de solidão impeliram as pessoas a buscarem, nos últimos tempos, o recurso da *internet* que, em princípio, representa uma relação a negar a condição corpo a corpo, mas, ao mesmo tempo, tem se tornado uma forte aliada na tentativa de combater o sentimento de solidão. O sujeito encontra na companhia de seu computador¹ – de preferência na privacidade de seu quarto – o refúgio contra o sentimento de solidão. Isso se dá à medida que, por meio do mundo digital, se sente em companhia dos contatos que estabelece com várias pessoas no mundo em rede.

Observamos, na percepção dos pacientes, que o computador se transformou, para o usuário, numa fonte de contato segura e eficiente. Esses contatos promovidos pelo meio digital acenam para a possibilidade de estabelecimento de vínculos amorosos, inclusive através de ambientes digitais construídos especificamente para essa finalidade: os chamados *sites* de relacionamento.

E é justamente esse fenômeno da busca por *sites* de relacionamento que nos leva a refletir como esse novo modo de relacionar-se mudou as formas de contato e sedução que iremos analisar nesta pesquisa. Partimos da ideia de que o meio digital propicia o surgimento de múltiplos discursos e formas de se discursivizar sobre o amor, independente de onde surja esse discurso. Nesta tese, entendemos que essas novas formas de discursivizar sobre o amor clamam por novos gestos de interpretação. Nesse sentido, vamos considerar como os usuários de *sites* de relacionamento se autoapresentam para seus potenciais parceiros. Assim, elegemos o *site ParPerfeito* para a realização deste estudo, em que propomos a seguinte questão que norteia essa pesquisa: como se configuram os discursos sobre o amor presentes no *site* de relacionamento *ParPerfeito* em relação à posição do

¹ Usamos aqui a palavra computador para designar toda a possibilidade de estabelecer contato digital via *internet* como *desktops*, *notebooks*, *tablets*, *smartphones* entre outros recursos do meio tecnológico.

amante, do amado e do corpo empírico que se encontra ausente quando os usuários se autoapresentam² neste ambiente digital?

Uma das inquietações que mobilizam este estudo e acabam por justificá-lo é a percepção de que a busca amorosa que acontece por essa via digital é impregnada de extrema solidão. Em outras palavras, nos intriga o paradoxo: para se sentir pleno (acompanhado) o sujeito busca um caminho que reforça sua condição de isolamento, de falta. Ou seja, quer estar sozinho, para se lançar na aventura digital da procura por seu par amoroso.

Quanto ao que os sujeitos do *site* referem como solidão, neste trabalho a solidão será compreendida como sintoma de incompletude, ou seja, é o sujeito que, estando em falta pelo amor, busca no *site* sua completude. Neste sentido as práticas discursivas que envolvem os dizeres sobre amor, constituídos por formações históricas, sinalizam que a necessidade de estabelecer relações amorosas posiciona o sujeito na sua condição de falta e, portanto, a busca incessante por relações afetivas.

É esse fenômeno que se faz eixo central desta tese e o justificamos na medida em que, como mencionado por Pessanha (1988), o discurso do amor nunca se depaupera, sempre será um discurso atualizado e, por essa razão, merece sempre destaque independentemente de seu lugar de fala. Nessa direção, a ferramenta digital instala um “novo discurso” para enunciar o amor: um novo modo de continuar enunciando o velho amor.

Mediante tais considerações, posicionamos o objetivo geral desta tese da seguinte forma: investigar que deslocamentos da posição-sujeito amante e da posição-sujeito amado são possíveis a partir dos dizeres das autoapresentações no *site ParPerfeito* e como esse deslocamento leva ao surgimento de uma nova posição-sujeito: amadomante, que por sua vez permite a construção de um corpo-metálico quando os usuários discursivizam sobre a procura por um amor.

Trabalhar nesse jogo de interpretações é pensar nas possibilidades de sentido que, no caso de nosso estudo, emergem nas autoapresentações de si, presentes no discurso sobre o amor; é pensar sobre esse sujeito que, ao cadastrar-se no *site* de relacionamento

² Colocaremos em análise neste estudo o que estamos chamando de autoapresentação que se refere a como os usuários do *site* preenchem seu perfil no *site* por entender que isso nos leva a compreender que posição esse sujeito adota quando fala sobre o amor neste lugar. Não é objeto deste estudo os diálogos que se estabelecem entre os usuários.

ParPerfeito, assume a posição do sujeito em falta pelo amor e que nos leva a compreender os deslocamentos de sentido presentes nesses dizeres.

1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para atingir o nosso objetivo geral, pretendemos perseguir os seguintes objetivos específicos:

- a) Verificar o que busca o sujeito que se enuncia como faltante no *Site ParPerfeito*.
- b) Verificar como se configuram os discursos sobre o amor utilizados pelos usuários do *site ParPerfeito* no momento em que constroem seu perfil no *site* de relacionamento.
- c) Compreender os deslocamentos de sentido a partir da ausência do corpo empírico, ao mesmo tempo em que se dá a construção da imagem-corpo nos discursos sobre o amor constantes do *Site ParPerfeito*.
- d) Compreender a movência das posições-sujeito do amante e do amado nos discursos presentes no *site ParPerfeito* no momento em que o sujeito realiza seu cadastro;

Nestes termos, buscamos fundamento na perspectiva teórica da Análise do Discurso (AD) de linha francesa por tratar do discurso não como algo dado, mas como aquilo que permite o estabelecimento de sentidos. Também buscamos a psicanálise lacaniana por tratar do amor levando em conta as posições amante e amado.

Do ponto de vista da AD, levamos em conta que em todo o discurso está presente a marca da história e da ideologia, o que posiciona os dizeres numa lógica de construção para além da intencionalidade dos enunciadores, sendo que, tanto essa intencionalidade, como o controle do discurso, são ilusórios. Significa pensar num sujeito do discurso para além do sujeito empírico, é tomá-lo em sua posição. Nesta linha de raciocínio, concordamos com Orlandi (2008) ao nos alertar que a Análise do Discurso não visa ao que o texto quer dizer, mas sim como o texto funciona. E nesse sentido, queremos entender o funcionamento desses enunciados expressos, por meio de textos escritos, nas autoapresentações presentes no *site ParPerfeito*, buscando novas possibilidades de compreensão acerca desse sujeito à procura do amor, ou melhor, dizendo, do sujeito em falta pelo amor.

Como do amor nos interessa o que dele se fala, como dissemos anteriormente, recorreremos à AD, mas também à psicanálise, uma vez que ambas as teorias são perpassadas pela concepção psicanalítica de inconsciente. Em outras palavras: aquele sujeito que fala sobre o amor assume um determinado lugar discursivo que, por sua vez, sofre determinações ideológicas e históricas. Desse modo, como propõe Gregolin (2014), estamos diante de um discurso constitutivamente heterogêneo, de vez que abriga em sua materialidade diferentes sujeitos, diferentes vozes, diferentes sentidos. Assim, posicionamos este estudo em torno daquilo que se discursiviza sobre o amor e da posição do enunciante, enfocando o sujeito que se constitui a partir de seu discurso. Ou seja, compreendemos que este sujeito discursivo ao falar sobre o amor nas autoapresentações, fala também de si, a partir de uma posição-sujeito “autorizada” e a que esses dizeres remetem.

Encontramos na AD (representada por Michel Pêcheux) e na Psicanálise (representada por Lacan³) dois campos teóricos que permitem trabalhar o funcionamento discursivo. Contudo, apesar de esse trabalho repousar muito de sua análise na teoria lacaniana, não se configura como um estudo psicanalítico. Esta tese se inscreve no que Orlandi (2008) refere como o entremeio constitutivo da própria AD. Segundo a autora, reforçamos que um dos objetivos dessa teoria é compreender como os discursos produzem sentido, atentando assim sobre os próprios gestos de interpretação que ela denomina atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. Ao tomar o discurso por objeto, a AD “não estaciona na interpretação (...) não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender” (ORLANDI, 2009, p. 26).

Importante destacar que, para a AD, a noção de sujeito é tomada como posição. Isso significa tomar o sujeito em sua condição política, interpelado pela ideologia, levando-se em conta também o contexto histórico. Para a Orlandi (2009), essa representação do sujeito – como posição-sujeito – é central para a teoria da AD.

A posição-sujeito permite dizeres que, para o sujeito que diz, apresentam coerência e unicidade apesar da dispersão inerente ao discurso: ou seja, considerando-se que a dispersão é inerente ao discurso, tanto a coerência quanto a unicidade constituem uma ilusão necessária para que os dizeres possam ser ditos. O discurso pode, então, ser tomado

³ Aqui cabe um esclarecimento: como a AD é uma disciplina que, em relação à psicanálise, utiliza a referência lacaniana, por esta mesma razão é que neste estudo optamos por Lacan como representante da psicanálise, não recorrendo a nenhuma leitura específica de Freud.

como uma prática que emerge da posição que ocupa cada falante no momento da enunciação e, por esta razão, pode ser tomado como um espaço de tensão e de conflitos e, consequentemente de dispersão.

Dessa forma, encontramos em Foucault (1987) a definição do discurso como a dispersão de enunciados; ou como um conjunto de enunciados que remetem a uma mesma formação discursiva (FD). Assim, se expressa o autor (1987, p. 70):

O discurso assim concebido não é a manifestação majestosamente desenvolvida de um sujeito que pensa, que conhece e que diz: é ao contrário, um conjunto em que se podem determinar a dispersão do sujeito e sua descontinuidade consigo mesmo.

Essa dispersão inerente ao discurso só é possível porque o discurso não representa uma posição unificante de sujeito, mas sim uma posição que o sujeito ocupa toda a vez enuncia. Ou seja, o sujeito é uma posição vazia e, a partir disso, vamos compreender que a dispersão é originada nas várias posições possíveis de serem assumidas pelo sujeito do discurso. A dispersão está, pois, no fato de que os enunciados provêm de outros domínios, de outros lugares, de outros sujeitos; a descontinuidade está presente na própria dispersão do sujeito que, não sendo a fonte única geradora da significação, apresenta-se disperso, descontínuo, opaco.

Ao longo da história a questão do sujeito da linguagem recebeu tratamentos diversos. Foi com Pêcheux (2009 [1969]), que a teoria da AD passou a considerar a opacidade e a incompletude como constitutivas da linguagem, estabelecendo uma relação direta com o sujeito, com a história e com o inconsciente. Ou melhor dizendo, desloca a noção de sujeito empírico para a noção de posição-sujeito. Orlandi (2006, p. 60) explica que: “a linguagem não é só instrumento de pensamento ou instrumento de comunicação. Ela tem função decisiva na constituição da identidade” e, desta forma, se constitui como espaço de constituição de sujeitos e de sentido. Encontramos, em Pivetta (2009, p. 34), a noção de que, em relação ao sujeito, há de se considerar os traços do inconsciente: a “AD propõe um conceito próprio de sujeito, através de traços do sujeito psicanalítico (do inconsciente), “somado” a traços do sujeito do materialismo histórico.” Nesta direção, sujeitos e sentidos vão sendo constituídos a partir desses traços da história, da ideologia e do inconsciente e, por isso, a noção de efeito de sentido é tão central para AD como a de sujeito, pois não é possível dissociar uma coisa da outra. Mazière (2008) vem reforçar que o sujeito em AD é

um lugar sujeito, neste sentido, para a autora, a AD trata-se de uma teoria dessubjetivada, em que o sujeito “não pode ser apreendido, a não ser no interior de cada uma das buscas do analista, em função de seu desígnio interpretativo e de sua posição enquanto à língua.” (2008, p. 22).

Recorremos a Deleuze (2009) que – mesmo não integrando o eixo teórico da AD – ao discutir a questão do sentido, nos auxilia a compreender a noção de subjetivação que está vinculada ao estabelecimento de sentidos. O autor define sentido como *o sempre pressuposto* desde que o Eu começa a falar: “nunca digo o sentido daquilo que digo.” (2009, p. 31). Continua o autor: mas, em compensação, é possível sempre tomar o sentido daquilo que é dito como objeto de outra proposição, da qual, por sua vez, não se diz o sentido. Isso permite inferir que, por meio do discurso e dos sentidos, ocorrem possibilidades de subjetivação do sujeito, uma vez que este assume uma posição discursiva.

Por essa razão, quando analisamos o discurso sobre o amor nas autoapresentações do *site ParPerfeito*, encontramos um discurso cujos efeitos de sentido são múltiplos para seus interlocutores⁴. Podemos ainda dizer que a própria heterogeneidade discursiva se encontra presente nos discursos e, por isso, daí emergem várias significações e, portanto, inscrevem-se como novas possibilidades de subjetivação. Isto porque o eu somente encontra possibilidade de subjetivar-se pelas significações que estabelece. Ou seja, considerando essa possibilidade de subjetivação – independente de como se configure sua enunciação – é importante observar, nos dizeres sobre o amor nas autoapresentações do *site ParPerfeito*, que um sentido ideal de amor se deslocou para o centro imaginário do ideal de felicidade pessoal, configurando modos de subjetivação, o que leva o sujeito a acreditar ser autônomo e dono de seu dizer, ou seja, o sujeito tem a ilusão de que posiciona seus dizeres na falta, na incompletude.

Pêcheux (2009), para falar dessa ilusão de autonomia que o sujeito tem sobre seu dizer, desenvolve a ideia de que o sujeito é afetado por dois tipos de esquecimento, criando assim a ilusão necessária para que os dizeres possam ser ditos. O esquecimento de N° 1 refere-se ao fato de que, quando o sujeito começa a falar, ele se coloca como a origem do seu dizer, como fonte de sentido único deste dizer. É por esse esquecimento que o sujeito rejeita, apaga, inconscientemente qualquer elemento que remeta ao exterior de sua formação.

⁴ Estamos tomando, nesta tese, o termo interlocutor para fazer referência a outros usuários do *site ParPerfeito*. Deste modo não representa qualquer correspondência com campos teóricos da linguagem que também o utilizam.

É pelo esquecimento N° 1 que o sujeito recusa determinada sequência e não outra, para que obtenha um e não outro sentido, mantendo a ilusão de que é criador absoluto de seu discurso. Segundo Pêcheux (2009, p. 162), é “o esquecimento N° 1 que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina.” Ou seja, o sujeito se “esquece” das determinações que o colocaram como sujeito, que o colocaram na posição que ocupa, esquece aquilo que o constitui como tal.

O esquecimento de N° 2 se caracteriza, não mais pelo inconsciente, mas por um processo pré-consciente ou consciente na medida em que o sujeito retoma o seu discurso, para explicitar a si mesmo e o que diz, para formulá-lo mais adequadamente, para aprofundar o que pensa. Segundo Pêcheux (2009, p. 161):

Concordamos em chamar esquecimento N°2 ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito falante “seleciona” no interior de uma formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nelas se encontram em relação de paráfrase – um enunciado forma ou sequência, e não outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderíamos formulá-lo na formação discursiva considerada.

Nesses termos vamos considerar que a FD é aquilo que configura certa regularidade, conferindo ao discurso um caráter ilusório de unicidade tanto do próprio discurso quanto do sujeito. A FD determina o que pode e deve ser dito a partir de um lugar historicamente determinado, ou seja, um mesmo discurso pode surgir em FDs diferentes, provocando com isso variações de sentidos que remetem as formas de esquecimento de N° 1 e de N° 2 mencionados acima.

Para Pêcheux (2009), o esquecimento de N° 1 acontece porque o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos. E aqui vamos encontrar mais uma relação teórica que aproxima a AD da psicanálise, ou seja, para ambas, o sujeito se constitui a partir da linguagem. Contudo, a noção de sujeito para a psicanálise – que abriga as questões da linguagem e do inconsciente – também passa pelo desejo.

Para Lacan (1992), a ideia da constituição desse sujeito do inconsciente passa pela questão do desejo. Trazemos neste ponto as ideias do autor, sobretudo a dos seminários 8: *a transferência* (1992 e 2010) e 4: *a relação de objeto* (1995), que vai tratar da relação que se estabelece entre o amor, o sujeito e o desejo, respectivamente. Logo, tomamos nesta tese os escritos do referido autor (1992/2010 e 1995) nestes seminários, para

compreendermos o discurso sobre o amor naquilo que situa a posição do amante e do amado, o que inevitavelmente requer a compreensão do sujeito como um sujeito marcado pelo desejo. Para a psicanálise, só é possível analisar as relações entre o desejo com aquilo que tal desejo se fixa pelas vias dos efeitos da linguagem sobre o sujeito.

Lacan (2010) faz referência, em todo seu seminário 8, que, em relação ao amor, são localizadas as posições-sujeito amante e amado, destacando a relação do amor e do desejo. A esse respeito, o autor considera: “Ela [a interrogação] faz muito mais⁵: permite-nos ir mais além e captar o momento de báscula, de virada onde, da conjunção do desejo com seu objeto enquanto inadequado, deve surgir essa significação que se chama amor.” (LACAN, 2010, p. 50). Para a psicanálise, nisso consiste a articulação entre o simbólico, o imaginário e o real; para AD, vamos considerar que aquilo que é dito remete a uma interpelação da ideologia, da história e do inconsciente, conferindo opacidade ao dizer.

A AD, segundo Orlandi (2008), é uma disciplina que vai trabalhar a opacidade do discurso, vendo, nessa opacidade, a presença do político, do simbólico, do ideológico e, conforme menciona a autora, “o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique.” (2008, p. 21).

Na consecução dos nossos objetivos, estruturamos esta tese, abordando, neste primeiro capítulo, os procedimentos metodológicos. Para isso apresentamos o *site* de relacionamento selecionado para o estudo: *ParPerfeito*, e, também, de que modo estamos tomando o meio digital como condição de produção para novas possibilidades de se discursivizar sobre o amor. Apresentamos, ainda, neste primeiro capítulo, as sequências discursivas de referência (SDr) que sustentarão a nossa análise.

No segundo capítulo, a partir da análise das SDrs, articulamos alguns pontos de reflexão em torno dos dizeres sobre o amor, considerando o sujeito, usuário do *site ParPerfeito*, em falta pelo amor, o que remete à ideia de metade perdida tão impregnada no imaginário das pessoas quando falam sobre o amor. Marcaremos também as representações sobre o amor, com base na ideia de completude e incompletude, ou seja, tomaremos o amor como aquilo que, de alguma forma, completa o sujeito que está em falta. Assim sendo, refletiremos sobre o paradoxo da completude e incompletude que envolve os discursos sobre o amor. Com base na noção de completude e incompletude, vamos compreender que os discursos presentes nas autoapresentações do *site ParPerfeito* são constituídos também a

⁵ Lacan, referindo-se a Sócrates em análise de *O Banquete*, quando este utiliza os efeitos imperativos da interrogação para estabelecer o diálogo sobre o amor.

partir da interpelação do inconsciente, e, assim, trataremos também do dígito falho⁶ como a marca do inconsciente que atravessa o discurso no meio digital.

No terceiro capítulo, vamos analisar nosso *corpus* a partir do sujeito marcado pelo desejo. Ou seja, ao analisarmos esse sujeito em falta pelo amor, tomaremos o desejo como constitutivo central para compreendermos o discurso sobre o amor. E, nesse sentido, daremos destaque ao que estamos chamando de *tour* do desejo: o meio pelo qual o sujeito encontra a possibilidade de realizar o desejo em torno de si mesmo.

No quarto capítulo, vamos analisar e compreender como surge, pelo meio do digital, uma imagem-corpo que leva ao estabelecimento do que estamos chamando, nesta tese, de **corpo-metálico**: aquele que, pela ausência do corpo empírico, aparece como construção imagética. Aquele corpo que emerge como significação e dá aos sujeitos, que se autoapresentam no *site*, condição para realizar o *tour* do desejo. Para isso, trataremos da questão do corpo-metálico e de como esse corpo constituído pela linguagem remete à ideia de um corpo objeto de desejo.

No quinto capítulo, vamos discutir e analisar as posições-sujeito de amante e de amado, considerando-as posições legitimadas quando falamos sobre o amor. Ou melhor dizendo, quando falamos sobre o amor na FD do amor em falta. A partir das análises dessas posições-sujeito e dos aportes teóricos utilizados, estamos propondo a existência de uma nova posição-sujeito que emerge quando os sujeitos se autoapresentam no *site ParPerfeito*. Esta nova posição-sujeito estamos denominando de **Amadomante**. Tal posição-sujeito ao mesmo tempo que socorre esse sujeito da falta o coloca na frustração do vazio. Somente esta posição-sujeito do **amadomante** é que permite que se estabeleçam o *tour* do desejo e o **corpo-metálico**.

Chegamos às considerações finais, apontando que, mesmo perante a opacidade do discurso, dos deslocamentos que permitem sentidos outros, o discurso sobre o amor presente no *site ParPerfeito* é a representação do discurso da falta. E mesmo o *site ParPerfeito* funcionando como um logro para a solidão, para os sujeitos que ali se cadastram, há uma angústia que permanece. Salientamos que este trabalho não tratou de percorrer um caminho analítico no intuito de preencher a falta caracterizada pelo discurso sobre o amor. Foi muito além disso: ao buscar por novos gestos de interpretação, encontrou

⁶ Termo elaborado por Orlandi (2012) que dá conta de analisar as falhas presentes na escrita no meio digital.

a possibilidade de pensar e repensar as posições-sujeito quando se fala sobre o amor, no *site ParPerfeito*.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta secção, trataremos dos procedimentos metodológicos que nortearão este estudo, contextualizando o *site* de relacionamento *ParPerfeito*, o meio digital como condição de produção, bem como o *corpus* desta tese.

Os *sites* de relacionamento digital foram criados a partir do surgimento da *internet*, com a finalidade de promover encontros virtuais, amorosos ou não. Os *sites* de relacionamento amoroso, que foram construídos a fim de promover o enlace afetivo entre os participantes, se propõem a aproximar as pessoas com interesses em comum: a busca pelo amor. Esses *sites* apresentam-se com a promessa de assegurar o encontro de um relacionamento saudável, estável e duradouro.

O *site ParPerfeito*, posto em estudo nesta tese, se apresenta para seus usuários com a seguinte proposta:

[...] reunir os brasileiros que estão solteiros e que querem um namoro sério. Nosso serviço ajuda na busca por aquela pessoa que irá fazer parte dos momentos mais importantes da sua vida. O pioneirismo do *site* no Brasil, a experiência dos grupos multinacionais Match.com e Meetic, e o suporte tecnológico são os diferenciais do *ParPerfeito*, que resultam na união de casais quando o assunto é relacionamento sério e duradouro. Todos esses diferenciais explicam porque o *site* é líder na América Latina e no Brasil em *sites* de relacionamentos. Parte dos grupos Match.com e Meetic, líderes mundiais em *sites* de relacionamentos, tem cerca de 60 milhões de usuários na América Latina, em países como Argentina, Chile, Colômbia, México e Peru. Só no Brasil são 30 milhões de usuários cadastrados.⁷

A escolha pelo *site ParPerfeito* deu-se por três motivos:

1. Em primeiro lugar, em função de que, quando usamos uma ferramenta de busca na *internet* sobre o assunto, como *google.com.br*, por exemplo, é a primeira sugestão que aparece.

2. Em segundo lugar, pelo próprio nome do *site*: *ParPerfeito*, que, em si, já carrega um componente lexical que remete a significações que aproximam as relações

⁷ Disponível em: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 18.10.2011

amorosas das representações de metade perdida pela busca da completude, como veremos nesta tese.

3. Outra razão para a escolha desse *site* está no fato de sua construção voltar-se para relações heterossexuais, objeto de interesse neste estudo.

Na página inicial do *site*, encontramos uma representação gráfica com os recursos imagéticos e palavras: *Verdadeiro amor, exatamente o que procura*.⁸ Veja a figura abaixo:

Figura 1 Página Inicial do Site *ParPerfeito*



Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

No momento em que o usuário clica na figura do ícone *namore agora*, abre uma nova página que contém a seguinte apresentação do *site* propriamente dito:

Seja bem vindo ao ParPerfeito

*Aqui você irá se relacionar com 30 milhões de pessoas sérias em busca de seus pares. O ParPerfeito é o ponto de encontro para quem procura relacionamentos de namoros a amizades, de romances a casamentos. Nosso objetivo é oferecer um ambiente agradável, seguro e divertido para que nossos associados alcancem os melhores resultados em suas buscas. Nada poderia ser mais recompensador do que satisfazer a esta necessidade básica que é a de nos relacionarmos afetivamente, através de um meio conveniente, efetivo e seguro. O ParPerfeito iniciou sua operação em Janeiro de 2000. Ao longo destes anos ficamos felizes de receber centenas de e-mails nos agradecendo pelos amores, namoros, casamentos e filhos que nasceram!*⁹

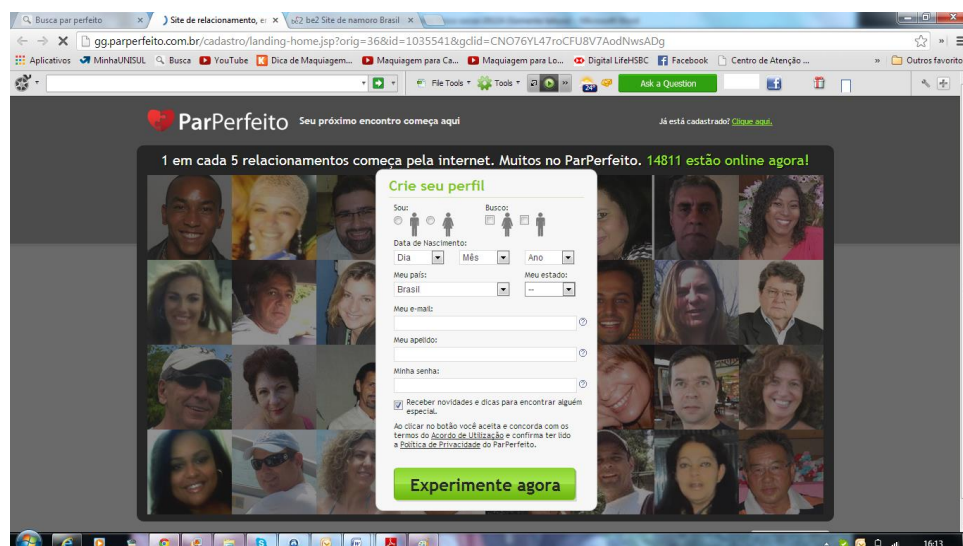
⁸ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

⁹ Disponível em: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013, grifos do próprio.

Nesses termos, analisando o modo como o *site* apresenta o conteúdo em forma de texto e figura, observamos que essa configuração já suscita uma possibilidade de sentido que certamente gera alguns deslizamentos, quando os usuários preenchem seu cadastro. Destacamos: *encontre seu verdadeiro amor*¹⁰ como indício do modo como, neste ambiente, se configuram discursos que remetem à idealização do amor, ou, como veremos na sequência, o discurso imperativo que aponta para o estabelecimento de certa normatização dos dizeres do site.

Quando o usuário chega à nova página, encontra a seguinte imagem:

Figura 2 Crie seu perfil:



Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

Na figura acima, aparece em destaque *Crie seu perfil*¹¹, com todos os dados necessários para a inscrição. Como tela de fundo, no canto superior esquerdo, aparece a imagem de um coração com uma divisória, semelhante a peças de um quebra-cabeça, com o logo do *site* em negrito e o enunciado: *seu próximo encontro começa aqui*¹². No centro da página, ainda como fundo, mas ocupando quase toda a tela, um painel com 32 fotos de rostos de homens e mulheres e o enunciado: *Um em cada cinco relacionamentos começam*

¹⁰ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

¹¹ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

¹² Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

na internet, muitos no *Par Perfeito*¹³. E, ao lado, em destaque na cor verde, pode-se encontrar o número de acessos que estão *on line* naquele momento.

Apresentado o *site* desse modo, somos levados a pensar que os usuários, ao verem a disposição das fotos, estabelecem uma espécie de identificação, pois a maneira como lá estão remetem para uma familiaridade: de alguma forma o sujeito pode se reconhecer ali, e isto o encoraja para completar seu cadastro e iniciar a busca. As representações gráficas exploradas pelo *site* tocam o imaginário dos usuários de tal forma que se lançam nesse ambiente, acreditando que o jogo de sedução que se estabelece no *site* irá garantir o encontro do *verdadeiro amor*¹⁴.

Quando o usuário clica na janela: *crie seu perfil* (conforme a figura apresentada), é direcionado para uma nova página. Nesta nova página (constante do anexo A), existe um questionamento para o usuário: Por que *Par Perfeito*? A resposta é composta de quatro itens:

- a) *Mais de 30 milhões de usuários;*
- b) *Pessoas realmente afim de conhecer alguém;*
- c) *Garantimos a segurança de seus dados;*
- d) *Use o chat e conheça melhor seu par*¹⁵.

Então, o usuário, para ser aceito no *site*, inicia seu cadastro que consiste no preenchimento de formulários fechados os quais contêm algumas informações essenciais: com suas características físicas e pessoais; as características do parceiro/a que procura (em formulário pronto com questões de múltipla escolha que não serão postos em análise neste estudo). Após o preenchimento desse formulário, o usuário é redirecionado para outro espaço onde deverá construir:

1. **Nickname:** o nome através do qual o usuário se identifica no *site*. Neste caso, geralmente optam por um nome fictício para que seja mantido em sigilo. A construção do *Nickname* é uma forma de se apresentar atrativamente ao parceiro, como em: *daniel160301*; *marília4414*; *doris_para_maiores*¹⁶.

2. **Frase de apresentação:** aparece depois do *Nickname* criado, tendo por objetivo complementar o *Nickname*; serve de complemento à apresentação pessoal, como

¹³ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

¹⁴ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

¹⁵ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

¹⁶ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

em: *Procuro um relacionamento sério; quando eu olhar pro lado eu quero estar cercado só de quem me interessa (Lenine); quero encontrar um grande amor!!!! Nunca e tarde para ... Ser feliz!!!!!*¹⁷.

3. Apresentação pessoal: espaço em que o usuário pode construir um texto que fale de si ou expressar suas expectativas em relação ao site e ao parceiro(a) que procura. Esse item é de caráter opcional: os participantes podem escolher não preenchê-lo, mas quem o faz, apresenta um texto como: *Loira, porém inteligente...corpinho quase em forma, esperando meu príncipe encantado; Sou uma pessoa simpática entrei nesse site para encontrar alguém que queira fazer novas amizades; Sou bem estral...Procuro homens alegres, românticos, de caráter... que saibam manter um bom papo...Sei que sou especial portanto procura pessoas igualmente especiais...*¹⁸.

4. Fale mais sobre você: esse espaço é, quanto ao preenchimento, da mesma forma que “a apresentação pessoal”: construção de texto livre, não havendo nenhuma instrução específica para preenchê-lo. Como no item anterior, aqui o preenchimento é de caráter opcional e, normalmente, o usuário apresenta suas características, como em: *Sou uma pessoa simples apaixonada pela vida e pelos lindos filhos que tenho...curto minha profissão e todos os desafios que ela me impõe a cada dia. Gosto muito de viajar, de bons filmes e livros, e você?; Sou de bom astral, procuro levar minha vida mais tranquila possível...adoro fazer novas amizades...sou educadora. Trabalho com crianças que apresentam deficiências. Minha formação nesta área é em deficiência intelectual. tenho vários curso na área humana. Sou tb terapeuta de reiki..é muito gratificante poder ajudar às pessoas em suas dificuldades...para serem mais felizes...afinal é isso que todos procuramos... Sermos felizes...adoro dançar, ler bons livros ...é difícil falarmos de nós mesmos...mas se quiseres saber mais a meu respeito... Me convide para um bate papo... Boas e leais amizades, sempre bem vindas...bjv no coração a todos que visitarem meu perfil...; Tipo físico magro... dizem que não aparento a idade que tenho... acho que e o espírito jovem.....*¹⁹.

Aos elementos mencionados acima estamos, neste estudo, chamando de autoapresentação, embora este não seja um termo utilizado no site *ParPerfeito*. Todavia, o adotamos aqui para nos referirmos aos elementos desses quatro itens apresentados. A

¹⁷ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

¹⁸ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

¹⁹ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

estrutura do referido *site* ainda conta com um espaço destinado à postagem de fotos para que sejam visualizadas, quando os usuários buscam por outros perfis dentro do *site* (anexo B). A cada clique ou a cada etapa cumprida, há o redirecionamento para outros tópicos do *site ParPerfeito*. A página geral deste *site* traz o mesmo logo no canto superior esquerdo e uma barra de ferramentas contendo: *Home, como funciona, histórias, seja + e cadastro*²⁰. No canto direito, há a possibilidade de fazer o *login*. O *login* é feito com o *Nickname* e senha²¹, de forma a garantir que serão acessadas pelos usuários apenas aquelas informações autorizadas.

Para ter acesso ao que estamos chamando aqui de autoapresentações, a pesquisadora criou dois perfis no referido *site* (um masculino e outro feminino) e selecionou as autoapresentações de homens e mulheres na faixa etária de 35 a 50 anos. A escolha da faixa etária levou em conta que essas pessoas, supostamente, ingressaram na experiência da vida afetiva/amorosa e em práticas de sedução antes do surgimento das ferramentas digitais constituída para este fim, de modo a estabelecer uma proximidade com as queixas vivenciadas pela pesquisadora na sua atuação profissional, como psicóloga clínica.

Após a realização do cadastro, o usuário está autorizado a iniciar sua navegação. Pode identificar perfis que lhe interessem, visualizar quem visitou seu perfil, enviar mensagens, piscadinhas, ou mensagens predefinidas pelo próprio *site ParPerfeito*, não sendo solicitado algum tipo de pagamento, sugerindo-se a gratuidade do serviço. Entretanto, quando o usuário quer usufruir das outras possibilidades que o *site* oferece: enviar mensagens livres de e-mail ou utilizar o *chat*, ocorre o redirecionamento para o pagamento desses serviços, ou seja, para uma nova página em que é oferecida a possibilidade de aderir ao *plano Ouro* ou *plano Platinum* (mais caro) e fazer o pagamento via cartão de crédito em parcelas semestrais, trimestrais ou mensais. O pagamento é que assegura ao usuário do *site* usufruir de todos os recursos que o *site* oferece, como as salas de bate-papos, envio de e-mails e mensagens a quaisquer outros usuários. Estão disponíveis, ainda em caráter de gratuidade, informações sobre o *site*, artigos com perguntas e respostas, a equipe de consultores a quem podem ser dirigidas perguntas específicas, política de privacidade, histórias de sucesso.

²⁰ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

²¹ A senha é definida no momento do cadastro do *site*. No momento do cadastro antes do preenchimento dos itens apresentados, preenche-se um formulário como nome e alguns dados de identificação dos usuários que ficam restritos aos responsáveis pelo *site*.

O modo como o *site ParPerfeito* é apresentado para seus usuários, os recursos de imagens e textos, como vimos anteriormente, acabam por se configurar em circunstâncias de enunciação e, por esta razão, precisam ser levadas em conta. Ou seja, a imagem que se faz dos usuários em suas posições mobiliza dizeres que remetem a sentidos cuja memória os filia a discursos sobre ideias de sedução e do próprio relacionamento amoroso. O contexto do *site* instiga o imaginário de sedução ao mesmo tempo em que permite ao sujeito se posicionar através de uma imagem de si e da própria imagem que constrói sobre aquele com quem pretende se relacionar.

Em estudo realizado sobre o *nickname*, Souza (2006) o colocou como aquilo que conecta não o sujeito que se posta diante da tela, mas os efeitos de sentido que dão conta de seus processos de subjetivação, no momento em que interagem virtualmente com outros. Nestes termos o: *soquero, muuigata, Gorilasensível*²², que constituem a própria falta entre os interlocutores. Por tratar-se de um apelido e, sobretudo, porque a natureza da linguagem é polissêmica, é preciso lembrar que um mesmo enunciado, neste caso o *Nickname*, pode produzir efeitos de sentidos diversos, e é isso que deve se levar em conta quando incorporamos ao discurso elementos que permitem essas múltiplas significações. Neste sentido, os enunciados e os sentidos apontam para o deslizamento do nome para algo que seja, no imaginário dos usuários, sedutor. Podemos inferir, assim, que os deslizamentos provocados por esses enunciados remetem a novas significações conforme explica Brandão (2000, p. 160):

Basta que isolemos uma fala ou segmento dela deslizando-a de seu contexto original para provocarmos uma ressignificação. E mais: a terceira pessoa a quem o discurso é dirigido não é alheia a esse processo de interação, ela é justamente o alvo do efeito de sentido.

Quando analisamos os enunciados sobre a busca pelo amor, encontramos nos *sites* de relacionamento uma construção discursiva voltada para o convite, para a possibilidade de provocar um encontro amoroso/afetivo. O convite é, num primeiro momento, motivado pela busca consciente de um relacionamento amoroso. Assim inferimos, que o *site ParPerfeito* se propõe a intermediar o encontro, facilitando a procura. É inegável que as pessoas, ao efetuarem seu cadastro, ainda que por razões que se desconheçam, acabam por produzir o discurso da falta, ou melhor dizendo se colocam na posição de quem

²² Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

procura por um parceiro na relação amorosa. Referentemente à busca ou à procura do amor, motivada pela falta, Lacan (1992) afirma que somente se procura por aquilo que não se tem. Em outros termos, o sujeito que procura por possibilidades afetivas, no *site* que escolhemos para estudo, encontra-se em falta pelo amor. Barthes (1986), em *Fragmentos de um discurso amoroso*, destaca que o amor só aparece em discurso porque é a ordem da falta. A falta, para o autor, parece circundar a temática do amor que também se faz presente no *site* que estamos analisando, pois os usuários tendem a se expressar utilizando-se de léxicos que apontam para a falta. Falta que, do ponto de vista da AD, é constitutiva do sujeito e do sentido.

Podemos observar que o sentido de procurar pelo amor em falta desliza e se repete nos discursos do *site ParPerfeito* através de enunciados, como: *procuro, quero, encontrar*²³, sinalizando para a falta mesmo frente às novas possibilidades de ampliação dos contatos. É inegável que o meio digital promove uma representação do si mesmo e do outro. Podemos nos indagar, então, o que implica serem essas enunciações feitas no meio digital? Ou, ainda, como o meio digital possibilita que essas representações do amor e de sua busca se constituam em possibilidades de subjetivação pelo discurso?

1.2.1 O meio digital como condição de produção

Assistimos hoje à proliferação de redes sociais facilitadas pela *internet* que, para seus usuários, funcionam como uma possibilidade de ampliação dos contatos sociais. Acima de tudo, funcionam como recursos tecnológicos que facilitam a comunicação daqueles que a acessam e a utilizam, ampliando o chamado mundo em rede. Esse fenômeno tem servido de panorama para alguns estudos, como em Erick Felinto (2005), no livro *A religião das máquinas: ensaio sobre o imaginário da cibercultura*, no qual o autor estuda as chamadas tecnologias do imaginário no ciberespaço. Para Felinto (2005), essas representações do ciberespaço transitam em discursos e significações entre a falta e o excesso, o real e o simbólico, e corpo e o não-corpo.

Podemos considerar, a partir de Felinto (2005), que o excesso vem na tentativa de ocupar um suposto lugar de plenitude, conferindo a seus usuários a ilusão de que nada lhe falta. O ciberespaço lhe basta. O excesso vem também marcado pela pressa, pela urgência nas respostas, pela impaciência na espera. A urgência parece se justificar ao observarmos

²³ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

que, diante da possibilidade digital/*on line*, encontramos um sujeito impaciente que procura expressar, na velocidade dos dedos, a velocidade de seu pensamento. O mundo informatizado nos treina e exige que tudo seja feito com o menor gasto de tempo possível e muitas coisas feitas ao mesmo tempo. Vamos considerar que a ampliação das chamadas tecnologias do imaginário são facilitadas pelo surgimento da *internet*, que se configura como uma nova possibilidade de instaurar discursos e dizeres.

Numa perspectiva discursiva, para Gallo (2011), a *internet*, que surge nos anos 80/90, oferece a seus usuários uma ampliação de possibilidades de acesso a múltiplas informações, de pulverização de contatos, as quais levam a multiplicidades discursivas. As pessoas estão em rede e esse fenômeno se espalha para além dos limites geográficos de ocupação dos usuários da *internet* que aparece, nesse cenário, com o princípio do mundo sem fronteira. Dito de outro modo, permite ressignificar as noções de tempo, espaço e território. Para os usuários da *internet*, uma nova ordem discursiva entra em funcionamento, constituindo o chamado mundo em rede. De acordo com Duarte (2008, p. 14), podemos definir redes sociais como “estruturas dinâmicas e complexas formadas por pessoas com valores e/ou objetivos em comum, interligadas de forma horizontal e predominantemente descentralizada”. Tal explicação permite-nos compreender que a busca por meio do *site* de relacionamento acontece mobilizada pela proximidade de interesse o que, neste estudo, é a procura pelo amor.

Essa ampliação de possibilidades é tomada por Felinto (2005) como a necessidade de hoje vivermos no gosto pelo excessivo, num afobamento que parece colocar o sujeito, cada vez mais, em busca incessante de seja lá o que for. Para o autor, esse fenômeno é possível pela ampliação dos chamados meios de comunicação massivos promovidos pelo contato em redes. Estar em rede, de alguma forma, percorre o imaginário dos usuários de modo a assegurar a ilusão de que o sujeito não está perdendo nada em tempo real. Em outras palavras, de que nada lhe falta.

Para Gallo (2011, p. 255), a *Internet* é considerada uma instância propulsora de discursos: “nesse espaço, o encontro de sentidos heterogêneo tem produzido novas textualidades, novos efeitos de sentido e novas discursividades”. Nesse cenário, surge uma extensa rede de possibilidade de relações e interações, carregando em si, além da possibilidade de ampliação de contatos, a ressignificação das noções de temporalidade e territorialidade. É nesse contexto que uma nova ordem discursiva emerge, estendendo-se pelo mundo em rede. Logo, estamos interessados no meio digital como condição de

produção para compreender como se deflagram os discursos sobre e do amor no *sites* de relacionamento em que não há os interlocutores presencialmente definidos, mas significados.

O que devemos considerar é que, ao enunciar algo, o sujeito somente pode fazê-lo mediante condições de produção historicamente demarcadas. Esse fato incide sobre os discursos, mesmo que o sujeito se considere autônomo e dono de seu próprio dizer. Para a AD, a autonomia só funciona como uma ilusão, a ilusão de controlar aquilo que se diz. Esse sujeito que diz no meio digital não é diferente, também acredita que tem pleno controle sobre o que diz e sobre como as pessoas irão compreender aquilo que diz. Contudo, o discurso não é nem controlado e nem unificado, conforme veremos nos capítulos que seguem. Os discursos estão inseridos numa rede discursiva heterogênea²⁴ (Authier-Revuz, 2008) e vinculados às condições de produções que conduzem a dizeres e sentidos que poderiam ser sempre outros, se outras fossem as condições de produção.

Tomamos o meio digital como condição de produção uma vez que se demarca historicamente e ideologicamente como condição para que determinados discursos sejam ali enunciados. Se constitui como espaço discursivo que é constituído e significado pelos sujeitos. Esse novo lugar de enunciar o amor permite que circulem discursos e, por esta razão, emergem como espaços de subjetivação, uma vez que a ideia de condição de produção é atravessada pelas representações imaginárias e interpeladas pela ideologia, esta funcionando como elemento fundante dos discursos.

As condições de produção de um discurso podem apresentar algumas ambiguidades – de acordo com Pêcheux e Fuchs (2010) – uma vez que podem se configurar como lugares de determinações as quais caracterizam um processo discursivo que vão desde uma situação concreta – que conduz à produção do discurso – até as representações de sentido – que permitem que se estabeleçam. Então, a partir dos autores, entendemos que, num discurso, estão presentes a língua, com seus componentes sintáticos e constituintes da superfície desse discurso, mas também existe algo que circula sob essa superfície que, em última instância, gera o discurso. Isso acontece de maneira inconsciente para os sujeitos que, a partir de suas posições, produzem uns e não outros discursos.

²⁴ Authier-Revuz (2008), diz que todo discurso possui uma heterogeneidade constitutiva, como presença fundadora que é expressa por meio de uma exterioridade discursiva que o constitui.

Do ponto de vista da materialidade do *site ParPerfeito*, que está imerso na condição de produção do meio digital, podemos compreender que há uma superfície linguística do discurso presente em nosso *corpus*, qual seja: no momento em que os usuários do *site* selecionam determinados léxicos para se autoapresentarem, creem que pertencem a uma ordem objetiva do dizer, sem se darem conta de que falar sobre o amor no *site* remete a discursos outros. E, ainda, o fato de ser neste lugar e não em outro, de certa forma, promove certa regularidade naquilo que é dito, pois ao se autoapresentarem no *site ParPerfeito*, utilizam-se de palavras e mecanismos sintáticos semelhantes: *procuro*, *busco*, *quero encontrar*²⁵. Sobre esta questão, Pêcheux (2009) aponta que o sentido é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no momento da produção da materialidade discursiva. Isto equivale dizer que o discurso não pode ser visto fora das condições históricas de produção.

Para Orlandi (2007, p. 3), "a materialidade das condições de produção dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar outros lugares". Neste sentido, reforça a ideia de ilusão do sujeito mencionada anteriormente, na medida em que é possível perceber regularidade e similitude naquilo que é dito, como se fosse possível prever que esses dizeres despertam o interesse afetivo num potencial interlocutor. Vamos tomar o *site ParPefeito* – aqui entendido como suporte da condição de produção do meio digital – porque estabelece o lugar a partir do qual coisas são ditas ali em nome da procura pelo amor; remete a dizeres e sentidos que se estabelecem por estarem sendo ditos ali e não em outro lugar. Os usuários desse *site*, por meio dessa condição de produção – o digital – acreditam que aquilo que dizem vai ser entendido dessa e não daquela forma, já que os sujeitos estão imersos numa dada condição de produção.

Levar em conta as condições de produção do discurso no *site ParPerfeito* significa observar seu funcionamento, não se limitando apenas à análise do meio digital, mas sim, de acordo com Schons (1999), "é trabalhar num campo de heterogeneidade e operar com recursos de diferentes ordens como a negação, as relações de antagonismo, rompendo com os sentidos cristalizados em uma ou outra FD, nas mais diferentes instâncias." (1999, p. 92), uma vez que a ordem do discurso pressupõe que os discursos trazem elementos sócio-históricos que o atravessam e o constituem.

²⁵ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

Levando em conta as considerações acima, o meio digital é tomado como condição de produção, para que uma nova ordem discursiva sobre o amor entre em circulação. Um discurso novo, mas que assume a posição do amor em falta, ou melhor dizendo, um discurso voltado para a procura pelo amor. Essa condição de produção estabelece uma interpelação que remete ao que cabe ser enunciado nesses espaços. Complementando o conceito de condições de produção, vamos abordar o que propõe Pêcheux (2009) em torno das formações ideológicas (FI), formações imaginárias e das formações discursivas (FD).

O caráter material do sentido consiste na dependência constitutiva de todo complexo das formações ideológicas para a qual o sentido de uma palavra não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas que entram em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras e expressões são postas em circulação. As formações ideológicas são estabelecidas em relação às próprias condições de produção. Em outras palavras: uma vez tomado o meio digital, como condição de produção, e o *site* de relacionamento como o suporte dessa condição, compreendemos que este abriga as formações ideológicas as quais permitem sejam ditos dizeres em nome do amor em falta. Assim, de acordo com o autor acima citado, as palavras mudam de sentido mediante as posições daqueles que as empregam, mesmo isso acontecendo de forma inconsciente para o sujeito. Esse mecanismo dá origem às formações discursivas (FD) que, por sua vez, determinam o que pode e deve ser dito e, ao mesmo tempo, permitindo que sentidos sejam estabelecidos.

A noção de formações imaginárias, além de auxiliar na compreensão de condição de produção, também nos ajuda a analisar nosso objeto. Felinto (2005), ao falar do meio digital e toda a representação e repercussão em torno dele, conceitua-o como tecnologia do imaginário. Entretanto, para AD, de acordo com Pêcheux (2010), a noção de imaginário está relacionada ao que permite a construção de sentidos dos discursos. Tfouni (2008) refere-se às formações imaginárias como aquilo que o sujeito imagina ao enunciar, ou seja, o sujeito constrói formações imaginárias sobre seu dizer, como uma espécie de antecipação dos sentidos. A partir dessa compreensão, o enunciado, que vai ser construído no *site ParPerfeito*, está imerso nessas formações imaginárias. Ou seja: quando os usuários se apresentam dessa e daquela maneira, o fazem porque, imaginariamente, antecipam os sentidos que seus interlocutores atribuirão a esses dizeres: intentam passar uma imagem de sedução. Ainda, para a autora, são essas formações imaginárias que acabam por dar origem a

mecanismos de antecipação ou de espera, os quais representam a inserção do sujeito no que chama de “lugares ainda virtuais²⁶ de significação” (TFOUNI, 2008, p. 72).

Para Pêcheux (2009, p. 146), existe uma ilusão, um mascaramento da transparência da linguagem, definido como "o caráter material do sentido das palavras nos enunciados." Isso se dá porque todo enunciado é constituído num complexo de formações ideológicas que, de certa maneira, condicionam alguns dizeres e direcionam sentidos. Para o autor, isso se dá pelas duas premissas que acabam por definir a condição de produção. Ao olharmos para o nosso *corpus*, vamos tomar o sujeito que se autoapresenta no *site* e estabelece sua ordem enunciativa, como em: *o senhor é meu pastor e nada me faltará*²⁷, por julgar que controla aquilo que diz e por acreditar que sabe como seu interlocutor receberá a enunciação feita como sedução e atratividade.

Não existe um sentido literal nas palavras. Em outros termos, é inferir que não existe um sentido em si mesmo. Da mesma forma o: *senhor é meu pastor e nada me faltará*²⁸ remete para a ordem de que os sentidos atribuídos às enunciações decorrem e são determinados pelas posições ideológicas que estão em jogo, quando determinados dizeres são produzidos. Ou seja, em relação à produção de sentido e o próprio discurso há que se pensar que: "as palavras, expressões, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referências às posições ideológicas." (PÊCHEUX, 2009, p. 147). Disso decorre a noção de FD vinculada a uma dada formação ideológica, a partir de uma posição e de uma conjuntura, definindo o que pode e deve ser dito. Desse modo, o próprio nome do *site ParPerfeito* é compreendido como uma cadeia de sentido e significação que não seriam as mesmas se fossem empregadas em outros contextos.

O autor ainda se refere ao "complexo com dominante" das FD que acabam por dissimular a transparência e opacidade da própria linguagem. A isso ele chama de interdiscurso e o define como o principal elemento constituinte da FD, uma vez que ela se constitui a partir da objetividade material contraditória do interdiscurso. O interdiscurso significa que "algo fala sempre antes em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas." (PÊCHEUX, 2009, p. 149). Isso faz

²⁶ O termo virtual aqui é entendido como aquilo que está na ordem do devir, da potência e não em termos de meios digitais ou tecnológicos como pode ser compreendido no contexto desse trabalho.

²⁷ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

²⁸ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

com que cada sujeito se considere autor primeiro de seu discurso, pois o interdiscurso fornece a cada sujeito sua realidade. Contudo, há uma subordinação, mas o imaginário no sujeito não reconhece como tal. E continua:

Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito. (PÊCHEUX, 2009, p. 150)

Encontramos em Orlandi (2008), a compreensão de FD como aquilo que representa o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. Desta forma, compreendemos que a noção das condições de produção de um enunciado está diretamente relacionada a uma FD que o atravessa e o constitui, uma vez que a FD estabelece um lugar-sujeito, a posição-sujeito da enunciação. Se já entendemos que o sujeito em AD é posição, estamos agora considerando que essa posição se inscreve na condição de produção e é de alguma forma determinada pela FD a que se vincula. A partir disso, podemos observar os sentidos possíveis que estão em jogo em uma dada posição-sujeito - constituem formas de subjetivação para os sujeitos da enunciação. Para a autora, isto ocorre porque, como posição, entre outras, subjetiva-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso. Essa projeção material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discurso).

Pensar em FD é apreender, no discurso, uma materialidade. Pêcheux (2009, p. 147) acrescenta: "os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes." Da mesma forma, continua o autor, toda FD dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito a todo complexo dominante das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas. Temos, então, no interdiscurso, a representação de todo esse complexo que envolve as formações discursivas e ideológicas. Para Daltoé (2011), a descrição de uma FD não é de ordem prescritiva, mas sim do funcionamento discursivo que se coloca em movimento, assujeitando o sujeito a essa condição. Encontramos também em Moraes (2010) uma definição para FD que a explica como o conjunto de enunciados que podem ser associados a um mesmo conjunto de regras, pois os discursos estão vinculados a uma mesma FD, o que leva a concluir que as palavras mudam de sentido, quando passam de

uma FD para outra. Ainda, segundo Moraes (2010), cada FD entra em diversos campos de relações simultaneamente, e, em cada lugar, a posição que ocupa é diferente, "assim os enunciados podem reaparecer, se dissociar, se recompor, ganhar extensão, adquirir novos conteúdos semânticos e são característicos de uma época determinada." (MORAES, 2010, p.4). Resumindo, o discurso sofre influências da história e da ideologia e atravessamentos do inconsciente. Mittmann (1999), ao afirmar que um discurso não nasce da vontade repentina e de um sujeito enunciator, explica que "o discurso tem uma memória, ou seja, ele nasce de um trabalho sobre outros discursos que ele repete, ou modifica. Esta repetição ou modificação não é necessariamente intencional, consciente e nem imediata." (1999, p. 272). Mas acontece por força da FD, ou seja, os discursos possuem uma natureza histórica e têm na história suas condições de emergência e que onde nem língua nem sentido se esgotam. Logo, ao olharmos para o nosso *corpus*, percebemos que o mesmo remete a essa natureza da FD que coloca o amor como algo a ser encontrado. De acordo com os dizeres de Orlandi (2009), aquilo que o sujeito diz se inscreve numa FD e não em outra para ter um dado sentido e não outro. Ainda, para a referida autora, trata-se de um jogo que acaba por intervir numa antecipação que posiciona os dizeres, "é assim que as condições de produção estão presentes nos processos de identificação dos sujeitos nos discursos" (ORLANDI, 2009, p. 12).

Pêcheux (2009) entende que o assujeitamento aparece dissimulado no sentido de autonomia. Orlandi (2007), ao se basear no conceito de imaginário de Pêcheux, expressa que a dispersão dos sentidos e do sujeito são condições de existência do discurso, mas para que funcione precisa se revestir da aparência da unidade (expressa na antecipação), o que na verdade é a ilusão²⁹ da unidade. Tal ilusão é um efeito ideológico, mas se constitui uma construção necessária do imaginário discursivo. E conclui: "Logo, tanto a dispersão como a ilusão da unidade são igualmente constitutivas." (Orlandi, 2007, p. 19). Sendo assim, os conceitos de condição de produção e FD são oportunos para compreender que aquilo que é enunciado no *site* de relacionamento *ParPerfeito*, que supostamente aparece como a possibilidade de dizer "coisas novas" acerca do amor, percorre e recorre ao interdiscurso, porém se apresenta com caráter de originalidade para o sujeito enunciator. Dessa forma,

²⁹ Para compreender melhor essa ilusão, ver o que Pêcheux (1969) propõe como a *teoria dos dois esquecimentos*. No *esquecimento número um*, o sujeito enuncia sob a ilusão de que é dono de seu discurso, criador absoluto dele, para isso apaga tudo que remete ao exterior de sua formação discursiva. Já no *esquecimento número dois*, o sujeito enuncia sob a ilusão de que o que formula tem apenas um único sentido e de que tudo que ele disser será compreendido por seu interlocutor. O *esquecimento um* recebe também a nomenclatura de *ideológico* e o *esquecimento dois* é caracterizado por ser da *ordem enunciativa*.

vamos levar em conta que o meio digital como lugar de enunciação, de formulação do intradiscurso – e que se configura por uma série de características já descritas – permite manifestações discursivas tomadas desse lugar. Ao analisarmos os enunciados presentes no *site ParPerfeito*, consideraremos que se filiam ao que estamos denominando aqui como **FD do amor em falta**, ou melhor dizendo, do sujeito em falta pelo amor. Localizamos essa FD ao analisar nosso *corpus*, uma vez que o sujeito que ali se autoapresenta se coloca em falta pelo amor ao recorrer, como vimos anteriormente, aos termos: *procuro, desejo, quero encontrar*³⁰. Isso também se expressa na própria forma como o *site* enuncia seus dizeres: *encontre seu verdadeiro amor*³¹. Ou seja, essa FD permite que uma materialidade discursiva ali se apresente dessa e não de outra forma, levando à construção do discurso sobre o amor, estabelecendo uma ordem discursiva que remete à falta. O sujeito em falta pelo amor, está imerso nessa condição de produção e, por consequência, nessa FD. Dentro dessa FD do amor em falta, localizamos a legitimidade das posições-sujeito do amante e do amado, objeto de análise no decorrer desta tese.

Para Coutto (2012), o discurso também pode ser considerado um jogo, porque o falar não significa apenas colocar a língua em movimento. Ao falar, o indivíduo se expõe, na medida em que faz escolhas e se filia a determinadas FDs. Ao mesmo tempo em que se coloca, está sujeito à aprovação e à reprovação de seus interlocutores. Para o sujeito, essa equação está resolvida no momento em que coloca em circulação as formações imaginárias, conforme mencionado, em função de supor saber o que fala e qual lugar ocupa ao dizer, bem como saber o lugar que ocupa seu interlocutor. No *site* analisado, o sujeito fala de si e, no momento em que se autoapresenta de uma dada forma, representa esse lugar para um interlocutor de quem ele julga também reconhecer o lugar e, portanto, os efeitos de sentido a que remeterão seu dizer. O modo como os sujeitos estabelecem os enunciados no *site ParPerfeito* pressupõe o reconhecimento de que aquilo que é dito será compreendido de forma tal que nenhum interlocutor poderá reconhecer outros efeitos de sentido senão aqueles que os usuários julgam controlar. Nesta direção, verificamos que a FD do amor em falta remete a um enunciado que direciona para uma imagem de sedução, de captura da atenção de seus possíveis interlocutores, uma vez que a única coisa que sabe desse suposto interlocutor é que busca a mesma coisa que ele, pois também está ali cadastrado nesse lugar

³⁰ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

³¹ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

de procura pelo amor. É a partir desses pressupostos que contextualizamos o *corpus* deste estudo.

1.2.2 O *corpus* e as sequências discursivas de referência (SDrs)

Vamos considerar que o ponto de partida da AD é a seleção de um *corpus* de pesquisa. Para Pêcheux (1983), o *corpus* é representado por um conjunto "fechado de sequências discursivas, selecionadas (o mais frequentemente pela vizinhança de uma palavra-chave que remete a um tema) num espaço discursivo supostamente dominado pelas condições de produção estáveis e homogêneas." (1983, p. 308). Para o autor, um *corpus* permite detectar e constituir um conjunto de sítios de identidade parafrásticas intersequenciais, qual seja: "enquanto pontos de variação combinatória, tais identidades parafrásticas formam o lugar de inscrição de proposições de base características do processo discursivo estudado." (1983, p. 309). Courtine (2009) compreende que: "a constituição de um *corpus* discursivo é, de fato, uma operação que consiste em realizar, por meio de um dispositivo material de uma certa forma (isto é, estruturado conforme certo plano), hipóteses emitidas na definição dos objetivos da pesquisa." (2009, p. 54).

Para a AD, a própria escolha do *corpus* já implica uma posição, razão pela qual, nos dizeres de Daltoé (2009), não se pode falar em um modelo universal de análise pré-determinado que possa ser aplicado independente do *corpus*, mas sim se trata "de uma metodologia que vai sendo construída na medida em que vão costurando aspectos teóricos que têm a ver com os objetivos do analista." (2009, p. 22). O caráter material da expressão escrita no meio digital - o texto que ali se constrói - requer uma organização particular para a produção e reprodução desses dizeres. Esse caráter material se dá pela compreensão de que o mundo não é um complexo de coisas acabadas, é compreender a própria identidade como um movimento da história. A autoapresentação no *site ParPerfeito* se faz como uma materialidade discursiva para este trabalho. Dessa forma, compreendemos que o texto ali postado representa uma unidade complexa de significação afetada pelas suas condições de realização/produção. Para Orlandi (2012), além de o texto ser uma unidade complexa de significação afetada pelas condições de realização, é também lugar do trabalho da linguagem (e de sua incompletude), de jogo de sentidos que ultrapassa o nível segmental, não é fechado em si mesmo. Continua a autora, "o texto é uma dispersão do sujeito. O sujeito se subjetiva de maneiras diferentes ao longo do texto." (ORLANDI, 2001, p. 70). Desse modo, é pelo texto que o analista chega ao discurso.

Através da materialidade linguística expressa em forma de texto, é possível examinar a discursividade, uma vez que um discurso é atravessado por vários outros discursos e, conseqüentemente, por diferentes posições-sujeito. Sendo assim, é a partir dos textos enunciados no momento do cadastro que é possível destacar o conteúdo das autoapresentações do *site*, consideradas, neste trabalho, como Sequências Discursivas de Referência (SDrs) as quais comporão o *corpus* do trabalho, o que Courtine (2009) define como "um filtro que opera por extrações sucessivas: extração de um campo discursivo determinado de um universal discurso, extração ou isolamento de sequências discursivas determinadas." (2009, p. 55).

As 36 SDrs³² (Apêndice A) foram selecionadas a partir das enunciações produzidas pelos usuários do *site* no momento em que fizeram seu cadastro. Por ser uma área destinada aos usuários do *site ParPerfeito* para falarem acerca de si, denominamos de autoapresentação, conforme já dissemos, os elementos de preenchimento deste cadastro. As SDrs incluem: *Nickname*, *frase de apresentação*, *apresentação pessoal e fale mais sobre você*³³. Sobre isso é importante esclarecer que não colocaremos em análise esses elementos separadamente, mas o conjunto do que forma o que estamos chamando de autoapresentação. Entendemos que a condição de produção do *site* permite se configurem discursos sobre o amor e interessa-nos analisar essa materialidade linguística que emerge desse lugar para compreendermos a posição-sujeito do amado e do amante. Essa condição do *site ParPerfeito* viabilizou o cotejamento de elementos que deram origem às SDrs, inscritas na FD do amor em falta. A possibilidade de enunciação no meio digital pode inaugurar uma nova forma de se falar sobre o amor, ou seja, um “novo” amor afetado pelo “velho”.

A partir de análise prévia, as SDrs foram agrupadas em três funcionamentos: funcionamento de tipo 1, que estamos denominando: a falta (o desejo); funcionamento de tipo 2, que estamos chamando: o pleno (amor); e funcionamento de tipo 3, o qual chamamos: o objeto (o corpo). Apresentaremos o agrupamento das 36 SDrs e no decorrer da análise serão retomadas à medida que se fizerem pertinentes.

1) Funcionamento do Tipo 1: as enunciações que remetem à ideia de falta, do desejo. Como destacamos acima, as SDrs desse funcionamento se filiam tanto a saberes da

³² Os dados foram coletados de 20 de dezembro a 29 de dezembro de 2013, por meio de transcrição fiel.

³³ Cabe esclarecer que estamos apresentando as SDrs tal como os sujeitos usuários do *site* a escreveram, estamos mantendo os “erros” gramaticais e respeitando a escolha dos usuários em relação a se autoapresentarem com as letras e formato de caixa alta ou caixa baixa.

FD da falta do amor, quanto à posição-sujeito amante, que é aquele que está em falta pelo amor, ou seja coloca-o na condição de desejante. As enunciações consideradas neste estudo como Funcionamento do tipo 1 são:

Quadro 1 - Funcionamento do tipo 1

SDr (sujeito)	Funcionamento do tipo 01 Falta - Desejo (demanda) Amante
01	Procuro um relacionamento sério. procuro alguém sincero e companheiro que queira um relacionamento sério.
02	Procura-se alguém que não diga se cuida , mas sim... eu cuido [...] Eu procuro alguém que não pegue no pé, mas que cuide, que ligue ou mande um recadinho só para dizer que está com saudades ou pensando em mim, que me faça sentir novamente o brilho nos olhos. Eu quero alguém para ser o meu primeiro pensamento do dia e o último antes de dormir.
03	Quero encontrar um grande amor!!!! esperando meu principe encantado!!!!
04	romantica e ainda acredito que irei encontrar alguém
05	TER A OPORTUNIDADE DE ENCONTRAR, UM HOMEM ESPECIAL !!! Do bem, carinhoso, trabalhador, companheiro, amante, amigo.
06	conhecer uma pessoa de deus com cata ter que seja verdadeiro
07	E REALMENTE PROCURO UM RELACIONAMENTO SÉRIO!!!
10	Alguém para somar...
12	a procura de um homem interessante, com conteúdo
13	OLÁ, CANSEI DE FICAR SO!! DEIXE AMAR VC? TBEM QUERO SER AMADA, ADOROO! quero agora pra mim alguém que me deixar amar, e me amar com toda intensidade, de uma forma que possa valer a pena, não passo por cima da vida, quero viver, e viver um grande amor agora é meu objetivo, quero me encontrar e se quiser tbém...
15	Oi, princesa!!! Vim aqui te fazer um pedido. Se tu fores compatível com o perfil que procuro. Não <i>hesite</i> , ta!!! Se, queres saber mais de mim? Contate-me!!!
16	Procuro uma conpanheira carinhosa,gentil,fiel que goste de curtir as coisas boa da vida.
17	so_quero. Tá Difícil!... Ninguém me quer... Cadê a tampa da minha panela? Acho que fabricaram sem a Tampa... Preciso de alguém ! Ninguém me quer ! Será voce a escolhida ?
18	procuro uma pessoa sincera, meiga, carinhosa, que goste de cuidar da pessoa que ame. que não sufoque com excessos de ciumes.
19	E espero te encontrar aqui.....

	Gostaria de encontrar uma pessoa bacana para poder compartilhar a minha vida , para poder me completarNinguém vive sóMas vou tentar aqui no <i>site</i> ,quem sabe encontre vc... A mulher da minha vida....
20	mas que sonha com uma mulher especial ! Será que vc ? (...)
21	quero conhecê-la
22	só quero alguém para amar e ser amado
23	com vc irei a qualquer lugar sem pensar.
24	Só quero um amor verdadeiro e sincero...!!!
25	Quero conhece-la gata!
26	ESTOU A PROCURA DE MINHA ALMA GEMEA PARA FAZE-LA, MUITO, MAS MUITO FELIZ AO MEU LADO.
27	... procuro um relacionamento serio !!!
29	Acredito que esse <i>site</i> possa ser eficaz para aproximar pessoas que tenham afinidade e sintonia, desde que sempre se diga a verdade! [...]
30	ONDE ESTÁ O MEU AMOR? QUE SERÁ QUE ELE FAZ DA VIDA? DEVE ESTÁ POR AI.

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora em dezembro de 2013, por meio de transcrição fiel.

2) Funcionamento do Tipo 2: dizeres que remetem à ideia de completude, de estar pleno de si, o que, em certa medida, negaria a falta. Ou seja, essa mesma FD do amor em falta permite que se deslizem dizeres que poderiam representar a sua negação. Entretanto, aqui queremos articular essa posição-sujeito como pertencente à mesma FD do amor em falta, pois mesmo se dizendo pleno de si, o fato de estar cadastrado no *site ParPerfeito* o coloca na posição daquele que está em falta pelo amor. Ou seja, a FD da falta possibilita pensar e representar discursivamente também a ideia da completude, assumida por um usuário do *site*, pertencente à posição-sujeito do amado. Aquele que possui a possibilidade de suprir a falta do desejante. As enunciações consideradas neste estudo como Funcionamento do tipo 2 são:

Quadro 2 - Funcionamento do tipo 2

SDr (sujeito)	Funcionamento do tipo 02 Pleno - Amor (completude) Amado
01	Curto a minha profissão e todos os desafios que ela me impõe a cada dia.Gosto

	muito de viajar, de bons filmes e livros. E você?
02	A conversa e o tempo mostrarão as possibilidades!
03	nunca e tarde para....ser feliz!!!!
04	Encontrar alguém assim como eu
05	DE BEM COM A VIDA !!!! E PRONTA PARA VIVÊ-LA EM TODA A SUA PLENITUDE....
06	amo meu trabalho meus filhos amo a vida. [...]
07	BEM COM A VIDA!!!!SINCERA E GOSTO DE PESSOAS VERDADEIRAS!!!
08	Amor, paixão
09	Se desejar saber algo mas sobre a minha pessoa acredito que com o tempo voce vai saber de tudo que for importante para uma relação é muito dificil falarmos de nos mesmo por esse motivo prefiro que o tempo responda as suas perguntas mas se for do seu desejo fazer algumas perguntas te responderei com muita alegria
10	Sou uma pessoa estável, de construir vínculos fortes e duradouros com quem estiver disponível e aberto para somar ... com alegria bom humor e algo mais rsrs...
11	Apaixonada pela vida. Olá, adoro curtir a vida, sair, viajar, badalar mas também curto um relax em casa, um bom livro ou filme e comer pipoca
12	"O senhor é meu pastor e nada me faltará."
13	Ola, sou uma mulher feliz. [...]Mas se achar que vale a pena me convença, bjssssss
14	ola quem quizer ter um relacionamento seriu estarei aqui mas tudo na vida tem que ser natural adoro praia e tudo que e bom
15	Estou aqui!! Sou abençoado... Amo o que faço!!! [...]Se eu despertei certa curiosidade em ti e quiseses me conhecer melhor. Seja rápida!!! Aproveita agora!!! Olha hein!!! Igual a mim, não existe outro!!! Depois não adianta chorar... Aproveita!!! rsrsrsrs... [...]
19	Meu nome diz como chegar ao caminho certo, não é difícil..... Me sinto muito bem comigo mesmo...Gosto de coisas simples da vida
20	Bom humor isso eu tenho pra dar, se desse pra vender eu tava rico, rsrsrs Gosto de animais e de pessoas também ! Mas prefiro ter poucos amigos mas verdadeiros, meu hobby é cozinhar para pessoas de quem eu gosto
21	estou diponível no momento .[...] acredito d no poder das palavras , então vc me diz a verdade e eu retribuo , assim como tudo que seja ofertado pelo outro. . Podemos iniciar um relacionamento casual , mas , nada impede que possamos evolui p/ o amor
22	não tenho muito a dizer pois gosto de falar de mim frente a frente com a pessoa que eu quero conhecer pois se vc estiver jantando comigo olhando meu rosto e em

	meu olhs e porque vc foi escolhida.
23	nao quero ser convensido mas gostaria de uma chance com vc . nao tenho nada pra falar de mim gostaria que vc descobrisse minhas qualidades se nao quizer falar comigo entenderei
24	Adoro me divertir Sair com pessoas que tenho amizade E fazer novas amizade ...!?
26	QUERO LHE DAR MUITO AMOR E CARINHO! DE BEM COM A VIDA, PROCURO FAZER A DIFERENÇA,
27	: [...]A vida de solteiro e maravilhosa mas nao quando o preço que si si paga e a Solidao
28	solução dos seus problemas
29	Sensibilidade e inteligência. Posso te proteger e realizar seus desejos mais secretos, desde os mais comportados até os mais ousados. Sou bem resolvido, sem as neuroses comuns dos homens, equilibrado,
30	! ADORO FALAR DE POLÍTICA, RELIGIÃO, MÚSICA, MULHER E FUTEBOL, QUER VER? PUXA ASSUNTO MY SISTER!
32	...dizem que nao aparento a idade que tenho.....
36	Gorilasensível. CORPO DE GORILA, MENTE DE FILOSOFO.mas certamente tenho conteúdo, sou razoavelmente inteligente, boa formação intelectual e muito gentil e carinhoso com quem assim o for comigo Falante, bom dominio de todos os assuntos, romantico e muito carinhoso, não sou lindo de morrer, mas também não sou feio de matar. Eu diria um Charles Bronson calvo

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora em dezembro de 2013 por meio de transcrição fiel.

3) Funcionamento do Tipo 3: aqui foram extraídos os dizeres que permitem a construção da representação de uma imagem-corpo, um corpo que se constitui a partir de uma representação discursiva e imagética e que, de certa forma, ocupa o lugar do objeto do desejo ao se falar sobre o amor. Vamos considerar que a FD do amor em falta permite a localização das duas posições-sujeito: amante/amado e que da movência dessas posições emerge a possibilidade de construção do que estamos chamando de **corpo metálico**. As enunciações consideradas neste estudo como Funcionamento do tipo 3 são:

Quadro 3 - Funcionamento do tipo 3

SDr (sujeito)	Funcionamento do tipo 03 Objeto - corpo
01	Sou uma pessoa romântica e verdadeira
02	Tenho inúmeros defeitos, mas tenho certeza de que podem ser minimizados pelas qualidades. Acho que é interessante descobrir um e outro.
03	Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma.
04	Sou muito sincera e carinhosa,e romântica
05	Do bem, carinhoso, trabalhador, companheiro,amante, amigo.
06	sou muito simples
07	SOU UMA MULHER COMUM,SIMPLES,SORRIDENTE
08	Sou carinhosa, divertida e atraente
09	Apenas uma pessoa com a alegria de uma criança; a malícia de uma adolescente; e sentimento de mulher . Sou uma pessoa verdadeira não gosto de jogos. [...]
10	Sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica Gosto de estímulos intelectuais, um bom jantar ou uma roda de amigos para simplesmente rir...
12	"Companheira, amiga, sincera
13	Espero vc homem inteligente, cheiroso, carinhoso que tenha a família, e Deus como base de tudo, que saiba o que quer e como quer!! [...] Não acredito muito em amores a distancia, Quero o meu bem perto de mim, posso não responder,
14	sou alegre divertida qaundo me convem sou brava qaundo me provocao sou aquilo que querem que eu seja depende de suas atitudes
15	Tenho muitas qualidades. Mas, tenho os meus defeitos também. Só não me pergunte quais são eles, porque, eu só os descubro quando erro. E, uma das minhas qualidades é que, se eu me der conta de que errei. Por mais que doa. Eu, assumo!!! E, assim vou vivendo...
16	Estou virtual,dependo de vc para si torna real.(...)
18	SOU MUITO ROMÂNTICO, GOSTO DE CURTIR UM PASSEIO A DOIS, JANTAR A LUZ DE VELAS, FAZER UM PIQUE-NIQUE, CURTO CHÁCARAS, SÍTIOS, PRAIAS.. GOSTO DE DAR PRESENTES.
19	As fotos dizem quase tudo como eu estou ..kkk...Acho que eu estou bem..kkk..O que vc acha ?...
20	Sou um homem maduro que sabe o que quer, carinhoso e atencioso um companheiro fiel, tenho os pés no chão,
22	como já falei gosto de falar olhando nos olhos da mulher se isto acontecer e porque o destino te colocou em meu caminho

23	talvez vc possa nao me achar uma pessoa atraente a primeira vista mas depois que me conhecer ira mudar de opiniao
24	[...]Adoro.. pessoas Honestas e verdadeira... Sou Daniel... Sou uma pessoa romântica e sensata [..]
25	Sou simpatico, extrovertido, gosto de conversa, sorrir, conhecer pessoas, ir a lugares bons e aconchegantes,bem sou simples, mas gosto de uma boa conversa, um bom filme, passear de mão dada, cinema, teatro, viajar quando posso e gosto de mulheres simpaticas e roamticas e sensuais e meigas!
26	SOU SINCERO, ROMANTICO, CARINHOSO, CHARMOSO, SIMPATICO,
28	ai se eu te pego.
29	e me encanto com as raríssimas mulheres que também tenham estas características É difícil falar sobre isso sem parecer pretencioso. Mas vamos lá. Não abro mão de ser educado, carinhoso, bem informado e culto. (...)
30	MODÉSTIA PARTE, EU SOU O CARA!
31	nem alta, nem baixa, nem gorda nem magra,
32	muiigata Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..tipo fisico magro
33	sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica.
34	Ah!! apenas uma mulher ... Com jeito de menina ou Uma menina com jeito de mulher...
35	bonito tesão
36	Bem...não sou um homem bonito, pouca altura, calvo, peludo, um gorilinha mesmo.... Gosto muito de sexo, mas com alguém que realmente esteja comigo, para não termos qualquer tipo de preocupação e podermos nos entregar completamente, sem entraves. Adoro beijar, e para isso Deus me deu uma boca carnuda e macia.

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora em dezembro de 2013, por meio de transcrição fiel.

A partir da análise dos funcionamentos das SDRs, evidenciamos a necessidade de apresentá-las de forma horizontalizada, para que possamos visualizar os três tipos de funcionamento, e evidenciando como é possível apreender também a simultaneidade desses funcionamentos no discurso de um mesmo usuário do *site ParPerfeito*. Isso deixa pistas para percorrer a porosidade e inclusive a mudança na posição-sujeito, numa mesma FD. Como mencionamos, podemos observar que, a partir da FD do amor em falta, o sujeito, no momento da enunciação, alterna sua posição-sujeito, ora como faltante (posição-sujeito

amante), ora como pleno de si (posição-sujeito amado), permitindo a construção de uma imagem-corpo capaz de suprir o que o sujeito diz lhe faltar.

Quadro 4 - Simultaneidade dos Funcionamentos 1,2 e 3

SDr (sujeito)	Funcionamento do tipo 01 Falta - Desejo (demanda) Amante	Funcionamento do tipo 02 Pleno - Amor (completude) Amado	Funcionamento do tipo 03 Objeto - corpo
01	Procuro um relacionamento sério. procuro alguém sincero e companheiro que queira um relacionamento sério.	Curto a minha profissão e todos os desafios que ela me impõe a cada dia.Gosto muito de viajar, de bons filmes e livros. E você?	Sou uma pessoa romântica e verdadeira
02	Procura-se alguém que não diga se cuida , mas sim... eu cuido [...] Eu procuro alguém que não pegue no pé, mas que cuide, que ligue ou mande um recadinho só para dizer que está com saudades ou pensando em mim, que me faça sentir novamente o brilho nos olhos. Eu quero alguém para ser o meu primeiro pensamento do dia e o último antes de dormir.	A conversa e o tempo mostrarão as possibilidades!	Tenho inúmeros defeitos, mas tenho certeza de que podem ser minimizados pelas qualidades. Acho que é interessante descobrir um e outro.
03	Quero encontrar um grande amor!!!! esperando meu principe encantado!!!!	nunca e tarde para....ser feliz!!!!	Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma.
04	romantica e ainda acredito que irei encontrar alguém	Encontrar alguém assim como eu	Sou muito sincera e carinhosa,e romântica
05	TER A OPORTUNIDADE DE ENCONTRAR, UM HOMEM ESPECIAL !!! Do bem, carinhoso, trabalhador, companheiro,amante, amigo.	DE BEM COM A VIDA !!!! E PRONTA PARA VIVÊ-LA EM TODA A SUA PLENITUDE....	Do bem, carinhoso, trabalhador, companheiro,amante, amigo.
06	conhecer uma pessoa de deus com cata ter que seja verdareiro	amo meu trabalho meus filhos amo a vida. [...]	sou muito simples
07	E REALMENTE PROCURO UM RELACIONAMENTO SÉRIO!!!	BEM COM A VIDA!!!!SINCERA E GOSTO DE PESSOAS VERDADEIRAS!!!	SOU UMA MULHER COMUM,SIMPLES,S ORRIDENTE

08		Amor, paixão	Sou carinhosa, divertida e atraente
09		Se desejar saber algo mas sobre a minha pessoa acredito que com o tempo voce vai saber de tudo que for importante para uma relação é muito difícil falarmos de nos mesmo por esse motivo prefiro que o tempo responda as suas perguntas mas se for do seu desejo fazer algumas perguntas te responderei com muita alegria	Apenas uma pessoa com a alegria de uma criança; a malícia de uma adolescente; e sentimento de mulher . Sou uma pessoa verdadeira não gosto de jogos. [...]
10	Alguém para somar...	Sou uma pessoa estável, de construir vínculos fortes e duradouros com quem estiver disponível e aberto para somar ... com alegria bom humor e algo mais rsrs...	Sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica Gosto de estímulos intelectuais, um bom jantar ou uma roda de amigos para simplesmente rir...
11		Apaixonada pela vida. Olá, adoro curtir a vida, sair, viajar, badalar mas também curto um relax em casa, um bom livro ou filme e comer pipoca	
12	a procura de um homem interessante, com conteúdo	"O senhor é meu pastor e nada me faltará."	"Companheira, amiga, sincera
13	OLÁ, CANSEI DE FICAR SO!! DEIXE AMAR VC? TBEM QUERO SER AMADA, ADOROO! quero agora pra mim alguém que me deixar amar, e me amar com toda intensidade, de uma forma que possa valer a pena, não passo por cima da vida, quero viver, e viver um grande amor agora é meu objetivo, quero me encontrar e se quiser tbém...	Ola, sou uma mulher feliz. [...]Mas se achar que vale a pena me convença, bjssssss	Espero vc homem inteligente, cheiroso, carinhoso que tenha a família, e Deus como base de tudo, que saiba o que quer e como quer!! [...] Não acredito muito em amores a distancia, Quero o meu bem perto de mim, posso não responder,
14		ola quem quiser ter um relacionamento seriu estarei aqui mas tudo na vida tem que ser natural adoro praia e tudo que e bom	sou alegre divertida qaundo me convem sou brava qaundo me provocao sou aquilo que querem que eu seja depende de suas atitudes

15	Oi, princesa!!! Vim aqui te fazer um pedido. Se tu fores compatível com o perfil que procuro. Não hesite, ta!!! Se, queres saber mais de mim? Contate-me!!!	Estou aqui!! Sou abençoado... Amo o que faço!!! [...]Se eu despertei certa curiosidade em ti e quiseses me conhecer melhor. Seja rápida!!! Aproveita agora!!! Olha hein!!! Igual a mim, não existe outro!!! Depois não adianta chorar... Aproveita!!! rrsrrsrs... [...]	Tenho muitas qualidades. Mas, tenho os meus defeitos também. Só não me pergunte quais são eles, porque, eu só os descubro quando erro. E, uma das minhas qualidades é que, se eu me der conta de que errei. Por mais que doa. Eu, assumo!!! E, assim vou vivendo...
16	Procuro uma conpanheira carinhosa,gentil,fiel que goste de curtir as coisas boa da vida.		Estou virtual,dependo de vc para si torna real.(...)
17	so_quero. Tá Dificil!... Ninguém me quer... Cadê a tampa da minha panela? Acho que fabricaram sem a Tampa... Preciso de alguém ! Ninguém me quer ! Será voce a escolhida ?		
18	procuro uma pessoa sincera, meiga, carinhosa, que goste de cuidar da pessoa que ame. que não sufoque com excessos de ciúmes.		SOU MUITO ROMÂNTICO, GOSTO DE CURTIR UM PASSEIO A DOIS, JANTAR A LUZ DE VELAS, FAZER UM PIQUE-NIQUE, CURTO CHÁCARAS, SÍTIOS, PRAIAS.. GOSTO DE DAR PRESENTES.
19	E espero te encontrar aqui..... Gostaria de encontrar uma pessoa bacana para poder compartilhar a minha vida , para poder me completarNinguém vive sóMas vou tentar aqui no site ,quem sabe encontre vc... A mulher da minha vida....	Meu nome diz como chegar ao caminho certo, não é difícil..... Me sinto muito bem comigo mesmo...Gosto de coisas simples da vida	As fotos dizem quase tudo como eu estou ..kkk...Acho que eu estou bem..kkk..O que vc acha ?...
20	mas que sonha com uma mulher especial ! Será que vc ? (...)	Bom humor isso eu tenho pra dar, se desse pra vender eu tava rico, rrsrrs Gosto de animais e de pessoas também ! Mas prefiro ter poucos amigos mas verdadeiros, meu hobby é cozinhar para pessoas de quem eu gosto	Sou um homem maduro que sabe o que quer, carinhoso e atencioso um companheiro fiel, tenho os pés no chão,

21	quero conhecê-la	estou disponível no momento [...] acredito d no poder das palavras , então vc me diz a verdade e eu retribuo , assim como tudo que seja ofertado pelo outro. . Podemos iniciar um relacionamento casual , mas , nada impede que possamos evolui p/ o amor	
22	só quero alguém para amar e ser amado	não tenho muito a dizer pois gosto de falar de mim frente a frente com a pessoa que eu quero conhecer pois se vc estiver jantando comigo olhando meu rosto e em meu olhs e porque vc foi escolhida.	como já falei gosto de falar olhando nos olhos da mulher se isto acontecer e porque o destino te colocou em meu caminho
23	com vc irei a qualquer lugar sem pensar.	nao quero ser convensido mas gostaria de uma chance com vc . nao tenho nada pra falar de mim gostaria que vc descobrisse minhas qualidades se nao quizer falar comigo entenderei	talvez vc possa nao me achar uma pessoa atraente a primeira vista mas depois que me conhecer ira mudar de opinião
24	Só quero um amor verdadeiro e sincero...!!!	Adoro me divertir Sair com pessoas que tenho amizade E fazer novas amizade ...!?	[...]Adoro.. pessoas Honestas e verdadeira... Sou Daniel... Sou uma pessoa romântica e sensata [...]
25	Quero conhece-la gata!		Sou simpatico, extrovertido, gosto de conversa, sorrir, conhecer pessoas, ir a lugares bons e aconchegantes,bem sou simples, mas gosto de uma boa conversa, um bom filme, passear de mão dada, cinema, teatro, viajar quando posso e gosto de mulheres simpaticas e roamntricas e sensuais e meigas!
26	ESTOU A PROCURA DE MINHA ALMA GEMEA PARA FAZE-LA, MUITO, MAS MUITO FELIZ AO	QUERO LHE DAR MUITO AMOR E CARINHO! DE BEM COM A VIDA,	SOU SINCERO, ROMANTICO, CARINHOSO, CHARMOSO,

	MEU LADO.	PROCURO FAZER A DIFERENÇA,	SIMPATICO,
27	... procuro um relacoinamento serio !!!	: [...]A vida de solteiro e maravilhosa mas nao quando o preço que si si paga e a Solidao	
28		solução dos seus problemas	ai se eu te pego.
29	Acredito que esse <i>site</i> possa ser eficaz para aproximar pessoas que tenham afinidade e sintonia, desde que sempre se diga a verdade! [...]	Sensibilidade e inteligência. Posso te proteger e realizar seus desejos mais secretos, desde os mais comportados até os mais ousados. Sou bem resolvido, sem as neuroses comuns dos homens, equilibrado,	e me encanto com as raríssimas mulheres que também tenham estas características É difícil falar sobre isso sem parecer pretencioso. Mas vamos lá. Não abro mão de ser educado, carinhoso, bem informado e culto. (...)
30	ONDE ESTÁ O MEU AMOR? QUE SERÁ QUE ELE FAZ DA VIDA? DEVE ESTÁ POR AI.	! ADORO FALAR DE POLÍTICA, RELIGIÃO, MÚSICA, MULHER E FUTEBOL, QUER VER? PUXA ASSUNTO MY SISTER!	MODÉSTIA PARTE, EU SOU O CARA!
31			nem alta, nem baixa, nem gorda nem magra,
32		...dizem que nao aparento a idade que tenho.....	muiigata Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..tipo fisico magro
33			sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica.
34			Ah!! apenas uma mulher ... Com jeito de menina ou Uma menina com jeito de mulher...
35			bonito tesão
36		Gorilasensível. CORPO DE GORILA, MENTE DE FILOSOFO.mas certamente tenho conteúdo, sou razoavelmente inteligente, boa formação intelectual e muito gentil e carinhoso	Bem...não sou um homem bonito, pouca altura, calvo, peludo, um gorilinha mesmo.... Gosto muito de sexo, mas com alguem que realmente esteja comigo, para não

		com quem assim o for comigo Falante, bom domínio de todos os assuntos, romântico e muito carinhoso, não sou lindo de morrer, mas também não sou feio de matar. Eu diria um Charles Bronson calvo	termos qualquer tipo de preocupação e podermos nos entregar completamente, sem entraves. Adoro beijar, e para isso Deus me deu uma boca carnuda e macia.
--	--	---	--

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora em dezembro de 2013, através de transcrição fiel.

Encontramos em Lacan (1992 e 2010) o embasamento para identificar e compreender dois desses três tipos de funcionamento: quando fala de amor, Lacan (1992 e 2010), ao identificar claramente a posição de amado e de amante, articula essas posições, demarcando que a base do amor é a falta, o que auxilia na localização da FD do *corpus*, bem como das posições-sujeitos amante e amado que encontramos nessa FD.

Para Lacan (1992), existe amor porque existe um desejo, e esse desejo expressa aquilo que ele denomina de falta. E foi a partir deste princípio que nomeamos a FD, em análise neste estudo, como FD do amor em falta. Nesse sentido, o discurso sobre o amor se instaura através de um sujeito marcado por essa falta. Nessa perspectiva, o autor destaca as posições do amante e do amado e, em relação ao amor, ainda articula a aproximação com o desejo, pois, para ele, só há amor quando há falta e só há falta porque há desejo: "o desejo encontra comumente, no ato, antes o seu colapso que sua realização, e na melhor das hipóteses o ato só apresenta ao desejo sua proeza, seu gesto heróico." (LACAN, 1992, p. 14).

Dessa maneira, encontramos, ao analisar os discursos de autoapresentação do *site ParPerfeito*, aquilo que é expresso por Lacan (1992): o objeto de desejo, ou sua apreensão é o que menos importa; o mais importante é o percurso que leva o sujeito na busca do seu objeto de desejo, o qual reside na mobilização do próprio desejo. Propomos, inicialmente, que, no percurso do desejo ao objeto, o que verdadeiramente importa e, queremos destacar nesta tese, é o que estamos chamando de *tour*³⁴ que se estabelece em torno do desejo, haja vista que os objetos só servem para alimentar esse circuito, mascarando a natureza eterna de sua busca. A busca pelo objeto perdido. Que será discutida mais adiante.

³⁴ Denominado por Wine (1992) como o circuito que o sujeito opera entre o desejo e aquilo que o liga ao objeto de desejo.

A falta determinada pelo desejo, ou por aquilo que o determina, insere o sujeito num vazio, e esse vazio é insuportável. Segundo Wine (1992), é nesse vazio que o homem se insere no simbólico, uma vez que é impossível apalpar o real. Nesse sentido, para o autor, emerge um corpo falante que se representa como linguagem e é exatamente aí que se encontra o sujeito, no trânsito entre o real e o simbólico.

Outro ponto que destacamos para compreender o funcionamento das SDRs é que, nesse *site* de relacionamento, as pessoas constroem enunciados acreditando que é possível controlar os efeitos de sentido. Os usuários do *site ParPerfeito* se esforçam para promover uma imagem de si, julgando controlar a construção que os leitores farão dessa imagem. Ao construírem seu perfil, os usuários intentam despertar o interesse de um suposto parceiro e o *site* em estudo permite a construção de uma imagem que corresponde a um ideal de sedução: a escolha das palavras, a construção das frases atendem a um único objetivo que é se fazer objeto de desejo para aquele que as lê. Quando o sujeito diz quem é, como é, do que gosta e o que procura, demarca-se numa construção imaginária para o outro. Tal imagem é projetada na expectativa de se tornar atraente aos potenciais parceiros que lerão as informações, dando origem a essa imagem de corpo que aqui estamos denominando de **corpo-metálico**. As autoapresentações, então, passam a ser o artifício daquilo que o sujeito compreende como estratégia eficaz de sedução, e isso se dará em discurso. De alguma forma, procuram despertar o interesse do parceiro por meio de um jogo de palavras e expressões, entre o dito e o subentendido, entre o revelado e o oculto, já que parece ser objetivo desse usuário encontrar um parceiro amoroso.

Podemos observar, dessa forma, que a autoapresentação acaba assumindo a finalidade de substituir o corpo que se encontra ausente. Ou melhor dizendo, cria, por representação, o que estamos denominando nesta tese como uma **imagem-corpo** que dá origem ao **corpo-metálico**. O efeito da imagem-corpo permite que a ausência do corpo físico, o não-corpo, seja preenchido pela construção do corpo simbólico, do corpo representado no meio digital: um corpo discursivizado. Os enunciados construídos possibilitam deslocamentos e deslizos de um corpo que se constitui pelo discurso, sem contornos precisos. Nesse cenário, o *site* em estudo faz um convite a representar uma imagem de outro (quando o usuário diz o que quer) e de si mesmo idealizado (quando o mesmo usuário diz como é), conforme destacamos anteriormente em relação às posições A e B das formações imaginárias que atravessam essa construção da imagem-corpo. Logo, é pensar num corpo oculto que insiste em se presentificar.

Sendo assim, partindo dos enunciados destacados neste estudo, pretendemos identificar esses mecanismos que vão desde a manifestação do desejo pela demarcação da falta – posição-sujeito amante – a uma construção discursiva de plenitude – posição-sujeito amado (seja como simulação da falta ou como representação simbólica do pleno). E ainda a constituição de um corpo-metálico que se constrói simbolicamente pelo discurso.

2 A METADE PERDIDA

O discurso sobre o amor, como estamos compreendendo, configura-se pela ordem da falta. Quando posta em palavras no *site* em estudo, essa falta fica carregada de significações da procura pelo amor. No discurso pela busca do amor, encontramos o título do *site*: *ParPerfeito* que deixa pistas de um discurso que remete à ideia de metade complementar, da metade perdida ou mesmo, da ideia de “alma gêmea”, quando popularmente se fala de amor. Neste capítulo, daremos especial atenção ao mito de Aristófanes, que foi utilizado para compreender a construção discursiva presente no *site* estudado. Também abordaremos, neste capítulo, o paradoxo da completude/incompletude daquele que fala de amor no *site* de relacionamento *ParPerfeito*. Finalizamos o capítulo apresentando nossas considerações sobre o dígito falho (Orlandi, 2012), que marca a presença e a interpelação do inconsciente sobre o discurso que se faz presente no meio digital.

2.1 AQUILO QUE ME FALTA

O discurso sobre o amor está presente em inúmeras narrativas ao longo da história. Pessanha (1988), em *O Sentido das Paixões*, aborda as várias faces do amor para a história da filosofia, destacando o texto *O Banquete*³⁵ de Platão por estabelecer um elo fundamental entre amor e discurso. Segundo Pessanha (1988), amor e fala, amor e discurso, amor e palavra estão intrinsecamente e definitivamente interligados, e explica: "há, para Platão, uma estreita vinculação entre as diversas formas de amor e as respectivas linguagens que falam do amor e como que do amor se fala." (1988, p. 77). Em outras palavras, significa dizer que o amor é apreendido como discurso e, como tal, deixa marcas que permitem o estabelecimento de múltiplos sentidos.

Ao refletirmos sobre essa relação do amor com aquilo que se diz sobre ele, vamos compreender, como destacamos anteriormente segundo Barthes (1986), que o discurso sobre o amor está carregado de opacidade e demarcado frequentemente em torno da

³⁵ *O Banquete* de Platão é um texto que narra os diálogos na casa de Agatão, envolvendo as várias perspectivas do amor. Segundo Pessanha (1998), neste texto Platão já faz a aproximação do amor ao discurso quando, na introdução, refere que o êxtase realizado pela comida e pela bebida é agora substituído pelo poder inebriante da palavra.

falta. Barthes (1986) ainda destaca que aquilo que insiste em aparecer em discurso sobre o amor percorre esse viés de sua própria falta.

Queremos pontuar que o discurso sobre o amor se mantém em contínua referência desde os registros da antiguidade e vai se deslizando e assumindo formas de enunciação diversas. Sob esse aspecto, os dizeres sobre o amor, paixões, sedução sempre foram enaltecidos pela arte, pelo cinema, pela literatura e mesmo pela ciência, encontrando múltiplas e variadas formas de expressão que lhe delegam o estatuto de mola propulsora da vida e das relações.

Em relação aos dizeres sobre o amor, há uma forte influência de origem grega na qual encontramos as principais acepções de amor as quais, segundo Quadros (2011), são representadas por: Eros (Platão); Fília (Aristóteles) e posteriormente Ágape (Cristãos – Novo Testamento). Nosso destaque recai sobre o amor Eros, uma vez que entendemos que é esse tipo de amor, aquele representado pelo erótico, que promove os enunciados presentes no *site* de relacionamento *ParPerfeito*. Tomamos a significação de Eros para falar sobre o amor erótico como aquele amor que está atrelado às significações de afeto que envolvem o par amoroso.

O amor Eros é aquele definido como “uma força que toda a existência se realiza na ação” (QUADROS, 2011, p. 166) e, para que se realize na ação, precisa do outro para se concretizar. Lázaro (1997, p. 17), ao falar da relação de amor, define a representação de Eros como: “uma força capaz de superar limites, um vigor que organiza o mundo e conduz os homens”. Ou seja, com relação ao amor Eros, podemos identificar uma ligação com o que Lacan (2010) afirma: para a existência do amor, é necessária a existência do par amoroso, ou seja, há que se localizar uma relação estabelecida entre o par amante e amado, a qual, por sua origem, é o amor relacionado ao desejo: nosso interessa neste estudo.

Nesse sentido, trazemos aqui a metáfora de *O Banquete* de Platão para chegar às representações sobre o amor. Daremos destaque ao mito do Aristófanes aquele que fala do amor partido em duas metades, que faz alusão ao nome do *site* posto em estudo: *ParPerfeito*. Nas enunciações que estão presentes nesse *site* de relacionamento não é diferente. Os dizeres presentes na própria imagem de apresentação do *site ParPerfeito* atenta para marcas linguística que ligam os discursos ali proferidos à memória discursiva do amor partido, quando se fala sobre o amor, como expresso por meio da figura:

Figura 3 Os dizeres presentes da pagina inicial do Site *ParPerfeito*



Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

Destacamos como elementos de análise os trechos da figura: *Encontre seu verdadeiro amor* e *Namore agora* como marcas de um discurso imperativo que remete a um sentido de ordem para os usuários do site *ParPerfeito* qual seja: encontre sua metade perdida.

Essa forma imperativa de interpelação dos usuários pelo site, pode ser compreendida a partir de Foucault (1999, p 38) para quem existem “procedimentos que permitem controles aos discursos, conferindo uma espécie de limite ao que é dito, funcionando como um sistema complexo de restrição.” Estabelecendo uma relação com o discurso imperativo do site, e em consonância com Foucault (2008), compreendemos que o discurso imperativo se cria num campo de forças tal que não pode ser criado a partir de um sujeito falante, a partir unicamente de sua palavra. Este campo de forças em que está imerso esse discurso imperativo, funciona como uma ordem ao sujeito e, como tal, o sujeito se vê impelido a obedecer.

No contexto do site em estudo, o discurso imperativo surge como constituinte de modos de externalização regularizados pelas determinações da própria FD do amor em falta. E, nestes termos, consideramos que a força do discurso imperativo define gestos e circunstâncias e todo um conjunto de signos que devem acompanhar determinado discurso e, por esta razão, fixa uma regularidade e uma espécie de imposição das palavras e, sobretudo, fixa efeitos de sentido, que apresentam certos limites em virtude do grau de coerção que o modo imperativo exerce sobre os sujeitos. Logo, podemos analisar que os enunciados do site *ParPerfeito* apontam para essa direção quando os usuários utilizam as palavras: *quero encontrar*, *procuro*, entre outras que indicam que esse sujeito do site “finge que obedece”. Este fingimento se mostra na medida em que ao mesmo tempo em que diz procurar

(obedecendo) diz estar pleno de si (fingindo que obedece), como veremos na análise de outros aspectos neste trabalho.

Para Tfouni (2014, p. 33), esse tipo de enunciado imperativo funciona como um convite sedutor, “é uma interpelação ao sujeito em forma de palavra de ordem, disfarçada de convite.” A autora ainda afirma que a palavra de ordem resume o fim a ser atingido e oferece um conteúdo preciso, é puro imperativo, “não pretende convencer ninguém, mas dirigir pessoas já convencidas a um objetivo.” (TFOUNI, 2014, p. 33). Desse modo, podemos compreender que as palavras utilizadas pelo *site ParPerfeito* funcionam para o sujeito como essa ordem, ou melhor dizendo, como uma garantia que assegura a concretude daquilo que se busca: *Namore Agora*. Contudo, como vimos há uma desobediência que atravessa esse discurso.

A memória discursiva, de acordo com o que postula Orlandi (2009), é aquilo que pertence à ordem do já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. Sobre esse aspecto, podemos destacar o nome do *site ParPerfeito*, remetendo a memória discursiva do mito de Aristófanes. Nesse sentido, em todo discurso, encontramos no, interdiscurso, aquilo que disponibiliza os dizeres os quais, por sua vez, afetam o modo como o sujeito se faz significar em uma dada situação discursiva. A autora também afirma que “o interdiscurso é aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente (...). Todos esses sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes, têm um efeito sobre o que se diz.” (2009, p. 31).

Esse já-dito presente na FD do amor em falta pode ser entendido como interdiscurso que confere uma relação imediata com o que se diz em um dado momento. Orlandi (2009) menciona que é a relação entre o interdiscurso e o intradiscurso que permeia a formulação dos dizeres, bem como a constituição de sentidos. Dessa forma, podemos entender o interdiscurso como essa memória que se faz presente de forma inconsciente no momento da enunciação, e o intradiscurso é aquilo que se atualiza no dizer, ou seja, “é aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.” (ORLANDI, 2009, p. 33). Para Orlandi (2009), todo dizer se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (interdiscurso – constituição) e o da atualidade (intradiscurso – formulação) e é desse jogo que se tiram seus sentidos. Considerar que o discurso tem uma memória equivale a dizer que ele nasce contaminado por outros discursos que se repetem ou se modificam. Essa repetição, esse deslizamento, para Lima (1999), não é intencional e nem é um movimento totalmente consciente do sujeito falante. Somente uma parte do dizível é

acessível ao sujeito, pois mesmo aquilo que ele não diz (que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras.

A metáfora de *O Banquete* é interessante para observarmos o deslizamento que Platão promoveu em relação à substituição da comida e da bebida pelo discurso. A esse respeito, Pessanha (1998) diz: é nesse contexto que Platão introduz sua narrativa sobre o amor. Em *O Banquete*, várias são as considerações sobre o amor. Interessa-nos, nesta tese, o que foi dito por Aristófanes ao assumir a palavra.

Aristófanes, segundo Pessanha (1998), inicia seu discurso, sustentando a ideia de que a humanidade vive na busca por sua metade perfeita e perdida, que foi cindida pela fúria de Zeus e isso, para ele, é a definição de amor. Aqui cabe retomar a figura 01, conforme mostramos anteriormente, que apresenta dois corpos separados por um coração, ao mesmo tempo em que o nome adotado pelo site: *ParPerfeito* faz alusão a essa ideia de incompletude, ou melhor dizendo, do amor que espera por sua metade complementar que, por alguma razão, sofreu essa cisão.

Nos dizeres de Pessanha (1998), segundo Aristófanes, existia na humanidade, além do homem e da mulher, um ser chamado andrógênio. Esse ser era representado por uma esfera que detinha em si tudo de que precisava, ou seja, era um ser pleno de si e em si. O andrógênio possuía em si mesmo o feminino e o masculino, de forma que se bastava em si mesmo, remetendo à ideia de completude. Por tais características, descrevia Aristófanes, era o mais poderoso e completo dos seres, movia-se facilmente em qualquer direção por sua forma esférica e nada lhe faltava, pois continha em si tudo que precisava. Em outras palavras, podemos inferir que esse ser nunca se sentiu em falta. Aristófanes continua sua narrativa dizendo que todo esse poder se manifestava com certa arrogância, razão pela qual acabou por enfurecer Zeus (o pai de todos os deuses na mitologia grega) que, como castigo a essa pretensa petulância, fracionou o andrógênio ao meio.

A partir do feito de Zeus, esse ser esférico e pleno ficou partido, incompleto e fadado a procurar pela humanidade inteira sua metade perdida. Para Aristófanes, é diante do castigo de Zeus que nasce a incompletude do amor e a busca incessante dos homens por sua metade perdida, metaforizado por discursos do senso comum, tais como: *alma gêmea*, *metade da laranja*, *tampa da panela*, motivo pelo qual encontramos no nome do site *ParPerfeito* pistas do deslizamento discursivos do mito narrado em *O Banquete*, remetendo a essa memória discursiva quando se fala sobre o amor. Lacan (1998 e 2010), no seminário 8, também se refere a *O Banquete* e aos dizeres de Aristófanes, para situar o amor no terreno

do desejo, ou seja, na ordem da falta, o que remete à ideia de que os discursos se constituem a partir de outros dizeres.

Em relação à memória discursiva, Pêcheux (2009) propõe a distinção entre pré-constituído e articulação. O primeiro seria o que define como "o sempre-já-aí" da interpelação ideológica que oferece uma universalização da realidade e do sentido. Isso pode ser observado nas autoapresentações que se constituem em torno da procura do amor. O segundo seria "o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela apresenta, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito" (PÊCHEUX, 2009, p. 151). Nesse caso, vale ressaltar o discurso do sujeito, tomado pela ilusão de que se sustenta em si mesmo, o que nada mais é do que um caso de paráfrases e reformulações constitutivas de uma formação discursiva e que permite que haja certa correspondência entre os sujeitos. Voltando às SDRs apresentadas no início do capítulo, o uso dos verbos: *procuro* (SDr 01), *procura-se* (SDr 02) e *busco encontrar* (SDr 03) “respondem”, como já vimos, ao apelo apresentado no site *ParPerfeito*, ao fazer uso da função conativa da linguagem ao recorrer a formas verbais no imperativo: *encontre seu verdadeiro amor*³⁶.

Dito isso, precisamos compreender que essa memória discursiva faz do discurso ao mesmo tempo polissêmico e parafrástico. Quando analisamos a paráfrase, segundo Orlandi (2009), entendemos ser constituída pelo sentido já existente, ou seja, é a retomada daquilo que já foi dito em outros momentos e, nesse caso, podemos associar, como vimos, ao próprio nome no site *ParPerfeito*, que faz alusão ao amor, à metade perfeita complementar mencionada no mito descrito acima. Para Orlandi (2009), na paráfrase, no retorno dos sentidos aos mesmos espaços do dizer, produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado, ou em nosso estudo, apresenta, inclusive, o mesmo dizer. Para a autora, a paráfrase é a matriz do sentido, variação sobre as coisas mesmas. Aquilo que, de alguma forma, se eterniza no dizer, mas capaz de assumir novos sentidos (polissemia).

Já, a polissemia no discurso, segundo Orlandi (2009), localiza-se à medida que a constituição de novos sentidos se mescla com aquilo que o sujeito já conhece, com sua formação ideológica e seu interdiscurso. Desta forma, então, é que os discursos não se originam nos sujeitos falantes: eles se realizam como uma condição necessária para os sentidos e para os sujeitos. Como afirma Orlandi (2009), o interdiscurso constitui ao mesmo tempo o sujeito e o sentido no momento em que se coloca a língua em funcionamento. É o

³⁶ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

interdiscurso que vai permitir que algumas coisas sejam ditas em detrimento de outras. Entretanto, esses dizeres estão permeados por um já-dito, que é esquecido, mas armazenado no contingente do interdiscurso.

Podemos compreender esse já-dito, de acordo com os dizeres de Marinheiro e Borges (2011, p. 136): "é o que torna possível o dizer e retorna sobre a forma de pré-constituído, o já-lá (já-dito), o sentido por ser novo (polissêmico), mas não é inédito, pois ele não nasce do "nada", é retomado sob a forma de algo que já foi dito". No *corpus* em análise vemos as marcas do já-dito quando, em quase todas as SDRs, aparece menção à busca pelo amor. Ou seja, a similitude aparente dos enunciados em torno da busca pelo amor, apesar de remeterem a um já-dito – pois se funda em outros lugares, através de outras vozes – mas para o sujeito ecoam dizeres que ele acredita serem novos.

Analisemos a SDR 13:

SDr 13: OLÁ, CANSEI DE FICAR SO!! **DEIXE AMAR VC? TBEM QUERO SER AMADA**, ADOROO! Ola, sou uma mulher feliz [...] quero agora pra mim alguém que me deixar amar, e me amar com toda intensidade, de uma forma que possa valer a pena, não passo por cima da vida, quero viver, **e viver um grande amor agora é meu objetivo, quero me encontrar** e se quiser tbém... Espero vc homem inteligente, cheiroso, carinhoso que tenha a família, e Deus como base de tudo, que saiba o que quer e como quer!! [...] Não acredito muito em amores a distancia, Quero o meu bem perto de mim, posso não responder, Mas se achar que vale a pena me convença, bjssssss

No enunciado acima, o uso da frase: *deixe amar vc?* remete a esse já-lá, essa relação de que ao amor exige-se uma procura, uma busca que desliza no pedido de consentimento. Todavia, o complemento *quero viver, e viver um grande amor* aponta para a relação com o vazio, com a necessidade de encontrar o par amoroso. O dizer *agora é meu objetivo, quero me encontrar e se quiser tbém...* (SDr 13) nos leva a refletir no “já-aí”, remetendo a um efeito de sentido o qual, por mais que acentue estar na busca de seu par, está à procura de si mesmo. Melhor dizendo: ao encontrar seu grande amor é que o sujeito tem a chance de encontrar a si mesmo, tal como a ideia do ser esférico e completo no mito de Aristófanes.

Em relação a isso vejamos a SDr 26 (grifos da pesquisadora):

SDr 26: QUERO LHE DAR MUITO AMOR E CARINHO! [...]SOU SINCERO, ROMANTICO, CARINHOSO, CHARMOSO, SIMPATICO, DE BEM COM A VIDA, PROCURO FAZER A DIFERENÇA, **E ESTOU A PROCURA DE MINHA ALMA GEMEA PARA FAZE-LA, MUITO, MAS MUITO FELIZ AO MEU LADO.**

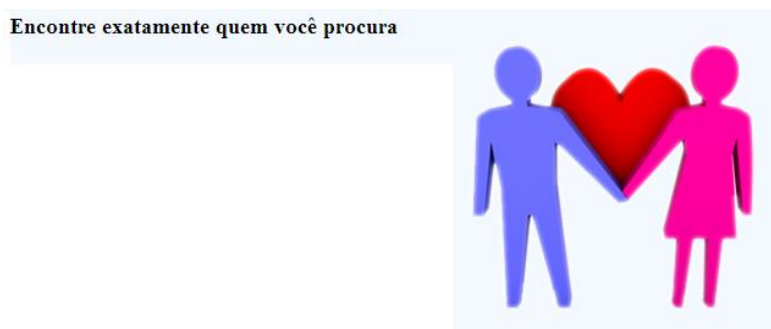
Em *estou à procura de minha alma gêmea*, vemos a relação com as composições parafrásticas que evocam a metade ideal evocada pelo mito de Aristófanes como vimos neste trabalho. Da mesma forma, ainda percorrendo elementos de uma memória discursiva que convergem nesta direção, encontramos: (grifos nosso):

SDr 17: so_quero. Tá Difícil!... Ninguém me quer... Cadê a tampa da minha panela? Acho que fabricaram sem a Tampa... Preciso de alguém ! Ninguém me quer ! Será voce a escolhida ?

As pistas deixadas nesses enunciados ligam a memória sobre o amor inscrita no *site* ao mito de Aristófanes – *cadê a tampa da minha panela?* – em que o sujeito está fadado a buscar, pela eternidade, a sua metade perdida. O discurso sobre o amor aciona uma memória da procura pelo amor, da procura pela metade que lhe garanta seu complemento, a plenitude vivida pelo encontro amoroso.

Ao observarmos a figura de abertura do *site ParPerfeito*, vamos perceber uma correspondência com as narrativas mitológicas que nos prendem à figura do amor ideal e eterno, que está representado em falta pelas duas metades cindidas que se procuram pela eternidade, como podemos observar na figura abaixo:

Figura 4 Elementos da página inicial do *site ParPerfeito*



Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

Ao mesmo tempo em que o *site ParPerfeito* utiliza um modo imperativo de estabelecer seus enunciados para os usuários, a significação pelo uso do seu nome *ParPerfeito*, conecta seus usuários a milhares de potenciais parceiros, ao mesmo tempo que

também expressa a ideia de que há um único sujeito dotado de plenitude capaz de suprir, a contento, a falta do desejante: *exatamente quem procura*³⁷. Outros enunciados também remetem a esta memória discursiva, vejamos:

SDr 12: "O senhor é meu pastor e nada me faltará." Companheira, amiga, sincera e a procura de um homem interessante, com conteúdo

SDr 28: ai se eu te pego. solucao dos seus problemas

SDr 30: ONDE ESTÁ O MEU AMOR? QUE SERÁ QUE ELE FAZ DA VIDA? DEVE ESTÁ POR AI. [...] MODÉSTIA PARTE, EU SOU O CARA! ADORO FALAR DE POLÍTICA, RELIGIÃO, MÚSICA, MULHER E FUTEBOL, QUER VER? PUXA ASSUNTO MY SISTER!

Observamos que muitas das SDRs trazem esses elementos de discursos já ditos em outros lugares, reprodução de outros dizeres, que surgem parecendo uma escolha parafrástica do sujeito. Em "*o senhor é meu pastor e nada me faltará*" (SDr 12), o próprio usuário usa aspas para remeter aos dizeres do salmo 23, evocando uma memória discursiva afetada pelo discurso religioso. Para Dantas (1992), a influência cristã acaba por significar os ideais de casamento e outros tipos de vínculos atrelados à concepção de amor. Em relação à influência cristã, ainda é possível localizar o predomínio de uma representação do amor como um sentimento de ordem natural dos afetos, como se fosse inerente à condição humana. Ao amor, ainda, por essa influência, é outorgada uma representação divina e universal, posta como uma das leis máximas de Cristo: *amai-vos uns aos outros assim como eu vos amo*. Por força dessa influência, as relações de afetos também são representadas como fulcrais para o desenvolvimento humano.

A SDR 12 em análise também traz à tona o discurso religioso de que Deus tudo pode e que Ele pode, inclusive, ajudar a suprir a falta pelo amor. Funciona como uma espécie de invocação do sujeito em falta pelo amor, revelando, contudo, confiança em que seu pedido será atendido; é a crença de que o amor não faltará. Entendemos, contudo, que o que busca é a si mesmo, e a si mesmo não falta, como mostraremos no decorrer de nossa análise.

Observamos os efeitos da memória também em: *ai se eu te pego. Solucao de seus poroblemas* (SDr 28) em que a primeira parte se refere à música: *Ai se eu te pego*, que alcançou sucesso nacional e internacional na voz do cantor sertanejo Michel Teló³⁸ e que

³⁷ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

³⁸ Lançada em 2011 por Michel Teló, em 2011 a versão desse cantor atingiu o recorde de visualizações no youtube; uma ferramenta digital que permite a visualizações de imagens, filmes e vídeo-clips. Em 2012 foi

remete a ideia de um encontro amoroso na balada. A segunda parte *Solução de seus problemas* remete à música: Amante Profissional do conjunto Erva Doce que foi *hit* de sucesso ano de 1985, cujo refrão é: “moreno, alto, bonito e sensual; talvez eu seja a solução do seu problema; carinhoso, bom nível social...” uma canção que apresenta o homem como objeto sexual para a mulher. Esses dizeres aparecem como o deslizamento de dizeres já ditos em outros lugares. O dizer *eu sou o cara* (SDr 30), que remete à música de sucesso de Roberto Carlos: esse cara sou eu, lançada em 2012, é uma balada romântica que, segundo o cantor, fala de um homem que representa o ideal de romantismo no imaginário feminino. As músicas referidas na análise remetem a dizeres: sou o homem ideal; vou te fazer feliz; sou a tua metade; não vais me esquecer. Ou ainda: deixa eu te pegar?

Dessa forma, somos levados a concordar com o que nos propõe Orlandi (2009): que essa memória discursiva evocada nesses enunciados representa uma forma de alteridade por excelência – uma relação com o Outro – e a própria historicidade. Inferindo que o sujeito enunciator toma posições a partir do seu dizer, relembremos aqui que a FD do amor em falta o inscreve nessa posição-sujeito do amante. Desse modo, nos discursos sobre o amor, encontramos um sujeito marcado pela falta, como podemos observar nas autoapresentações a seguir (grifos nosso):

SDr 04: Sou muito sincera e carinhosa, e romântica e **ainda acredito que irei encontrar alguém assim como eu**

SDr 05: TER A OPORTUNIDADE DE ENCONTRAR, UM HOMEM ESPECIAL !!!
Do bem, carinhoso, trabalhador, companheiro, amante, amigo. [...] DE BEM COM A VIDA !!!! E PRONTA PARA VIVÊ-LA EM TODA A SUA PLENITUDE....

SDr 10: **Alguém para somar...** Sou alegre, simpática, amiga, sensual, romântica. Sou uma pessoa estável, de construir vínculos fortes e duradouros com quem estiver disponível e aberto para somar ... com alegria bom humor e algo mais rsrs... Gosto de estímulos intelectuais, um bom jantar ou uma roda de amigos para simplesmente rir...

SDr 12: "O senhor é meu pastor e nada me faltará." Companheira, amiga, sincera e **a procura de um homem interessante, com conteúdo**

SDr 20: [...] Sou um homem maduro que sabe o que quer, carinhoso e atencioso um companheiro fiel, tenho os pés no chão, **mas que sonha com uma mulher especial ! Será que vc ?** (...) Bom humor isso eu tenho pra dar, se desse pra vender eu tava rico, rsrsrs Gosto de animais e de pessoas também ! Mas prefiro ter poucos amigos mas verdadeiros, meu hobby é cozinhar para pessoas de quem eu gosto

Para Indursky (2013), o processo de enunciação consiste em estabelecer fronteiras entre o que se seleciona e o que dele é retirado, ou seja, entre o dito e o não-dito e, dessa forma, dá-se a construção das práticas discursivas. Nessa linha de raciocínio, o modo como são ditos os dizeres das SDrS assume um caráter de maior importância em relação ao que é propriamente dito. O sujeito que ali se constitui aparece como um sujeito o qual ocupa um lugar determinado ao se projetar no *site* de relacionamento *ParPerfeito* na busca por um potencial parceiro. Os enunciados *acredito que irei encontrar* (SDr 04); *oportunidade de encontrar* (SDr 05) e *procura de* (SDr 12) expressam o lugar da busca pelo parceiro amoroso; aquele que busca pelo amor ocupa o lugar da falta. Contudo, ao mesmo tempo em que procura alguém para si, se coloca como pleno de si mesmo. Em relação a isto, destacamos: *Sou muito sincera e carihosa e romântica e ainda acredito que irei encontrar alguém assim como eu* (SDr 04), ou seja, expressa uma ideia como se nada lhe faltasse, na falta.

Interessante então pensar nas possibilidades parafrásticas e polissêmicas do discurso porque – como se houvesse uma regularidade nos enunciados – os discursos das autoapresentações tratam da falta, da incompletude, ou seja, de um sujeito cindido e das características que levarão a constituir o que chamaremos mais adiante de imagem-corpo (funcionamento do tipo 3). Como vimos, para a AD, o sujeito é entendido não como uma entidade homogênea, mas como um sujeito clivado, cindido. A esse respeito, Brandão (1997) explica que devemos compreender o sujeito como resultado de uma complexa estrutura que não se reduz à dualidade especular do sujeito com seu outro, mas se constitui, nos dizeres da autora, “pela interação com o terceiro elemento: o inconsciente freudiano³⁹,” (Brandão, 1997, p. 55). Ou seja, de acordo com a autora, temos a consciência não como conteúdo que se revela de um subconsciente escondido, tampouco o inconsciente como uma estrutura profunda não revelada pelo consciente manifesto. A relação não se estabelece nesses termos num jogo de mostra e esconde, mas toma o movimento de percurso sem direito ou avesso, percurso no qual o sujeito se enuncia sem saber o que diz em uma fala que diz muito sobre esse saber.

O sujeito é compreendido, dessa forma, como um efeito de linguagem e, como tal, descentrado. Contudo, é parte da constituição do sujeito manter a ilusão de centralidade,

³⁹ A este respeito Brandão (1997, p. 55) escreve: “Inconsciente que, concebido como a linguagem do desejo (censurado), é o elemento de subversão que provoca a cisão do eu. Essa divisão do sujeito não significa, entretanto, compartimentação, nem dualidade.” Essa descoberta freudiana leva o eu a perder sua centralidade e ideia de controle, não é mais senhor de sua morada.

de controle sobre seus dizeres. As SDRs acima permitem verificar essa relação de falta e plenitude. Desse modo, somos levados a presumir que tal representação não se dá por um dispositivo consciente, mas – ao mesmo tempo em que sofrem influência da FD a que se filiam – também são interpelados pelo inconsciente, e, por essa razão, vamos examinar a noção de sujeito para a psicanálise.

O sujeito não é um ponto. Para a psicanálise, o inconsciente é uma cadeia de significantes que se repete e insiste em interferir nas fissuras que lhe oferece o discurso efetivo. Para a psicanálise, o sujeito é efeito da linguagem, e, para Lacan (2008, p. 14), “a essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala”. Em outras palavras, os sentidos não se esgotam em si mesmos, estão para muito além da aparência enunciativa, e o próprio enunciado não é uma cadeia discursiva acabada.

O sujeito fica dispensado de sustentar o que enuncia, pois não pode reencontrar a causa de seu discurso, e assim se define o outro significante. A esse respeito, Lacan (2008, p. 21) escreve:

Observem que quando falo de significante falo de outro opaco. Quando digo que é preciso definir o significante como aquilo que representa um sujeito para outro significante, isso significa que ninguém saberá nada dele, exceto o outro significante. O sujeito aí é sufocado, apagado, no instante mesmo em que aparece.

E conclui: “um sujeito é aquilo que pode ser representado por um significante para outro significante.” (2008, p. 21).

Encontramos aqui um ponto de intersecção entre a AD e a psicanálise uma vez que para a AD o discurso também vai muito além da língua. Para Pêcheux (2009), o trabalho discursivo não se resume à análise da língua, mas deve ser compreendido como unidade significativa que se constrói na dispersão de sujeito e do sentido, uma vez que, ao ser interpelado pelo inconsciente e pela ideologia, o sujeito se identifica com os sentidos que constituem uma dada FD, como vimos anteriormente. Da mesma forma, como visto com as formações imaginárias, o sujeito cria uma ideia de controle, pois projeta, imaginariamente, seus enunciados, sempre considerando outro interlocutor e pressupõe saber como se estabelece essa relação.

Nessa linha de raciocínio, retomamos com Pêcheux (2009) a compreensão do discurso como um processo que configura a síntese das relações de intersecção entre dois níveis distintos, mas intercomplementares, quais sejam:

a) O nível do interdiscurso, que se constitui pelo domínio dos saberes próprios das formações ideológicas, sendo representado por FDs que se identificam, ou se opõem às formações ideológicas, manifestando relações de antagonismo, alianças ou contradição, de acordo com as formas como as classes se reconhecem nas relações de dominação. Com isso compreendemos também que uma FD é definida a partir de seu interdiscurso.

b) Temos também o nível do intradiscurso que se representa pela formulação de enunciados que materializam os percursos históricos dos acontecimentos que geram os processos de produção de sentido nos discursos.

Propomos, de acordo com as formulações de Orlandi (2009), que o interdiscurso e a historicidade – inscritos em dadas condições de produção – determinam aquilo que é relevante para a discursividade. É o interdiscurso que especifica as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória. Dessa maneira reafirmamos o interdiscurso como um conjunto de formulações existentes e já esquecidas, mas que determinam o que dizemos. E conclui:

Para que minhas palavras façam e tenham sentido é preciso que elas já façam sentido: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o anonimato possa fazer sentido em minhas palavras - fala uma voz sem nome.(ORLANDI, 2009, p. 34).

A autora ainda menciona que o interdiscurso significa justamente a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, ou seja, ele é um conjunto não discernível, não representável de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória. Assim, para Orlandi (2009), a historicidade deve ser compreendida como aquilo que faz com que os sentidos sejam os mesmos e também que eles se transformem. Nesse cenário, a autora ainda menciona o efeito metafórico,

O deslize é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade. Essa é a relação entre língua e discurso, um movimento contínuo entre descrição e interpretação. O analista tece as intrincadas relações do discurso, da língua, do sujeito, dos sentidos, articulando ideologia e inconsciente. (ORLANDI, 2009, p. 80)

No terreno da psicanálise, é necessário compreender que o inconsciente é um repositório do desejo. E, neste sentido, há algo no desejo que não quer ser satisfeito, uma vez que se alimenta da falta. Analisando o *site ParPerfeito*, somos levados a pensar que o

amor é o prazer que vem da falta: *Encontre seu verdadeiro amor*⁴⁰. Essa possibilidade de completude que esse *site* oferece opera na ideia de que o amor ameniza a dor da falta. Entretanto, para a psicanálise, há algo dessa falta que se mantém, que torna o desejo inesgotável, nunca sendo saciado plenamente. Ao nos apropriarmos de um desejo, imediatamente outro surge no lugar.

A partir da FD do amor em falta, como constituidoras dos dizeres sobre o amor, propomos que ela perpassa pela própria constituição do *site ParPerfeito*. Neste sentido, concordamos com Orlandi (2010) ao mencionar que precisamos compreender o processo de subjetivação pela individuação, como posição-sujeito. Percebemos certa regularidade nos dizeres presentes nas autoapresentações do *site ParPerfeito* em torno da FD do amor em falta. E em relação ao amor em falta, atentaremos para as SDRs de funcionamento do tipo 1, que representam um deslizamento desses dizeres do amor em falta: a SDR 17 é pista disso, ou seja, sofre tal deslizamento (grifos nosso):

SDr 17: so_quero. Tá Difícil!... Ninguém me quer... **Cadê a tampa da minha panela?**
Acho que fabricaram sem a Tampa... Preciso de alguém ! Ninguém me quer ! Será voce a escolhida ?. (Grifos da pesquisadora).

Se o internauta se cadastra no *site ParPerfeito*, é porque procura algo, se procura, o deseja, se deseja é porque se constitui um sujeito faltante. Vejamos (grifos nosso):

SDr 01:Procuo um relacionamento sério. Sou uma pessoa romântica e verdadeira, **procuro** alguém sincero e companheiro que queira um relacionamento sério. [...]curto a minha profissão e todos os desafios que ela me impõe a cada dia. Gosto muito de viajar, de bons filmes e livros. E você?

SDr 02: Procura-se alguém que não diga se cuida , mas sim... eu cuido [...] **Eu procuro** alguém que não pegue no pé, mas que cuide, que ligue ou mande um recadinho só para dizer que está com saudades ou pensando em mim, que me faça sentir novamente o brilho nos olhos. **Eu quero alguém para** ser o meu primeiro pensamento do dia e o último antes de dormir. A conversa e o tempo mostrarão as possibilidades! Tenho inúmeros defeitos, mas tenho certeza de que podem ser minimizados pelas qualidades. Acho que é interessante descobrir um e outro.

SDr 03: Quero encontrar um grande amor!!!!nunca e tarde para....ser feliz!!!! Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..esperando meu principe encantado!!!!

⁴⁰ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

- SDr 05:** TER A OPORTUNIDADE DE ENCONTRAR, UM HOMEM ESPECIAL !!! Do bem, carinhoso, trabalhador, companheiro, amante, amigo. [...] DE BEM COM A VIDA !!!! E PRONTA PARA VIVÊ-LA EM TODA A SUA PLENITUDE....
- SDr 07:** SOU UMA MULHER COMUM, SIMPLES, SORRIDENTE DE BEM COM A VIDA!!!! SINCERA E GOSTO DE PESSOAS VERDADEIRAS!!! E **REALMENTE PROCURO** UM RELACIONAMENTO SÉRIO!!!
- SDr 12:** "O senhor é meu pastor e nada me faltará." Companheira, amiga, sincera e a **procura** de um homem interessante, com conteúdo
- SDr 15:** Oi, princesa!!! Vim aqui te fazer um pedido. Se tu fores compatível com o perfil que procuro. Não *hesite*, ta!!! Estou aqui!! Sou abençoado... Amo o que faço!!! [...] Se eu despertei certa curiosidade em ti e quiseres me conhecer melhor. Seja rápida!!! Aproveita agora!!! Olha hein!!! Igual a mim, não existe outro!!! Depois não adianta chorar... Aproveita!!! rrsrrsrs... [...] Tenho muitas qualidades. Mas, tenho os meus defeitos também. Só não me pergunte quais são eles, porque, eu só os descubro quando erro. E, uma das minhas qualidades é que, se eu me der conta de que errei. Por mais que doa. Eu, assumo!!! E, assim vou vivendo... Se, queres saber mais de mim? Contate-me!!!
- SDr 16:** Estou virtual, dependo de vc para si torna real.(...) **Procuo** uma conpanheira carinhosa, gentil, fiel que goste de curtir as coisas boa da vida.
- SDr 18:** **procuro** uma pessoa sincera, meiga, carinhosa, que goste de cuidar da pessoa que ame. que não sufoque com excessos de ciúmes. SOU MUITO ROMÂNTICO, GOSTO DE CURTIR UM PASSEIO A DOIS, JANTAR A LUZ DE VELAS, FAZER UM PIQUE-NIQUE, CURTO CHÁCARAS, SÍTIOS, PRAIAS.. GOSTO DE DAR PRESENTES.
- SDr 19:** Meu nome diz como chegar ao caminho certo, não é difícil..... Me sinto muito bem comigo mesmo... Gosto de coisas simples da vidaE **espero te encontrar** aqui.....As fotos dizem quase tudo como eu estou ..kkk...Acho que eu estou bem..kkk..O que vc acha?... (...) **Gostaria de encontrar** uma pessoa bacana para poder compartilhar a minha vida , para poder me completarNinguém vive sóMas vou tentar aqui no *site* ,quem sabe encontre vc... A mulher da minha vida....
- SDr 30:** ONDE ESTÁ O MEU AMOR? QUE SERÁ QUE ELE FAZ DA VIDA? DEVE ESTÁ POR AI. [...] MODÉSTIA PARTE, EU SOU O CARA! ADORO FALAR DE POLÍTICA, RELIGIÃO, MÚSICA, MULHER E FUTEBOL, QUER VER? PUXA ASSUNTO MY SISTER! (grifo nosso)

Os significantes dos itens lexicais “procurar” e “encontrar” remetem à ideia da falta, ou melhor dizendo, sinalizam que o amor é algo a ser encontrado. Quando as autoapresentações dizem *procuro* (SDr 01), *oportunidade de encontrar* (SDr 05), *realmente procuro* (SDr 07) não podemos tomar esses dizeres como um dizer de propriedade particular daquele que diz, nem que refletem exatamente o dizer lexical, porque ali procura a si mesmo. Essa memória – o interdiscurso a partir do qual o amor foi expresso como a busca pela metade perdida – tornou possível essa formulação para apresentar o próprio *site ParPerfeito*. Com isso podemos verificar um deslocamento quando o sintagma *cadê a tampa da minha panela* (SDr 17) remete à ideia do mito de Aristófanes.

Por outro lado, poderíamos nos perguntar o que faz uma pessoa cadastrar-se num *site* de relacionamento, mesmo expressando que está *de bem com a vida* (SDr 07), ou

mesmo quando afirma não está em falta de nada: *o senhor é meu pastor e nada me faltará* (SDr 12). Ou ainda aquele que se cadastra no site *ParPerfeito* para ser encontrado: *se eu despertei curiosidade em ti e quiseres me conhecer melhor. Seja rápida!!! Aproveita agora!!! Olha hein!!! Igual a mim, não existe outro!!! Depois não adianta chorar* (SDr 15) e *modéstia parte eu sou o cara!* (SDr 30). Analisando esses enunciados, podemos compreender um dos princípios da AD: as palavras falam com outras palavras. Isto pode ser observado na análise da superfície linguística das SDRs que os pontos de exclamação remetem a ideia de súplica, de pedido de socorro. Em contrapartida, o discurso remete também a ideia de que o sujeito se basta. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes, dizeres que se alojam na memória (ORLANDI, 2009). Talvez pela capacidade de antecipação, o usuário imagina seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Estas palavras, para ele, têm um único sentido o qual julga controlar e, por essa razão, acredita que, dessa forma, se torna atrativo para seu parceiro em potencial. Por mais opacos que sejam esses dizeres, para aquele que diz apenas um efeito de sentido será estabelecido: aquele que se lança à procura pelo amor. É um espectro que varia amplamente: desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, é previsto como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando a seus efeitos sobre o interlocutor.

Como já vimos, os dizeres são construídos num ambiente digital - o site de relacionamento *ParPerfeito* – cujo propósito é o encontro afetivo entre os participantes. Nessa linha de raciocínio, como compreender o efeito dessas novas tecnologias sobre o discurso? Para Orlandi (2009), as novas tecnologias de linguagem fazem com que a memória carnal das línguas naturais se junte às várias modalidades as quais a autora chama de memória metálica. Trata-se de uma memória decorrente dos multimeios, da informática em que “apagam-se os efeitos da história, da ideologia, mas nem por isso elas estão menos presente. Saber como discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro”. (ORLANDI, 2009, p. 10).

Gallo (2013) também trata do discurso *on line*, cujo efeito se espalha por todo o texto, como se tudo estivesse sido produzido ali naquele momento sob o caráter do ineditismo. Contudo, esse ineditismo traz em si a mesma ilusão que o sujeito tem de controlar seu discurso.

Nesta direção podemos observar o efeito da memória-metálica a partir das similitudes presentes nas enunciações a seguir (grifos nossos):

SDr 03: Quero encontrar um grande amor!!!!nunca e tarde para....ser feliz!!!! **Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..esperando meu principe encantado!!!!**

SDr 08: amorr paixao **sou carinhosa,divertida**

SDr 09: **Apenas uma pessoa com a alegria de uma criança; a malícia de uma adolescente; e sentimento de mulher** . Sou uma pessoa verdadeira não gosto de jogos. [...]Se desejar saber alg,atraente o mas sobre a minha pessoa acredito que com o tempo voce vai saber de tudo que for importante para uma relação é muito dificil falarmos de nos mesmo por esse motivo prefiro que o tempo responda as suas perguntas mas se for do seu desejo fazer algumas perguntas te responderei com muita alegria

SDr 10: Alguém para somar... **Sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica**.Sou uma pessoa estável, de construir vículos fortes e durauros com quem estiver disponível e aberto para somar ... com alegria bom humor e algo mais rsrs... Gosto de estímulos intelectuais, um bom jantar ou uma roda de amigos para simplesmente rir...

SDr 32: muiigata **Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..**tipo fisico magro....dizem que nao aparento a idade que tenho.....

SDr 33: **sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica**.

SDr 34: **Ah!! apenas uma mulher ... Com jeito de menina ou Uma menina com jeito de mulher...**

Vejamos que as SDrs 03 e 32 apresentam similitude no modo como os sujeitos se autoapresentam. O dizer *loira, porém inteligente*, que aparecem nas duas SDrs, nos convida a refletir nos sentidos comumente explorados pela mídia, associando as loiras à figuras sensuais, porém burras, inclusive expressa na letra da canção de Gabriel Pensador: Lôrabúrra. Contudo, quando trazidos nas autoapresentações destacam a visão da erotização em torno do símbolo loira, mas descartando a associação que se faz com a falta de inteligência, como aparece em: *porém inteligente*. Da mesma forma, trazemos as similitudes destacadas nas SDrs 08, 10, 33 ao enunciarem a alegria, o romantismo e a sensualidade como elementos de autodefinição, reconhecidos historicamente como sinônimos de beleza e sedução. E, ainda, as SDrs: 09 e 34 ao trazerem os léxicos: *mulher, menina, adolescente* como elementos de sua autoapresentação podendo remeter a uma analogia ao clássico ícone do cinema: Lolita, de 1962, que explora a sedução nessa dupla representação mulher/menina⁴¹.

⁴¹ Lolita, filme de Stanley Kubrick, em que um professor universitário britânico vai trabalhar nos Estados Unidos e lá fica tão obcecado por uma ninfeta de 12 anos que acaba por se casar com a mãe da garota, para estar próximo da menina. Porém, quando a esposa morre atropelada, ele acredita ser o momento adequado para seduzir a enteada, o que, aos olhos das pessoas, é uma relação de pai e filha, mas na intimidade a relação assume uma perspectiva sexual.

Essas similitudes apontam para o efeito do interdiscurso nessas enunciações e, provavelmente, acontecem sob a ilusão do ineditismo daquele que se autoapresenta. Essas marcas do interdiscurso e que aparecem nas enunciações acontecem em virtude daquilo que Pêcheux (2009) chama de esquecimento N°1, já definido anteriormente como aquele que permite se diga algo como se esse dizer fosse de exclusiva produção daquele que diz. Esses sujeitos, ao escolherem essas formas de se autoapresentarem, não o fazem com o intuito de serem iguais aos demais, mas, intentam deixar uma marca que julgam ser particular e original sobre aquilo que escolhem para enunciar acerca de si mesmos. Os usuários do *site ParPerfeito*, ao se autoapresentarem, o fazem como se estivessem num tipo de "vitrine", precisam parecer desejáveis e, para isso, utilizam certos enunciados e não outros no intuito de ancorarem seus dizeres num já-dito, como uma tentativa de controlar o sentido mediante o uso da paráfrase.

É possível inferir que a necessidade de parecer sedutor opere num jogo de mostra/esconde que, de alguma forma, pode sugerir a ideia de simulação⁴²: *sou aquilo que querem que eu seja depende de você* (SDr 14). De uma forma ou de outra, entram em circulação os efeitos sobre a individuação e o modo como as possibilidades de subjetivação se fazem presentes, dada as condições de produção desses dizeres. E isso ocorre quando as pessoas intentam uma imagem de si que passa pela significação: sou tudo aquilo que você sempre sonhou. Esse subjetivar-se pelo discurso aponta para o modo como esse dizer é interpelado pela ideologia, ao mesmo tempo em que o sujeito mantém a ilusão de controle, sendo que esse mecanismo se dá pelo processo de assujeitamento ao discurso. Vejamos:

SDr 14: ola quem quizer ter um relacionamento seriu estarei aqui. sou alegre divertida qaundo me convem sou brava qaundo me provocao mas tudo na vida tem que ser natural adoro praia e tudo que e bom sou aquilo que querem que eu seja depende de suas atitudes

De acordo com os dizeres de Indursky (2009), para a AD não há sujeito sem ideologia, ainda que não opere num contingente de consciência, pois é a ideologia que interpela os indivíduos em sujeitos. Em seus argumentos, o sujeito é duplamente afetado: em seu funcionamento psíquico pelo inconsciente, e em seu funcionamento social pela ideologia: ao intentar uma imagem de sedução diz que pode ser tudo aquilo que imagina que

⁴² O conceito de simulação será tratado posteriormente no momento em que analisaremos a imagem-corpo.

o outro irá desejar. Da mesma forma, aquilo que o sujeito julga ser genuíno e único no seu dizer pode ser entendido como esse assujeitamento ao discurso.

Para Orlandi (2012), “o assujeitamento diz respeito à natureza da subjetividade, à qualificação do sujeito pela sua relação constitutiva com o simbólico pela ideologia: se é sujeito pelo assujeitamento à língua na história.” (2012, p. 100). Com relação a isto, são importantes as considerações de Pêcheux (2009) ao definir que o sujeito deixa de ser o mestre do sentido, o que nos leva a pensar que: *o senhor é meu pastor e nada me faltará* (SDr 12), vai muito além do que o autor denomina de “o eu-consciência”, pois o seu discurso recebe muito mais influências do que julga capaz; pensa controlar qual efeito de sentido o uso dessa expressão suscita o que o fez escolher esse e não outro modo escapa-lhe do controle e consciência. Esse assujeitamento referido pelo autor ocorre dissimulado à percepção do próprio sujeito. Nesta análise, isso se manifesta quando os sujeitos se utilizam de paráfrases trazidas de outros lugares, como no caso de: *ai se eu te pego. Solução dos seus problema.* (SDr 28).

Esses intercruzamentos dos discursos, aliados à polissemia da linguagem, fazem com que os sentidos não se esgotem no imediato, como observado aqui, quando se supõe que, em torno do discurso sobre o amor, há uma FD do amor em falta. Isso nos leva a concluir, de acordo com Dezerto (2010, p. 4), que “o dizer não se inaugura no sujeito”. Em outras palavras, podemos compreender que, quando encontramos certa regularidade nos dizeres das autoapresentações, apreendemos qual discurso e sentido transcendem à ideia de literalidade da língua. Para Dezerto (2010), “Não há, portanto, um entendimento de sujeito como indivíduo singularizado, a priori, o que ocorre são processos de subjetivação que se dão na esfera do discurso.” (2010, p. 5).

Para concluir essas reflexões, Orlandi (2009, p. 49) explica que, no assujeitamento, o sujeito “é sujeito de e é sujeito à.” Ainda nos dizeres de Orlandi (2009), o sujeito discursivo deve ser pensado como posição, “não é uma forma de subjetividade, mas um lugar que ocupa para ser sujeito do que diz”(2009, p. 49).

2.2 O PARADOXO DA COMPLETUDE E DA INCOMPLETUDE

Compreendemos, então, que a noção de sujeito implica entender que os sentidos não se esgotam no imediato, conforme nos mostra Orlandi (2009) quando argumenta, “tanto

é assim que fazem efeitos diferentes para diferentes interlocutores. Não temos controle sobre isso. Mas tentamos”. (Orlandi, 2009, p. 50). E, por esta razão, podemos dizer que no *site ParPerfeito* existe um espaço da subjetividade, o que Morales (2005) vai definir como o lugar em que se jogam os mecanismos discursivos em relação à alteridade, que é o reconhecimento do outro como sujeito significante. É o colocar-se no lugar do outro e ver-se a partir do outro ou ver o outro a partir de si mesmo. Ou seja, quando se estabelece para o sujeito o trânsito do outro para o Outro.

É possível inferir, então, que o discurso de outrem apenas ganhará sentido quando em interação com os interlocutores em situações concretas de enunciação. Quanto a isso, segundo Jovchelovich (1998), somente a mediação do outro permite ao eu refletir sobre si mesmo e tornar-se um objeto de saber. Continua a autora, mencionando que o desenvolvimento da subjetividade começa quando o indivíduo – Eu – percebe que o outro tem uma significação no seu próprio dizer – Outro⁴³, estabelecendo-se, assim, a relação Eu-Outro. De fato, o sentido se faz na perspectiva do Outro, pois em si mesmo, é um discurso em potência que pode se atualizar ou não. E essa atualização (transformar-se em discurso) somente acontece através do Outro que atribui ao discurso um sentido. Ou seja, “o processo de construção do objeto externo é ao mesmo tempo o processo que permite ao próprio Eu colocar-se como objeto para si mesmo.” (1998, p. 72). Consideramos, então, que a *internet* pressupõe o estabelecimento dessa relação Eu/Outro, uma vez que não é possível o corpo a corpo presencial. E nesta relação Eu/Outro também se marcam as posições de completude e incompletude do sujeito.

Poderíamos nos indagar como a FD do amor em falta possibilita dizeres aparentemente contraditórios que operam ora na incompletude e ora na completude? De acordo com Lacan (1992), quando se fala de amor, são claramente demarcadas as posições: “o amante como sujeito do desejo - com todo peso que tem para nós este termo, o desejo - e a posição do amado como aquele que, nesse par, é o único a ter alguma coisa.” (Lacan, 1992, p. 42). Ou seja, a relação de amor se expressa como uma relação paritária, dual. Uma relação dual cujo propósito é garantir o ideal de completude conferida pelo enlace amoroso.

⁴³Burgarelli (2003, p. 104/109) explica a relação outro/Outro a partir de Lacan e diz que:

“O sujeito somente se realiza no Outro, isto é, por ser assujeitado ao campo do Outro, no entanto ele dá ênfase, neste momento, ao outro real, que pode ser entendido como o Outro, ao mesmo tempo em suas dimensões de pequeno outro e grande Outro. Um sujeito que surge no momento do enlace pulsional. [...] o sujeito, embora seja destinado à coisa, só pode percorrer este caminho através da passagem pelo Outro, enquanto Outro é marcado pelo significante. A pulsão se define, então, como um vazio incluído no coração da demanda, a qual será ocupada por um sujeito/outro.”

Entretanto, o que podemos ver na análise é que: aquilo que pressupõe o par amoroso, nos enunciados trazidos no *site ParPerfeito*, circula em torno do próprio sujeito no que diz respeito à falta e à completude Vejamos (grifos nossos):

SDr 07: SOU UMA MULHER COMUM,SIMPLES,SORRIDENTE DE BEM COM A VIDA!!!!SINCERA E GOSTO DE PESSOAS VERDADEIRAS!!! E REALMENTE PROCURO UM RELACIONAMENTO SÉRIO!!!

SDr 12: "O senhor é meu pastor e nada me faltará." Companheira, amiga, sincera e a procura de um homem interessante, com conteúdo

SDr 14: ola quem quizer ter um relacionamento seriu estarei aqui. **sou alegre divertida qaundo me convem sou brava qaundo me provocao** mas tudo na vida tem que ser natural adoro praia e tudo que e bom **sou aquilo que querem que eu seja depende de suas atitudes.**

SDr 15: Oi, princesa!!! Vim aqui te fazer um pedido. **Se tu fores compativel com o perfil que procuro. Não hesite, ta!!! Estou aqui!! Sou abençoado... Amo o que faço!!! [...]**Se eu despertei certa curiosidade em ti e quiseses me conhecer melhor. **Seja rápida!!! Aproveita agora!!! Olha hein!!! Igual a mim, não existe outro!!! Depois não adianta chorar... Aproveita!!! rrsrrsrs... [...]**Tenho muitas **qualidades.** Mas, tenho os meus defeitos também. Só não me pergunte quais são eles, porque, eu só os descubro quando erro. E, uma das minhas qualidades é que, se eu me der conta de que errei. Por mais que doa. Eu, assumo!!!! E, assim vou vivendo... Se, queres saber mais de mim? Contate-me!!!

SDr 30: ONDE ESTÁ O MEU AMOR? QUE SERÁ QUE ELE FAZ DA VIDA? DEVE ESTÁ POR AI. [...] **MODÉSTIA PARTE, EU SOU O CARA!** ADORO FALAR DE POLÍTICA, RELIGIÃO, MÚSICA, MULHER E FUTEBOL, QUER VER? PUXA ASSUNTO MY SISTER!

Percebemos, ao analisar as SDRs, que aquilo que, para Lacan (1992), ocorre numa relação entre o eu e o outro (no par amante/amado), de forma dual, no *site ParPerfeito* essa composição se dá unitariamente: o próprio sujeito usuário assume a posição de amado e de amante simultaneamente, quando diz que nada lhe falta, *de bem com a vida* (SDr 07), e, ao mesmo tempo, quando se coloca à procura pelo amor verdadeiro: *realmente procuro um relacionamento sério* (SDr 07).

De uma forma ou de outra, esse sujeito enunciador coloca-se como faltante perante o outro, quando diz: *realmente procuro um relacionamento sério* (SDr 07) e *a procura de um homem* (SDr 12), deixando pistas de como se colocam em relação à falta. Na Psicanálise, é Lacan (1992) quem vai outorgar ao amor o sentido de incompletude. Para ele, todos nós somos sujeitos faltantes. E fundamenta muito de seus dizeres, utilizando o mesmo texto *O Banquete* já mencionado anteriormente. Para a Psicanálise, a falta, o vazio é que insere o homem no simbólico. A relação do sujeito e do objeto em psicanálise é marcada pela falta, que se constitui num dos conceitos-chave das ideias de Lacan (1995) ao situar a

relação entre o sujeito, o objeto e, por conseguinte, o desejo. A partir dessa articulação do sujeito, desejo e objeto é que vamos compreender a noção de incompletude e completude nesse trabalho. No campo da linguagem, a relação sujeito e objeto é também afetada pela falta, pois o homem trabalha a linguagem nas relações entre os significantes e, por ser uma relação de significantes, a falta sempre está presente.

O sujeito em falta pelo amor, do ponto de vista da teoria psicanalítica, convoca a pensar o objeto, não como um objeto discursivo, mas como o objeto perdido. Guedes (2010) recupera as ideias de Freud e Lacan para falar que o objeto seria aquilo capaz de suprir a falta. Contudo, esse objeto é sempre o que a psicanálise denomina de objeto parcial, o que será sempre remetido à ideia de “coisa”, sempre na busca do objeto primeiro que foi para sempre perdido. Lacan (1995), no seminário 4 – *A Relação De Objeto*, resgata os dizeres de Freud para auxiliar na compreensão do sujeito e, principalmente, do objeto. Diz o autor que estamos inevitavelmente em busca desse objeto perdido.

O objeto perdido é representado na psicanálise como o seio materno, ou melhor dizendo pela sensação de plenitude sentida pela criança ao ser amamentada, no encontro da boca ao seio. Neste ato, para a criança nada lhe falta, sua demanda é satisfeita imediatamente pelo encontro de sua boca com o seio materno. A esse respeito, Lacan (1995) diz:

Freud nos indica que o objeto, que corresponde a um estágio avançado da maturação dos instintos, é um objeto reencontrado, o objeto reencontrado do primeiro desmame, o objeto que foi inicialmente o ponto de ligação das primeiras satisfações da criança. (1995, p. 13).

Esse objeto de desejo que jamais será apreendido, que constitui o próprio objeto perdido vem da proibição de desejar a mãe. Essa proibição chega à criança como a interdição para o ato do incesto no plano do imaginário, momento em que nasce a metáfora paterna. A metáfora paterna, em Teixeira (2005), caracteriza-se pelo momento em que o pai aparece para intervir na relação mãe-filho. O pai vem interditar essa relação plena que até então era vivenciada pela criança na relação com a mãe. A intervenção do pai força a criança a renunciar seu desejo verdadeiro – a mãe. Renuncia, mas não se esvanece, sendo o desejo impelido ao inconsciente e imputando à criança o recalque originário. Assim, podemos compreender ser este o processo que introduz o sujeito na ordem da cultura e da civilização, ensinando-o a substituir o real da existência do desejo, por um símbolo, objeto *a* como já mencionado.

Para Lacan (1995), há, no centro da relação sujeito/objeto, uma dialética de procura e não encontro constante. Mas, de que se trata essa procura? Conforme o autor, trata-se de “Repetição procurada e nunca encontrada” (1995, p. 14). Continua o autor, há uma nostalgia que liga o sujeito ao objeto perdido, através do qual se exerce todo o esforço da busca. E, se há busca, é porque está incompleto, marcado pela falta, significado pelo objeto perdido. O autor ainda menciona que o objeto em jogo para o sujeito não é harmonioso, é sempre esse objeto que é apreendido na busca do objeto perdido que jamais será encontrado.

Em nosso *corpus*, onde está o meu amor? Que será que ele faz da vida? Deve estar por aí... (SDr 30), temos dizeres que apontam para como algo de difícil apreensão: *deve estar por aí...* (SDr 30). Em relação a essa procura e não encontro, Lacan (1995, p. 13) considera que há uma tensão fundamental e que “faz com que o que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado.”

Em outras palavras, aquilo que é buscado, aquela satisfação primitiva vivida pelo conforto do encontro com o seio materno, ficou fixado naquele lugar, de modo que o sujeito procura um novo objeto, como se fosse o objeto perdido, porém sempre fracassará em sua busca, uma vez que o novo objeto encontrado é apreendido em outra parte e não no exato ponto onde se o procura. Por essa razão, os sujeitos são marcados permanentemente pela falta e pela procura do objeto perdido, como encontramos através das pistas: *procuro, quero encontrar* já destacadas anteriormente.

Nesse sentido, Lacan (1995), ainda recorrendo aos dizeres de Freud, estabelece a noção de princípio de prazer vivenciado pela criança, marcando esse ciclo da repetição pela busca permanente da sensação de completude. E, por esse motivo, argumenta o autor: tende a se realizar em formações profundamente irrealistas. Em contrapartida, o princípio da realidade, segundo Lacan (1995, p. 14), “implica a existência de uma organização diferente e autônoma, condicionando que o que ela (criança) apreende, pode ser, justamente, fundamentalmente diferente daquilo que é desejado.”

O princípio do prazer é a representação da relação de objeto. É a relação da criança com o seio materno que inaugura o princípio da realidade que foi definido como a ideia de que dele (seio materno) a criança precisa se abster. Dessa forma, o objeto apresenta uma noção funcional de uma natureza que difere daquela de um puro e simples correspondente no sujeito (LACAN, 1995). Logo, não se trata de uma relação direta de cooptação do objeto com uma demanda do sujeito, pois, segundo Lacan (1995):

O objeto tem ali um papel completamente outro, ele é, se podemos dizer assim, colocado sobre um fundo de angústia. O objeto é instrumento para mascarar, enfeitar o fundo fundamental de angústia que, caracteriza, nas diferentes etapas do desenvolvimento do sujeito, sua relação com o mundo. (LACAN, 1995, p. 22).

Encontramos no seio materno a possibilidade de sedar essa angústia, pois representa o objeto capaz de saciar todas as demandas do bebê. Essa troca entre mãe-bebê vai estabelecer o que Teixeira (2005) chama de alteridade. Esse processo, para a autora, não se restringe a simples presença de um outro semelhante (mãe, ou quem quer que seja). Para a autora, há no reconhecimento desse “outro semelhante”, uma *coisa*: “há algo que existe como uma coisa, que escapa ao juízo e que aparece como estranho e até mesmo hostil.” (Teixeira, 2005, p. 79). Isso, de alguma forma, vai ligar o sujeito a esse objeto perdido, e toda tentativa de captura de outro objeto, que sirva a esse objeto primeiro, é revestida de precariedade. Nessa busca, o sujeito encontra o outro que provisoriamente pode servir como satisfação, mas a falta continua pulsando.

Nessa busca, aparece a distinção proposta por Lacan (1995) de pequeno outro e grande Outro. O pequeno outro é marcado pelos outros semelhantes com quem a criança se relaciona e que dão contornos ao seu desejo: mãe, pai, irmãos. O grande Outro opõe-se ao pequeno outro enquanto outro semelhante que se identifica ao eu. Esse Outro é um Outro enigmático. Sobre isto, assim escreve Teixeira (2005, p. 79): “um Outro enigmático, obscura autoridade, que se situa como lugar, detendo a chave de todas as significações do sujeito.” Vamos compreendendo neste ponto que esse Outro inicial é a mãe, ou melhor dizendo, o seio da mãe, o objeto perdido e para sempre inacessível. Conclui a autora: “constitui sobretudo o lugar onde os significantes já estão, antes de todo sujeito, sendo daí que ele recebe sua determinação maior.” (TEIXEIRA, 2005, p. 80).

A partir dessas considerações, Lacan (2010), no seminário *A transferência*, retoma o texto *O Banquete* para situar o sujeito em falta e que busca sua completude pelo amor e analisa toda a digressão em torno do discurso amoroso que ali se estabelece. Com base nisso, o autor menciona que, sobre o amor, é preciso dimensionar que não há início nem fim, mas há o lugar distinto que situa a posição do amante e do amado quando se fala sobre o amor. Dessa forma, Lacan (2010) cunha os papéis de amado e de amante ao falar de amor, estabelecendo que amar é dar o que não se tem. Em outras palavras, amamos aquilo que desejamos e, como tal, se há desejo, há falta. Para Lacan (1992), é pensando nesse

pressuposto que se torna possível qualificar a função do amado e do amante, ou seja, por uma insistente busca pela completude.

Vocês verão aparecer claramente o amante como o sujeito do desejo – com todo o peso que tem para nós esse termo, o desejo – e o amado como aquele que, nesse par, é o único a ter alguma coisa. A questão é saber se aquilo que ele possui tem relação, diria mesmo uma relação qualquer, com aquilo que ao outro, o sujeito do desejo, falta. (LACAN, 2010, p. 50).

Nessa tese, tomaremos a função do amante e do amado como a posição-sujeito amante e a posição-sujeito amado a partir das autoapresentações no *site ParPerfeito*, que será objeto de análise posterior. Na busca de saber o que o outro quer de mim – na função do amado – ele vê em mim essa completude, uma vez que é o amante vendo o amado, e o vê como o objeto parcial capaz de lhe suprir a falta. Dessa forma, aparece o sujeito significante e o outro significante e, entre ambos, o sujeito dividido, barrado entre um e outro. A fim de lidar com essa barreira, o sujeito usa a fantasia para criar um objeto no lugar do que lhe falta, já que o sujeito se funda como perda do objeto perdido e como ilusão de busca. O desejo sustentado pela fantasia faz com que o homem se engane, achando que é o que não é. Nesse momento, o simbólico surge porque o real não dá conta de tudo. Consideramos que essa relação se estabelece entre o par protagonista da cena amorosa, o amante e o amado. É justamente o que queremos destacar nesta tese, pois, no discurso analisado, não identificamos a distinção da posição homem/mulher, porque não há uma diferença significativa nos enunciados, sejam de homens sejam de mulheres. Vejamos nas seguintes SDrs:

SDr 08: amorr paixao sou carinhosa,divertida,atraente

SDr 14: ola quem quizer ter um relacionamento seriu estarei aqui. sou alegre divertida qaundo me convem sou brava qaundo me provocao mas tudo na vida tem que ser natural adoro praia e tudo que e bom sou aquilo que querem que eu seja depende de suas atitudes

SDr 24: [...]Adoro.. pessoas Honestas e verdadeira... Só quero um amor verdadeiro e sincero...!!! Sou Daniel... Adoro me divertir Sair com pessoas que tenho amizade E fazer novas amizade ...!? Nao tenho muito que falar... Sou uma pessoa romântica e sensata [...]

SDr 28: ai se eu te pego. soluçao dos seus problemas

SDr 32: **mulher** Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..tipo fisico magro...dizem que nao aparento a idade que tenho.....

SDr 33: sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica.

SDr 34: Ah!! apenas uma mulher ... Com jeito de menina ou Uma menina com jeito de mulher...

SDr 35: bonito tesão

SDR 36: Gorilasensível. CORPO DE GORILA, MENTE DE FILOSOFO. Bem...não sou um homem bonito, pouca altura, calvo, peludo, um gorilinha mesmo....mas certamente tenho conteúdo, sou razoavelmente inteligente, boa formação intelectual e muito gentil e carinhoso com quem assim o for comigo. Gosto muito de sexo, mas com alguém que realmente esteja comigo, para não termos qualquer tipo de preocupação e podermos nos entregar completamente, sem entraves. Adoro beijar, e para isso Deus me deu uma boca carnuda e macia. Falante, bom domínio de todos os assuntos, romantico e muito carinhoso, não sou lindo de morrer, mas também não sou feio de matar. Eu diria um Charles Bronson calvo

As SDRs 08, 14, 32, 33, 34 foram enunciadas por perfis identificados como femininos e as SDRs 24, 28, 35 e 36 foram enunciadas por perfis identificados como masculinos. Ao ocultarmos o artigo: “o”, “a” das SDRs acima, bem como as palavras: homem e mulher, pelos dizeres ali enunciados, não é possível uma identificação do discurso do masculino/feminino.

Isso, de certa forma, pode ser considerado surpreendente, pois ainda é presente no imaginário da maioria das pessoas uma representação historicamente distinta em relação à posição-sujeito homem e à posição-sujeito mulher quando entra em jogo o discurso sobre amor. Conservamos em nosso imaginário a relação do homem como o Don Juan, o galanteador, predador, enquanto a mulher assume o lugar da passividade; aquela que é seduzida. Interessante observar que aqui pouco importa essa distinção. Aquilo que se enuncia nos discursos sobre o amor no *site ParPerfeito* está atrelado ao paradoxo da completude (amado) e da incompletude (amante) mais do que ao homem e à mulher. Importa, dessa forma, a posição que ocupam esses sujeitos ao discursivisarem sobre o amor. Além disso, porém, vamos refletir sobre a interpelação do inconsciente nesses dizeres, analisando o dígito falho.

2.3 O DÍGITO FALHO

Como já mencionamos na introdução, a presente tese não se destina a ser um trabalho psicanalítico, mas recorre à teoria psicanalítica, por entender que esta faz um entrelaçamento de conceitos com a teoria da AD e, ainda, como vimos, ao falar sobre o amor fala-se sobre o desejo, elemento central para compreendermos o dígito falho. Por se tratar das autoapresentações do *site ParPerfeito*, temos que falar desse desejo que “escorre” através dos dedos no ato de digitar as autoapresentações que se fazem presentes.

De acordo com as ideias de Hartmann (2005), se há desejo, esse desejo inevitavelmente vaza, pois sua emergência incide sobre a interpelação do inconsciente que o coloca em falta. No contexto das autoapresentações, vamos perceber essa falta no modo como a escrita falha. A falha na escrita do *site ParPerfeito* se apresenta nos excessos, faltas ou troca de letras. Aqui não nos interessam as falhas sob o ponto de vista linguístico, mas sim por aquilo que revelam da interpelação da ideologia e do inconsciente no momento em que o usuário se autoapresenta no *site*. Portanto, não foi considerado neste estudo como falhas o emprego lexical do “vc”, para fazer referência à palavra: “você”, uma vez que, no mundo digital, essa forma de apresentar a palavra “você” parece ter se constituído como uma nova representação de escrita.

Para Morales (2005), o interdiscurso serve como espaço de subjetividade, uma vez que entram em jogo os mecanismos discursivos em relação à alteridade. E, por esta razão, ainda nas ideias da autora, a linguagem tropeça, se equivoca, deixando pistas para compreendermos que o processo discursivo não é autônomo ao sujeito. Em relação a isto, destaca que “na sua relação com o real, os sentidos são constitutivamente abertos, sujeitos a falhas, derivas. É por isso que neste batimento com o real há deslizamento de sentidos.” (MORALES, 2005, p. 222). No momento em que o usuário do *site ParPerfeito* se autoapresenta, esse dizer é revestido de significação para além daquilo que ele julga controlar e compreender, mas sua enunciação deixa pistas sobre essas significações que, por consequência, funcionam também como possibilidade de significação. Verificamos isso à medida que observamos a forma que a escrita assume neste contexto do *site* em estudo. Vejamos os grifos em algumas SDRs:

SDr 10: Alguém para somar... Sou **alegre,simpática, amiga,sensual, romântica.Sou** uma pessoa estável, de construir **vínculos** fortes e duradouros com quem estiver disponível e aberto para somar ... com alegria bom humor e algo mais rsrs... Gosto de estímulos intelectuais, um bom jantar ou uma roda de amigos para simplesmente rir...

SDr 12: "O senhor é meu pastor e nada me faltará." Companheira, amiga, sincera e a procura de um homem interessante, com **conteúdo**

SDr 25: Quero conhece-la gata! Sou **simpático**, extrovertido, gosto de conversa, sorrir, conhecer pessoas, ir a lugares bons e aconchegantes,bem sou simples, mas gosto de uma boa conversa, um bom filme, passear de mão dada, cinema, teatro, viajar quando posso e gosto de mulheres **simpáticas e roamnticas** e sensuais e meigas!

SDr 27: [...]A vida de solteiro e maravilhosa mas nao quando o preço que **si si** paga e a **Solidao...** procuro um **relacoinamento** serio !!!

Para nós, as falhas: *vículo* (SDr 10), *conteúdo* (SDr 12), *simpático*, *roamnticas* (SDr 25) *si si solidao relacoinamento* (SDr 27), na escrita no meio digital, representam o que Orlandi (2012) denomina de dígito falho. Para a autora, essas falhas aparecem porque, diante do computador, encontra-se um sujeito impaciente. Assim, *vículos* (SDr 10), *conteúdo* (SDr 12) e *relacoinamento* (SDr 27) são marcas dessa pressa, própria da rapidez impressa nos teclados do computador. Essa impaciência, nos dizeres da autora, faz parte da própria condição de produção do meio digital e tecnológico. É importante considerar que, mesmo no meio digital, com o uso das novas tecnologias, também atravessam, como menciona Orlandi (2012), a relação do sujeito com a linguagem de maneira particular. A forma de escrita aponta para os deslizamentos que ocorrem no discurso e também se fazem presentes nas manifestações textuais do meio digital. Esclarecemos que não seria relevante analisar esses aspectos do chamado dígito falho, se não fosse pelo inconsciente que a falha escapa, remetendo ao próprio processo de significação dos sujeitos no momento de se autoapresentarem. Da mesma forma, podemos analisar a falta de espaçamento entre as palavras e/ou pontuações, remetendo a ideia de que, de fato, esse sujeito “nega” os intervalos, que aqui podemos compreender como a negação desse vazio. Ou seja, de certa forma, nega o espaço para o outro, pois, como veremos em análise posterior, basta-se em si mesmo.

De acordo com Hartmann (2005), o dígito falho escapa porque o sujeito do inconsciente se apega à ideologia, pois naquele momento o desejo está mobilizante e, por estar ali, o desejo falha. Diz o autor que são as falhas na escrita que permitem a percepção de que o sujeito se liga à ideologia pelo desejo e, nessa relação, quando o sujeito se posta diante do objeto de desejo, ou de sua possibilidade, sente-se aliviado temporariamente, mas isto não o salva da condição de sujeito desejante e, por esta razão, a falha insiste em aparecer.

O sujeito do *site ParPerfeito*, para se fazer presente em sua enunciação, precisa estar diante do computador. Mas, como vimos, está marcado pela falta e, portanto, deixa escapar o inconsciente nas marcas de sua escrita. O dígito falho pode ser compreendido como o ato falho que ocorre na oralidade. Nas palavras: *vículo* (SDr 10), *conteúdo* (SDr 12), *simpático*, *roamnticas* (SDr 25) *si si solidao relacoinamento* (SDr 27) estamos localizando o chamado dígito falho que, na compreensão de Orlandi (2012), acontece porque são partes da estrutura e do funcionamento do texto afetado pela relação material ideologia/inconsciente. Em outras palavras, podemos dizer que essas falhas deixam pistas para compreendermos esse sujeito como faltante, bem como compreender como

manifestação do inconsciente as marcas que deixa nas falhas de sua escrita. O interessante é que, mesmo no meio digital, no qual se pressupõe um maior controle sobre a escrita, inclusive com os recursos de autocorreção de texto e passível de constante revisão, a falha se faz presente, insiste em aparecer, o que denuncia essa interpelação do inconsciente.

Para AD, a falha também pode ser compreendida como o equívoco e, neste estudo, estamos tomando por equívoco essas falhas na escrita. Na condição de equívoco, podemos entender que o dígito falha porque é interpelado pelo inconsciente. Pois, de acordo com Pêcheux (2009), "só há causa naquilo que falha". Pensando dessa forma, vamos considerar, também, que as falhas permitem outros múltiplos sentidos. Para Morales (2005), a presença do equívoco é fundamental para o discurso, pois são nessas falhas que o sentido se objetiva e que se permite que dali se constituam sentidos outros, mostrando-se como possibilidade de subjetivação.

Ainda para Orlandi (2012), o lugar da falha é o lugar do possível. A autora diz que há muitas maneiras de falhar, e as falhas, por sua vez, arregimentam diferentes possibilidades de sentido. Isso podemos perceber pelas falhas que foram analisadas aqui. Conforme Orlandi (2012, p. 77), a falha trata-se "de um momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um acontecimento histórico, rompendo o ciclo de repetição". Para a autora, quando essa falha se faz presente no meio digital, deixa uma fissura, que revela um rompimento. O rompimento se dá de uma forma perceptível, conforme mostramos, pelos erros de grafia que aparecem nas palavras, o que expõe o sujeito ao seu próprio dizer, ao seu próprio olhar. Para Orlandi (2012), compreender a falha é necessário, porque ela tem em si um nó de ligação material entre ideologia e inconsciente, que não se desmancha com uma interpretação apressada.

O que talvez nos apareça é que, como no digital, a especificidade de material da falha, tenha a ver com o modo de sua urgência, de sua irrupção. O que nos leva a pensar na temporalidade da escrita, na relação com a máquina e a técnica produzindo seus efeitos. (ORLANDI, 2012, p. 80).

Ao sugerir que o meio digital tecnológico incide sobre o sujeito uma relação com a temporalidade, isso lhe acarreta efeitos que perpassam seu corpo, seus dedos no momento em que está em frente ao computador. Para a autora, nisso se constitui o processo da escrita e acaba por fazer parte da estrutura/funcionamento da falha, afetada pela relação material ideologia/inconsciente, e conclui:

Finalmente, consideramos, por nossa análise que, por se tratar da escrita digital, as condições de produção dessa escrita favorecem essas falhas, esses pontos de emergência do irrealizado do sujeito. Momento em que a língua fala o sujeito, na sua própria falha. Justamente porque estamos em um meio material técnico - email com seu imediatismo - ele se entrega ao tempo do digital, do imediato, o da urgência, e, no modo como seu corpo é afetado pela tecnologia da escrita, ele se engana com a oralidade suposta, ele se distrai, ele se deixa pegar pelo desvio, pela encruzilhada. Efeitos do digital. Em que o inconsciente e ideologia se manifestam falando daquilo que fala/falha. (ORLANDI, 2012, p. 82).

Refletindo sobre as considerações propostas por Orlandi (2012), levando em conta que, nesta tese, o objeto discursivo são os dizeres sobre o amor e sobre si mesmo, inferimos que a falta se faz presente e atravessa os discursos, mesmo que o sujeito não se atente para isso. Contudo, quando nos deparamos com o discurso do e sobre o amor, tendemos a relativizar-lhe a característica de mutabilidade, de errância, porque, apesar de sofrer modificações em sua forma de expressar, há algo no discurso sobre o amor que permanece. Parece que temos a tendência de erigir o amor como algo naturalizado e fixamos um discurso que, apesar dos deslizamentos e de sua opacidade, permanece. Deste modo, parece que imobilizamos algo no discurso do amor. Entendemos, nessa tese, que essa imobilização tem relação com a FD do amor em falta, a qual deflagra esses dizeres. Em relação à localização da FD do amor em falta encontramos uma regularidade nos dizeres das autoapresentações conforme destacamos nas SDRs de funcionamento do tipo 1, principalmente quando encontramos os verbos: *procuro, desejo, quero encontrar*.

Articulando amor e falta, falta e falha, encontramos em Conte-Sponville (2007) uma forma de explicar essa relação, qual seja: "É o amor que comanda, mas o amor faz faltar: o amor comanda em sua ausência e por essa própria ausência, o dever que só nos constrange a fazer aquilo que o amor, se estivesse presente, bastaria, sem coerção, para suscitar" (2007, p. 243).

No *corpus* consideramos que a falha no processo de digitação das autoapresentações expressa a falta, a incompletude que se revela pela ausência de controle sobre o próprio discurso. Essa incompletude, que é característica fundante do discurso, pertence concomitantemente ao sujeito e ao sentido e, por isso, falha, desliza, escorrega, sobretudo quando se fala de e sobre o amor.

Se compreendermos que a incompletude é característica do processo de significação dos sentidos, da palavra, interessa-nos não apenas o que o texto quer dizer, mas também como os textos das autoapresentações funcionam. Vamos tomar o dígito falho

como o equívoco constituinte do discurso, para chegar ao modo de funcionamento da ideologia, o que, para Orlandi (2008, p. 25): “está presente por sua ausência necessária”, sendo o equívoco dessa maneira fundante e não de conteúdo. De acordo com os dizeres de Orlandi (2009), pela condição de assujeitamento – por mais que o sujeito tente controlar seus dizeres na autoapresentação – algo de falha escapará em sua escrita. Entendemos, então, que essas falhas são muito mais do que meras falhas da estrutura da língua.

Para Hartmann (2005), essa falta na escrita se expressa na falha, para afinar a compreensão do sujeito do inconsciente. Para ele, o sujeito se liga à ideologia pelo desejo. E conclui: para falar, o sujeito sacrifica algo, tomando a relação direta do sujeito com o real impossível. Dessa forma, é na fantasia que o sujeito suporta o próprio desejo. E por esse sujeito estar clivado, deixa falhas na sua escrita às quais remetem a essa relação. Sobre este aspecto, queremos destacar o dígito falho no momento em que os sujeitos estão falando de si. Vejamos (grifos nossos):

SDr 04: Sou muito sincera e **carinhosa,e romantica** e ainda acredito que irei encontrar alguém assim como eu

SDr 08: amorr paixao sou carinhosa,divertida,atraente

SDr 10: Alguém para somar... Sou **alegre,simpática, amiga,sensual, romântica**.Sou uma pessoa estável, de construir vínculos fortes e duradouros com quem estiver disponível e aberto para somar ... com alegria bom humor e algo mais rsrs... Gosto de estímulos intelectuais, um bom jantar ou uma roda de amigos para simplesmente rir...

Ao partirmos do pressuposto de que o amor é discurso e ao se colocar o amor em palavras algo se apaga. Esse apagamento se liga ao recalque que é sediado pelo inconsciente que, por sua vez, se manifesta nos atos falhos. No ambiente virtual do *site* de relacionamento em estudo se manifesta no contexto da escrita, conforme se observa nas SDrs acima.

Ainda, observando os dizeres de Lacan (1992), vamos compreender que o amor é uma metáfora na medida em que é articulada com a noção de substituição. Nesse sentido, afirma Lacan (1992, p. 47): “é na medida em que a função do amante vem no lugar, substituindo a função do objeto amado, que se produz a significação do amor.” E, por essa natureza, qualquer coisa que se fale sobre o amor é de difícil sustentação. Expressa o autor (1992): “tento articular a função do desejo na apreensão do outro, tal como ele se reproduz no par amado-amante, que organiza toda mediação sobre o amor.” (LACAN, 1992, p. 58).

É essa dupla relação – aquele que falta e aquele que supostamente preenche, mas não sabe que preenche – que, para a teoria psicanalítica, se cunha a noção de amor. No *site*

em estudo, observamos que aquele "sujeito que não sabe que tem" aparece justamente narrando e enaltecendo aquilo que tem, mas ao fazer esse percurso deixa escapar as marcas do inconsciente pela sua escrita que aponta para a emergência desse sujeito em falta pelo amor.

Neste capítulo, tecemos algumas considerações acerca do amor como discurso e que, como tal, sofre as marcas da história e as interpelações da ideologia e do inconsciente, o que resulta nas falhas da escrita. Também abordamos os dizeres sobre o amor no que se refere às posições-sujeito de amante e de amado as quais passam pela compreensão da relação incompletude/completude, quando se discursiviza sobre o amor. Por essa razão, foi possível localizar que aquilo que se fala sobre o amor, em relação ao contexto do *site* em análise, está filiado à FD do amor em falta, ou seja, circunda o desejo. E, se o sujeito é faltante e, portanto, desejante, deixa escapar o inconsciente nas marcas da escrita, pois o que está em pauta no *site ParPerfeito* são os dizeres sobre o amor. Em outros termos, somos levados a inferir que esse sujeito que fala de amor se vincula a essa FD do amor em falta e assume uma posição que deixa marcas naquilo que diz e como diz nas autoapresentações que enuncia.

As posições-sujeito de amante e de amado convocam os sujeitos a discursivizarem nas autoapresentações, relacionando o desejo como fundante desses discursos e como capaz de demarcar essas posições e o que delas decorre. No próximo capítulo, abordaremos o desejo que circunda essa posições-sujeito.

3 UM SUJEITO MARCADO PELO DESEJO

A materialidade do *corpus* em análise nos conduz à compreensão e à análise de enunciados que colocam o sujeito em falta pelo amor e o percurso que lhe trará completude e sentido à existência. Um discurso que vai se produzindo por muitas vozes a discursivizarem a busca pelo amor, revestidas também pelo jogo da sedução. Isso aparece no momento em que os usuários do *site ParPerfeito* procuram fazer uma representação de si mesmo dentro do arcabouço do imaginário daquilo que produz sedução. Dessa forma, os sujeitos, no ato de se cadastrarem no *site* se inscrevem nessa condição de produção marcada pela falta: e o fazem, aparentemente, em torno de um propósito similar – o encontro amoroso. Ou seja, como mencionado no capítulo anterior, trata-se de um sujeito marcado pelo desejo.

3.1 O TOUR DO DESEJO

O princípio da realidade de que fala Lacan (1995) é a necessidade do desejo ao se deparar com o objeto que cala a pulsão. A pulsão encontra uma satisfação momentânea no objeto, mas logo voltará a pulsar. A partir do exposto, podemos compreender que o gozo desse sujeito, que se inscreve ao escrever, está no percurso que o liga ao objeto, ou seja, o que importa para o sujeito é o *tour* em torno do objeto, ou melhor dizendo, em torno de si próprio. Nesse caso, somos levados a compreender que, ao colocar-se em evidência no *site ParPerfeito*, o sujeito cria a possibilidade de estabelecer centenas de interlocuções em que vai experimentar e, de certa forma, alimentar esse *tour*, esse percurso da sedução o qual permite se diga: “esse quero”, “esse não quero”. Os objetos de desejo (aquilo que é dito e as múltiplas possibilidades por estar em rede), nesse caso, só serviriam para alimentar esse circuito, marcando a natureza de uma eterna busca pelo primeiro objeto, o objeto perdido – o seio da mãe (princípio do prazer) – que jamais será capturado novamente.

Esse objeto é um objeto perdido. Perdido porque a busca está nos objetos pulsionais que chegam primeiro, de forma inesperada, deixando um “eu quero mais”. Importante lembrar que não é buscar outras vezes a mesma coisa, mas é uma eterna busca daquela primeira coisa, que se perdeu e nunca mais voltou e tampouco voltará. E é porque não voltou mais que se espera que volte. A pulsão é esse “mais da mesma coisa”, ou seja, o

impossível. O objeto pulsional se perdeu para sempre, e o ser humano vive preenchendo esse lugar vazio com chamarizes: “parece, mas não é”. O seio da mãe é um chamariz, atrai, no entanto, não é o seio perdido. Mesmo assim, o homem precisa desses chamarizes para lidar com a falta; inventa porque o vazio é insuportável. Nesse sentido, o discurso ensejado nas autoapresentações do *site* em análise cumpre exatamente essa função de realização do *tour* do desejo, completando o circuito desse “mais da mesma coisa”. Dito isso, é possível atribuir a esse discurso uma relação de importância em que mais importante do que a possibilidade da efetivação do encontro efetivo com o suposto parceiro, o gozo se localiza nesse navegar. Pouco importa o parceiro; o gozo aparece no *corpus* em análise quando o sujeito se mostra, e ao se revelar, percorre esse *tour* pela sua própria ordem discursiva; independente de haver ou não um interlocutor; esse interlocutor opera num discurso puramente da ordem do imaginário.

Então, nos perguntamos: o que, busca esse sujeito que se cadastra no *site ParPerfeito*? Estamos considerando, neste trabalho, que ele busca a fantasia da possibilidade do encontro com o objeto, o referido objeto perdido. Contudo, lança-se no mundo digital já com a finalidade, inconsciente, de esquiva desse outro objeto. Por essa razão, ao percorrer esse *tour* do desejo, o corpo, que se constitui ali pelo discurso, cumpre a finalidade do próprio objeto de desejo. Isso, de algum modo, aparece nos deslizamentos que fazem oscilar essa posição entre o pleno e a falta. Na verdade, não se fala de amor, e nem sobre ele, fala-se desse gozo contido, inacessível à realização que não seja pelas vias do imaginário que representa justamente o vazio e não a possibilidade de seu preenchimento. É necessário compreender a tensão fundamental que liga o sujeito ao objeto para entender que, na realidade, aquilo que se procura, jamais será encontrado e somente dessa forma se assegura a manutenção da demanda. Segundo Lacan, “É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se procura.” (LACAN, 1995, p. 13).

E nesses termos, segundo a psicanálise, é no vazio que o homem se insere no simbólico, já que é impossível capturar o real. Segundo Wine (1992, p. 17), a psicanálise vai estabelecer como ponto chave de sua teoria a relação entre o real e o simbólico. Com a psicanálise, e seus três registros: real, simbólico e imaginário, os conceitos de sujeito, ser, saber e verdade articulam-se de uma nova maneira. O ser e o saber não são mais duas coisas que se distinguem nitidamente. Na psicanálise, o saber é consequência e efeito do ser. Ou seja, a representação, aquilo que se inscreve no “psíquico” é representação da pulsão que

emana de uma fonte no corpo. O saber tratado pela psicanálise não é o saber sobre o ser, mas o saber que emana do ser. Este ponto de articulação entre o ser e o saber é aquilo que a psicanálise chama de sublimação: o ser-corpo se faz saber-psíquico. A pulsão consiste na sua exterioridade ao saber, e o saber só poderá obedecer ao ser da pulsão, deixando-se afetar e dominar por essa exterioridade. Para Wine (1992), a “verdade” da pulsão não fornece nenhuma imagem ou ideia de natureza organizada do corpo. Só depois dessa “verdade” ser situada e articulada no campo simbólico, o saber dá uma forma àquele corpo, que o informa das suas exigências, sempre outras. Continua o autor: quem opera a sublimação é o sujeito, o sujeito da psicanálise, que está entre o ser e o saber, entre o corpo pulsional e o inconsciente estruturado como uma linguagem.

O homem se faz em palavra e pela palavra na qual se inscreve a função simbólica. Se a pulsão impulsiona sempre o sujeito à eterna busca do objeto, o sujeito será sempre um devir numa operação de alienação constante. O sujeito é um “faltar a ser” e vai se colocando na falta do outro. Na angústia, falta a falta, falta o sujeito barrado que responde com sua própria falta. É a falta no outro que atribui ao outro um ideal de completude – Outro – mas, nesse caso, essa falta opera sobre si mesmo. Em relação a isso, podemos citar:

SDr 13: OLÁ, CANSEI DE FICAR SO!! DEIXE AMAR VC? TBEM QUERO SER AMADA, ADOROO! Ola, sou uma mulher feliz [...] quero agora pra mim alguém que me deixar amar, e me amar com toda intensidade, de uma forma que possa valer a pena, não passo por cima da vida, quero viver, e viver um grande amor agora é meu objetivo, quero me encontrar e se quiser tbém... Espero vc homem inteligente, cheiroso, carinhoso que tenha a família, e Deus como base de tudo, que saiba o que quer e como quer!! [...] Não acredito muito em amores a distancia, Quero o meu bem perto de mim, posso não responder, Mas se achar que vale a pena me convença, bjssssss

O enunciado *"agora é meu objetivo, quero me encontrar e se quiser tbém..."* (SDr 13) mostra que é somente no interior da demanda que o Outro se constitui como reflexo da fome do sujeito. E assim escreve Lacan (2010, p. 669): "o Outro, portanto, não é de modo algum apenas fome, mas fome articulada, fome que demanda." O sujeito está a ponto de se tornar objeto de uma fome que ele mesmo escolhe. Isso quer dizer que aquilo que o sujeito pode dar está imbricado ao que ele mesmo pode reter, seu próprio desejo.

A partir do exposto, podemos questionar como se dá essa relação quando o sujeito procura, no site *ParPerfeito*, a forma de expressar sua demanda de amor? Lacan (1995) mais uma vez oferece uma explicação de como acontece a relação que o sujeito estabelece com o objeto, como mencionamos acima. Apropriando-nos dos dizeres do autor,

poderíamos pensar numa estrutura de funcionamento psíquica que se aproxima do obsessivo. O obsessivo se lança numa espécie de exibicionismo que, para ele, representa o desempenho de até onde ele pode ir no exercício desse jogo: "o jogo se desenvolve diante de um Outro que assiste ao espetáculo. Ele próprio nada mais é do que o espectador, a própria possibilidade do jogo e do prazer que dele tira residem daí. Em contrapartida ele não sabe que lugar ocupa, eis o que há de inconsciente nele." (Lacan, 1995, p. 26). Encontramos também em Rosa (2003) uma perspectiva para esse pensamento. Para a autora, a crença no amado, enquanto metade complementar, está em declínio, em virtude das inúmeras vivências que o sujeito do contemporâneo tem a sua disposição; inúmeros recursos para possibilitar formas de suprir o amor em falta. Nesse sentido, inferimos que mais do que o desejo de buscar a metade complementar, o *site ParPerfeito* cria a possibilidade de exercer a prolixidade dos discursos sobre o amor, mantendo sua cadeia de significante e sua inesgotabilidade. Para Lacan (1995), esse sujeito se dá conta de que o jogo não é jogado exatamente ali onde ele está, e é justamente por isso que nada do que aconteça tem importância para ele. E é essa uma das possibilidades de interpretação dos dizeres do *site* que analisamos, o que reafirma a ideia de que o que importa para esse usuário que ali se cadastra é o *frisson* que gera o percurso desse *tour* em torno do desejo, conforme mencionamos antes. Contudo, "isso não quer dizer que ele saiba de onde vem tudo isso". (LACAN, 1995, p. 26).

Se tomarmos as ideias de Lacan (1995), para quem o sujeito em análise vai ao encontro e ao desvelamento de seu próprio desejo, podemos estabelecer, como efeito dessa análise, que o sujeito – que se inscreve em um *site* de relacionamento – mais do que capturar o amor, deseja estabelecer o trânsito do desejo em si mesmo. Fato é que o discurso do amor se exprime de modo paradoxal e nisso vamos insistir nesta tese: "o que é amado no objeto é aquilo que falta a ele - só se dá o que não se tem." (LACAN, 1995, p. 153). Talvez, nesse momento, possamos apontar como efeito de sentido a procura através do *site ParPerfeito*. Em outras palavras, coloca-se discursivamente em procura daquilo que sabe que não irá encontrar e dissimula essa certeza pelo não encontro, quando, em certa medida, coloca-se como objeto de sua própria procura. Ao falar da falta, o sujeito fala ao mesmo tempo em completude e cria uma imagem corpo (SDr de funcionamento do tipo 3) que, nesse caso, surge como o próprio objeto de desejo. Dessa forma, é como se o sujeito constituído linguisticamente no *site* fosse o espelho de si mesmo. Vamos mais longe ao propor que esse

sujeito é a metade perdida de si mesmo. Ou, no limite, brinca de procurar aquilo que não quer encontrar.

De qualquer forma, ao percorrer o *tour* em torno de si mesmo, o sujeito o faz tal qual como Narciso que mergulha em sua própria imagem, com a diferença – queremos destacar – de que, o meio digital permite que o sujeito mantenha-se vivo e não seja engolido por sua própria imagem, pois isso acontece disfarçado para o próprio sujeito. Aquilo que, no mito de Narciso representa a paixão sobre si mesmo e uma busca dirigida por sua imagem, no *site ParPerfeito* se desliza na busca pelo outro. Isto permite que o sujeito percorra o *tour* do desejo, sem que morra em sua própria imagem, apesar de ser por ela que desfalece. Esse sujeito conserva um ideal de busca. Contudo, não quer encontrar essa busca no outro, pois o que busca, há em si mesmo.

Esse mecanismo acontece pela representação de corpo que ele mesmo cria, uma imagem-corpo como veremos no próximo capítulo. Esse movimento, na maioria das vezes, não está acessível à consciência do sujeito, e, talvez, esse sujeito na posição de usuário, no fim das contas, queixe-se de que, mesmo com inúmeras possibilidades, é difícil encontrar um parceiro para se relacionar. Ou seja, o modo como discursiviza, como se apropria e como utiliza o ambiente do *site* em análise está interpelado também por seu inconsciente que encontra maneiras de se manifestar.

Assim, é possível que esse sujeito do *site*, mais do que ir ao encontro de sua metade perdida, encontre no *tour* do desejo a possibilidade de manter vivo seu desejo, de manter inesgotável sua demanda. Poderíamos nos perguntar com que finalidade o sujeito assume inconscientemente esse percurso, uma vez que acredita que está ali para encontrar um parceiro? A resposta que parece satisfatória no momento seria: para manter a demanda e ao mesmo tempo ludibriar a dor da falta pela imagem de corpo que constrói. Vamos então analisar que significações são possíveis de se apreender a partir desse corpo que emerge no digital.

4 UM CORPO DIGITAL?

Neste capítulo, trazemos a relação do corpo que emerge no meio digital como significação de uma imagem-corpo que acaba por assumir o lugar do corpo empírico. Vamos apontar a relação dessa imagem-corpo cumprindo a finalidade do próprio desejo o qual, aparentemente, liberta o sujeito da angústia, mas que continua por demarcá-lo nesse lugar da falta.

4.1 O CORPO OBJETO

Atentos à representação do corpo no digital vamos ao conceito de corpografia desenvolvido por Dias (2012) ao estudar as redes de relacionamento *on line* em salas de bate-papos. Para a autora, a possibilidade tecnológica da virtualização retira do corpo as marcas do tempo. Ou seja, o tempo é relativizado, tudo acontece em tempo real, não havendo tempo para a reclusão, para a convalescência. Exige-se do sujeito que esteja presente constante e imediatamente, mas enquadrado e disciplinado, contudo, dessa vez, por uma exigência tecnológica. O conceito de corpografia é sustentando, basicamente, sob a premissa de que o vínculo social do meio digital se dá mais pelo laço afetivo do que por outras possibilidades de interação. A autora argumenta que, mesmo no universo *on line*, esses laços afetivos são laços corporificados, pois são laços que pressupõem a existência do corpo, mesmo na sua ausência. De certa forma, isso parece contraditório, sobretudo se tomarmos esse corpo como o corpo empírico. A propósito, esse laço afetivo – que exige passagem pelo corpo – passa pelo corpo atravessado, constituído pela e na escrita: o corpo simbólico. Em outras palavras, é o discurso inscrevendo uma imagem de corpo que, segundo a autora, liga os usuários das redes *on line*.

Compreendemos que as autoapresentações do site *ParPerfeito*, para servir de ligação entre os usuários, precisam ressaltar a ideia do belo e, sobretudo, de parecerem desejantes aos olhos alheios. Ou seja, vinculados a uma imagem de sedução que também está articulada ao interdiscurso, envolvendo as representações do belo. Ao mesmo tempo permite, segundo Gallo (2013), espaços cambiáveis que funcionam como fissuras por onde penetram os efeitos de atualidade.

Partimos do pressuposto de que o modo como esses sujeitos se autoapresentam – e que os leva a constituírem esse corpo simbólico – está relacionado com a FD do amor em falta e que, por essa razão, remete novamente à questão do desejo. Estamos, nesta tese, propondo a compreensão de que o desejo se funda e se satisfaz pela própria possibilidade de materialização discursiva, capaz de produzir o objeto corpo que, neste caso, ocuparia o próprio objeto de desejo. Propomos essa análise a partir das sequências discursivas:

SDr 04: Sou muito sincera e carinhosa,e romantica e ainda acredito que irei encontrar alguém assim como eu

SDr 13: OLÁ, CANSEI DE FICAR SO!! DEIXE AMAR VC? TBEM QUERO SER AMADA, ADOROO! Ola, sou uma mulher feliz [...] quero agora pra mim alguém que me deixar amar, e me amar com toda intensidade, de uma forma que possa valer a pena, não passo por cima da vida, quero viver, e viver um grande amor agora é meu objetivo, quero me encontrar e se quiser tbém... Espero vc homem inteligente, cheiroso, carinhoso que tenha a família, e Deus como base de tudo, que saiba o que quer e como quer!! [...] Não acredito muito em amores a distancia, Quero o meu bem perto de mim, posso não responder, Mas se achar que vale a pena me convença, bjsssss

SDr 25: Quero conhece-la gata! Sou simpatico, extrovertido, gosto de conversa, sorrir, conhecer pessoas, ir a lugares bons e aconchegantes,bem sou simples, mas gosto de uma boa conversa, um bom filme, passear de mão dada, cinema, teatro, viajar quando posso e gosto de mulheres simpáticas e roamticas e sensuais e meigas!

Destacamos os enunciados: *quero me encontrar e se quiser tbém* (SDr 13); *acredito que irei encontrar alguém assim como eu* (SDr 04) como elementos que nos levam a compreender que, ao se autoapresentarem, esses sujeitos encontram sua satisfação na seguinte perspectiva: mais importante do que os efeitos de sentido que esses dizeres suscitarão nos seus interlocutores é o efeito de sentido que suscita em si próprios ao se autoapresentarem dessa forma e não de outra. Constituir-se como seu próprio objeto de desejo só é possível pela construção desse corpo simbólico que, por sua vez, se constitui no espaço discursivo do *site*. Os pontos de referência que o sujeito cria para se autoapresentar, como vistos em: *sou carinhosa e romântica* (SDr 04) *sou simpático e extrovertido* (SDr 25), aparecem como a necessidade de construir dizeres que colocam o corpo em evidência, sobretudo naquilo que tange ao enaltecimento das características positivas desse mesmo corpo. Vejamos:

SDR 36: Gorilasensível. **CORPO DE GORILA, MENTE DE FILOSOFO.** Bem...não sou um homem bonito, **pouca altura, calvo, peludo, um gorilinha mesmo**....mas certamente tenho conteúdo, sou razoavelmente inteligente, boa formação intelectual e muito gentil e carinhoso com quem assim o for comigo. **Gosto muito de sexo**, mas com alguém que realmente esteja comigo, para não termos qualquer tipo de preocupação e podermos nos entregar completamente, sem entraves. Adoro

beijar, e para isso Deus me deu uma **boca carnuda e macia**. Falante, bom domínio de todos os assuntos, romântico e muito carinhoso, não sou lindo de morrer, mas também não sou feio de matar. Eu diria um **Charles Bronson calvo**

Podemos inferir, analisando os grifos no fragmento acima, que representação de corpo coloca em jogo aquilo que Lacan (2010) denomina como a função da *persona*. Segundo o autor, essa representação (persona) está o tempo todo operando sob a economia da presença humana, ou seja, um ponto de referência ilusório. Somos levados a compreender que, se há uma necessidade da persona, é porque, por detrás dessa representação, toda forma de real se esquia, se desvanece. E acrescenta que é de um agrupamento complexo que a persona resulta. E ainda "e aí como efeito, é que residem o corpo e a fragilidade de sua subsistência. Por trás nada sabemos do que pode sustentar, pois é uma aparência redobrada que se surge a nós, um redobramento da aparência, que deixa a interrogação de um vazio." (LACAN, 2010, p. 269). Pode-se dizer que o enunciado *Gorilasensível, Corpo de gorila, mente de filósofo* (SDr 36) aponta para essa relação.

Ao falar da função persona, o autor estabelece a analogia do nascimento de Psiquê que, por meio de uma espécie de troca de poderes, ganhou corpo. Dessa forma, propomos que o meio digital promove esse mesmo mecanismo, esse "ganhar corpo", um corpo simbólico, o lugar do significante que se constitui pela linguagem. Em outras palavras, vamos compreender a partir da proposição do autor que: "vai se suceder todo um cortejo de desgraças que serão as suas antes que ela feche o circuito, e reencontre aquilo que, naquele instante, vai desaparecer para ela no instante seguinte, o que ela quer desvelar e capturar, a figura do desejo." (LACAN, 2010, p. 296).

Para Cukiert e Priszulnik (2002, p. 147), "pelo seu corpo mesmo, o sujeito emite uma palavra que ele nem mesmo sabe que emite como significante. É que ele diz sempre mais do que quer dizer, sempre mais do que sabe dizer." Ao dizer isso e aquilo, de uma forma e não de outra, o usuário do *site* acredita controlar os efeitos de sentido em relação àquilo que diz, da mesma forma que acredita ter originalidade sobre seus dizeres. A fala é um dom da linguagem e esta, por sua vez, não é imaterial, razão pela qual se liga ao corpo, um corpo sutil, mas um corpo. Ainda, segundo os autores: "as palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito." (CUKIERT e PRISZULNIK, 2002, p. 147). Sendo assim, o corpo é marcado pelo significante, em sua vertente simbólica na qual o inconsciente também se inscreve, sobretudo quando o sujeito, por meio do discurso, constrói uma imagem de corpo acerca de si mesmo. Nesse sentido, inferimos que um corpo falante é

significante. E concluem: "Assim o analista toca o corpo e o sintoma por meio da palavra. Ele intervém sobre o inconsciente (estruturado como linguagem) e sobre a história, obtendo efeitos no corpo, pois quando do atravessamento pela fala, o corpo também é afetado." (CUKIERT e PRISZULNIK, 2002 p. 148). O corpo é afetado pelo discurso, isto quer dizer que não há como separar o corpo e a palavra; significa dizer que, se a palavra tem efeitos sobre o corpo, corpo e palavra se entrelaçam. Nesses termos, vamos recorrer às explicações de Jorge (2002) para quem o lugar do significante é o Outro, ou seja, é o registro do simbólico. O autor vai considerar ainda que, se é o lugar do significante, esse Outro é sempre faltoso, incompleto, e que, por oferecer certa opacidade, permite novos significantes. Por esta razão esse Outro é furado, poroso.

SDr 04: Sou muito sincera e carinhosa,e romantica e ainda acredito que irei encontrar alguém assim como eu

SDr 13: OLÁ, CANSEI DE FICAR SO!! DEIXE AMAR VC? TBEM QUERO SER AMADA, ADOROO! Ola, sou uma mulher feliz [...] quero agora pra mim alguém que me deixar amar, e me amar com toda intensidade, de uma forma que possa valer a pena, não passo por cima da vida, quero viver, e viver um grande amor agora é meu objetivo, quero me encontrar e se quiser tbém... Espero vc homem inteligente, cheiroso, carinhoso que tenha a família, e Deus como base de tudo, que saiba o que quer e como quer!! [...] Não acredito muito em amores a distancia, Quero o meu bem perto de mim, posso não responder, Mas se achar que vale a pena me convença, bjssssss

Na medida em que define uma representação de corpo acerca de si mesmo que representa uma idealização, uma perfeição de encaixe ao vazio de quem quer que leia os dizeres do *site* em estudo, o sujeito o faz no intuito de complementar seu próprio vazio, *sou aquilo que você quiser, depende de vc* (SDr 14). Em outras palavras, queremos dizer que, ao se definir como objeto de desejo, acaba por ser o espelho de si mesmo, capturando nessa mensagem o Outro para sua própria significação. Lembramos nesse ponto, a representação narcísica. Sobre essa representação, Lacan (2010) diz que é por meio da distinção Eu/Outro que o sujeito pode apreender o que existe de ilusório na sua identificação narcísica. Existe uma opacidade que envolve, então, o objeto perdido, aquele que jamais será alcançado, sendo que "essa opacidade essencial trazida para a relação com o objeto pela estrutura narcísica, é superável, na medida em que o sujeito pode se identificar noutra parte." (2010, p. 456).

Desse modo, o Outro, só pode ser apreendido como espelho, aquele que devolve a imagem para aquele que olha. Em nosso *corpus*, encontramos esse vestígio

narcísico, quando nos deparamos com os dizeres: *espero encontrar alguém assim como eu* (SDr 04) ou *meu objetivo agora é me encontrar* (SDr 13). Podemos dizer, então, de acordo com Teixeira (2005), que o estágio do espelho antecipa a entrada do sujeito no simbólico. Ou seja, a fase do espelho, por representar a primeira experiência de individualidade, é impregnada do sentimento de desapossamento de si mesmo. Para a autora supracitada, nessa fase, quando a criança internaliza a figura outro-eu (a mãe), ela depara-se com um sentimento de incompletude, de menos valia. E conclui "nasce aí a primeira forma de alienação do sujeito, princípio de todas as outras que irão constituir sua existência." (2005, p. 81). Dessa forma, a finalidade, ou melhor dizendo, o efeito de sentido que resulta para o próprio sujeito passa pela possibilidade de construir uma imagem-corpo acerca de si mesmo, confundindo-a com o próprio objeto de desejo capaz de lhe suprir a falta, ainda que transitoriamente. Como esse objeto ocupa um lugar transitório, já que é para sempre perdido, qualquer desvio é suficiente para questionar a realidade e a consistência da ilusão do eu. Nessa direção, Lacan (2010, p. 457) explica:

Basta que se movimente no campo do Outro seja o que for que desempenhe o papel de ponto de suporte do sujeito para que na ocasião de um de seus desvarios possa ser dissipada, vacilar, ser posta em causa a consistência do Outro, ou mais precisamente, daquilo que está ali enquanto campo de investimento narcísico.

Esse campo de investimento narcísico é essencial, pois é em torno dele que se decide todo o destino do desejo. Contudo, a esse sujeito é permitido que escape desse campo narcísico pela presença do significante. Neste ponto, o que pretendemos mostrar é que esse sujeito que se constitui no *site ParPerfeito* e que elege uma representação de objeto ao se autoapresentar, outorgando a si mesmo o lugar de pleno, o faz nesse percurso narcísico sem se dar conta disso. De alguma forma, operando sob a insígnia do inconsciente, o sujeito estabelece uma proteção para qualquer atravessamento que se interponha no campo do Outro, uma vez que não corre o risco de sofrer outra interdição, porque, agora, não deseja o objeto proibido, uma vez que é ele mesmo quem dá contornos a esse outro que vem assumir, para ele, o lugar do grande Outro. De acordo com Magalhães (2004), compreendemos o narcisismo definido como o amor que vem acerca de si, assim como nossa análise pretende: "essa imagem, como se pode ver, é o outro (Outro). Eu mesmo sou Outro." (2004, p. 60). Queremos mostrar aqui que nasce para o sujeito uma imagem de corpo que não é empírica e nem biológica, mas simbólica. Vejamos:

SDr 03: Quero encontrar um grande amor!!!!nunca e tarde para....ser feliz!!!! Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..esperando meu principe encantado!!!!

SDr 09: Apenas uma pessoa com a alegria de uma criança; a malícia de uma adolescente; e sentimento de mulher . Sou uma pessoa verdadeira não gosto de jogos. [...]Se desejar saber algo mas sobre a minha pessoa acredito que com o tempo voce vai saber de tudo que for importante para uma relação é muito dificil falarmos de nos mesmo por esse motivo prefiro que o tempo responda as suas perguntas mas se for do seu desejo fazer algumas perguntas te responderei com muita alegria

SDr 32: muiigata Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..tipo fisico magro...dizem que nao aparento a idade que tenho.....

SDr 35: bonito tesão

SDR 36: Gorilasensível. CORPO DE GORILA, MENTE DE FILOSOFO. Bem...não sou um homem bonito, pouca altura, calvo, peludo, um gorilinha mesmo....mas certamente tenho conteúdo, sou razoavelmente inteligente, boa formação intelectual e muito gentil e carinhoso com quem assim o for comigo. Gosto muito de sexo, mas com alguém que realmente esteja comigo, para não termos qualquer tipo de preocupação e podermos nos entregar completamente, sem entraves. Adoro beijar, e para isso Deus me deu uma boca carnuda e macia. Falante, bom dominio de todos os assuntos, romantico e muito carinhoso, não sou lindo de morrer, mas também não sou feio de matar. Eu diria um Charles Bronson calvo

A ideia da perspectiva narcísica refere-se ao movimento do sujeito, no sentido de: ao invés de realizar buscas relacionadas a outros parceiros, o sujeito usa o *site ParPerfeito* para dissimular o empobrecimento de suas relações objetais, e escolhe a si mesmo uma vez que as pulsões exigem que sua satisfação passe, necessariamente, por um objeto. E o faz também, em certa medida, para garantir a satisfação das necessidades, para que o campo do desejo venha a se abrir como ordem significante. Para Santos (2012), o que esse sujeito faz é valer-se da moral para livrar-se das vicissitudes da relação objetual, obtendo, de forma desviada, certa liberdade da servidão exigida por tais vínculos. Aquilo que surge como possibilidade de ampliação de vínculos, como vemos em: *não acredito muito em amores a distancia, Quero o meu bem perto de mim, posso não responder, Mas se achar que vale a pena me convença* (SDr 13), parece, ao mesmo tempo obstaculizar essa possibilidade. Assim, o movimento narcísico que estamos localizando no *corpus* em estudo, se configura numa espécie de fuga dos contatos, para satisfazer-se em si mesmo, ainda que ilusoriamente: *posso não responder* (SDr 13), podendo significar: não espere que responda, pois não quero responder. Acompanhando os dizeres de Azevedo (2009), podemos compreender que esse meio digital que permite a construção da imagem-corpo funciona como um *locus* do inconsciente, assim descreve a autora: "onde se encenam tantos dramas, romances, sonhos que não têm espaço nos palcos da consciência vigilante." (2009, p. 95). O

sujeito fala e é falado: *tbem quero ser amada, adoooo! quero viver, e viver um grande amor agora é meu objetivo, quero me encontrar e se quiser também... Espero você homem inteligente, cheiroso, carinhoso que tenha a família, e Deus como base de tudo, que saiba o que quer e como quer!!* (SDr 13) e é de onde ele recebe sua mensagem de outra forma, inversa ao sentido do seu dito.

Para Seixas (2009), o ato de se colocar no meio digital é percebido pela exposição permanente dos indivíduos e suas identidades, funcionando como uma pulverização dos diversos estímulos e possibilidades que deixam pistas do investimento narcísico. Observamos essa pulverização dos estímulos e suas identidades, significando que, ao mesmo tempo em que o sujeito amplifica as possibilidades de relação com o outro, acaba por delegar ao outro a possibilidade de forjar seu processo de subjetivação, conforme os dizeres:

SDr 14: *ola quem quizer ter um relacionamento seriu estarei aqui. sou alegre divertida qaundo me convem sou brava qaundo me provocao mas tudo na vida tem que ser natural adoro praia e tudo que e bom sou aquilo que querem que eu seja depende de suas atitudes*

SDr 16: *Estou virtual,dependo de vc para si torna real.(...) Procuo uma conpanheira carinhosa,gentil,fiel que goste de curtir as coisas boa da vida.*

Os dizeres: *sou aquilo que querem que eu seja depende de suas atitudes* (SDr 14) e *estou virtual dependo de você para si tornar real* (SDr 16) remetem a essa possibilidade de delegar e solicitar ao outro que intente sua própria identidade. Sobre a questão da identidade, Seixas (2009) argumenta que, por meio do mundo digital, estamos vivendo uma miríade de possibilidades identitárias, “o eu narcísico se completa renunciando a se refletir e constituir como “si”, o que supõe os outros.” (2009, p. 66).

Se do mito de Narciso destacamos o sujeito que ao encantar-se com a própria beleza é engolido por ela, tomamos o conceito de agalma desenvolvido por Lacan (1992) e, para entendê-lo, precisamos dimensionar que a relação de amor, de desejo passa pelo belo. Para o autor, o desejo pelo belo se manifesta à medida que se apegamos a uma miragem e acaba sendo aprisionado por ela (tal como vimos no investimento narcísico) e, somente por essa razão, assume a posição de poder satisfazê-lo. Nesse sentido, ao se colocar em evidência por meio de seu autorretrato na sua autoapresentação, como em *Eu diria um Charles Bronson calvo* (SDr 36); *bonito, tesão* (SDr 35); *corpinho quase em forma* (SDr 32); *loira*

(SDr 03 e 32), os sujeitos o fazem remetendo a essa ideia da beleza e plenitude dos corpos que emergem como efeito de sentido. Sobre a beleza, o autor propõe:

O desejo do belo é aquele que invertendo essa função, faz o sujeito escolher a marca, os apelos daquilo que lhe oferece o objeto, ou entre os objetos. Esse belo que ali estava, não como meio, falando propriamente, mas como transição, modo de passagem, faz com que ele se torne o próprio objetivo a ser buscado. De tanto, se podemos dizer, permanece o guia, é o guia quem se torna objeto, ou melhor que o substitui os objetos que podem ser suporte, e não sem que sua transição seja expressamente marcada no discurso. (LACAN, 1992, p. 131)

No *corpus* em estudo observamos que o sujeito se oferece como objeto referido por Lacan, em: *apenas uma pessoa com a alegria de uma criança, a malícia de uma adolescente e sentimento de mulher* (SDr 09). Essa SDr aponta para imagens de beleza e perfeição que se constituem a partir do seu dizer o qual remete ao sentido: sou tudo aquilo que você sempre sonhou. Isto é, o objeto que inicialmente é apresentado como suporte do belo, de fato, se torna a transição em direção ao belo. Dessa forma, é notória, para Lacan (1992), a relação do amor e do belo o que dá origem ao conceito de *agalma*. O autor chega ao termo *agalma* para se referir tanto ao enfeite, como àquilo que está dentro, uma joia muito bem guardada em um porta-joias, como aquilo que está do lado de dentro, que está no interior do belo. Dessa forma, compreendemos que a relação com o *agalma* nada mais é do que uma relação com a imagem, uma imagem especial. É aquilo que faz brilhar os olhos e que reserva sempre uma relação com a imagem, ou, como propomos, com a imagem-corpo que surge a partir das autoapresentações.

Podemos entender que esse corpo que nasce pelo discurso nas autoapresentações, mobilizado pela FD do amor em falta, assume também o lugar do objeto pelos efeitos de sentido que lhe são suscitados. Os dizeres *corpo de gorila, mente de filósofo* (SDr 36) ou mesmo *Charles Bronson* (SDr 36) apontam para essa relação de um corpo que toma lugar de objeto. Nessa perspectiva, Orlandi (2012a, p. 85) refere que “não estamos, pois, aqui pensando o corpo empírico, mas o corpo em sua materialidade significativa enquanto corpo de um sujeito”. Sobre isso, como já vimos em Foucault (2009), é um corpo utópico, em que há algo de invisibilidade que vai além dos pontos físicos obscuros; é a invisibilidade do contato sem corpo em relação. Um corpo protegido que se relaciona com um corpo construído. Corpo em potência.

Assim como as possibilidades de subjetivação, o corpo, no meio digital, surge com o simples ato de dedilhar, que também constrói discursos, sujeitos e sentidos,

promovendo inclusive o surgimento dessa imagem-corpo. A esse respeito, Messias (2000) afirma que o mundo digital exerce certo fetichismo na medida em que é possível, no conforto de nossa poltrona, o inviolável, o obscuro e permitido e o proibido. E, também, como consideramos nesta tese, o sujeito se revela com essa mesma capacidade de despudoramento. A fim de observarmos o que estamos mobilizando analiticamente, destacamos: *gosto muito de sexo, mas com alguém que esteja realmente comigo, para não termos qualquer tipo de preocupação e podermos nos entregar completamente, sem entraves. Adoro beijar* (SDr 36). Como podemos observar na SDr 36, ao sujeito do site é permitido jogar um jogo de mostra e esconde de verso e reverso sobre si mesmo. Para Messias (2000), o meio digital permite que se explicitem as fantasias sem culpa ou reservas, ao mesmo tempo em que é permitido o acesso às fantasias alheias.

Consideramos que, na produção dos discursos, embora sujeito e sentido pareçam estar sempre lá, também são produzidos por efeito da ideologia. E com o corpo não é diferente. Orlandi (2012, p. 85) refere-se à discursivização da carne, como “trabalho realizado ciosamente pelos agentes ideológicos que cuidam de imaginá-la, esperá-la, erguê-la, educá-la, administrá-la, alocá-la em corpo discurso.” Pois este corpo é produzido por um processo de significação que trabalha a ideologia. Assim também compreendemos que o corpo digital remete a um corpo significado pela urgência de uma significação e do desejo de estar sempre presente mais para si do que para o outro.

Vamos considerar que, mais do que uma extensão de si, a autoapresentação acaba por se constituir numa construção imagética do si mesmo quando voltamos a SDr 14 já apresentada anteriormente: *sou aquilo que você deseja que eu seja*. Nessa perspectiva, a autoapresentação é capaz de desencadear modos de individualização dos sujeitos, uma vez que, individualizados, vão se identificar com esses ou aqueles sentidos, constituindo esta ou aquela posição-sujeito, dando contornos à imagem-corpo que serve como constructo, para preencher o vazio da falta. No ambiente digital, encontramos as marcas de como o sujeito relaciona-se com seu corpo e outros corpos já atravessados por uma memória, pelo discurso social que o significa, pela maneira como ele se subjetiviza. Emerge nesta tese um corpo clivado pelo simbólico. Em outras palavras, as autoapresentações no site *ParPerfeito* mobilizam o imaginário à medida que oferecem para seus usuários a ampliação das possibilidades de contatos descorporificados. E mesmo que o contato seja descorporificado, o meio digital apresenta a capacidade de deixar significações no corpo, um corpo que vai se constituindo e se relacionando simbolicamente.

Nessa linha de raciocínio, somos levados a concluir que a materialidade do corpo antecede o discurso presente nas autoapresentações que, por sua vez, produz um sentido de materialidade ao corpo. O sujeito se embrenha nessa seara preso a uma ilusão de autonomia sobre o próprio corpo, sem se dar conta de que sua busca expressa as marcas ideológicas e históricas que lhe interpelam em sujeitos do discurso. O sujeito, dessa forma, projeta, no imaginário, um corpo sem presença, mas cuja ressonância imagética produz um efeito de sentido tão presente que é capaz de interpelar o próprio discurso. Nessa direção, Orlandi (2009, p. 73) argumenta que o discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade, no entanto ele funciona de modo a assegurar a permanência de certa representação: "para isto, diríamos, há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, projeto eu o converte em autor. O autor é o lugar em que se realiza esse projeto totalizante, o lugar em que se constrói a unidade do sujeito." (Orlandi, 2009, p. 73). Esse lugar, entretanto, por não ser nem lá, nem cá, é gerador de tensão.

Não se trata de um conflito forjado em uma relação física, mas sim uma tensão instaurada no simbólico, no discurso, nos efeitos de sentido envolvidos nessa relação, a mesma tensão inaugurada pela mãe no princípio de realidade, apontado no capítulo anterior. No meio tecnológico, como aponta Paula (2012), há uma rede tecida por outros discursos, numa condição de despersonalização, de desidentificação em relação ao interdiscurso e às similitudes percebidas nas enunciações. Para a autora, essa desidentificação está presente, porque produz uma ruptura, um deslocamento em relação ao dizível. E leva em conta a historicidade na construção do sujeito no ambiente digital, uma vez que não se coloca apenas como suporte da linguagem, mas sim como elemento constitutivo de sentidos. Além da criatividade e dos sentidos emanados no contexto do digital acabam por "instaurar o diferente na linguagem, na medida em que o uso pode romper com o processo de produção dominante de sentidos, e na tensão da relação com o contexto histórico-social, podem criar novas formas, novas verdades, novos sentidos" (PAULA, 2012, p. 4).

A imagem construída de si mesmo parece deslizar numa atribuição esperada daquilo que é capaz de preencher a falta pelo amor. Esse sujeito se revela como capaz de suprir a falta de um outro sujeito desejante. Essa imagem-corpo, em que sujeito e sentido se constituem, esgota-se no próprio sujeito, sem que ele, contudo, saiba disso – que remete a esse esgotamento nele mesmo. Com isso queremos evidenciar que mais do que intentar uma imagem qualquer para outros interlocutores usuários do *site ParPerfeito*, o sujeito deseja experimentar-se nessa imagem que cria de si, que de alguma forma alimenta a vivacidade do

desejo na possibilidade de realizar o *tour* desse desejo, conforme mencionamos no capítulo anterior. Em outras palavras, esse sujeito, talvez sem se dar conta disso, desliza, enquanto diz procurar, para um sentido que remete à ideia de que ele é tudo aquilo que ele mesmo deseja.

Mais do que a apreensão do objeto, o sujeito do *site ParPerfeito* inebria-se pela possibilidade de “brincar” com a falta, para não sucumbir ao vazio (sofrimento) que dela emerge. Podemos afirmar que isso resulta do próprio fato de demandar e poder discursivizar sobre tal demanda – ainda que indiretamente – seja lá o que for que se demande: o outro ou ele mesmo. Essa demanda, entretanto, é opaca para o próprio sujeito, que desconhece o objeto de seu desejo. E, por esse motivo, talvez se confundindo, creia que está no outro, aquilo que localiza em si próprio. Desse modo, na medida em que não demanda isso ou aquilo, faz o registro da demanda como pura, o que, para Lacan (2010), é apenas a demanda por ser escutada. O autor traz uma perspectiva essencial para considerarmos a inscrição do sujeito no que localizamos como o funcionamento do tipo 3 (corpo-objeto). E Lacan afirma: “direi mais - de ser escutada, para quê? Pois bem, de ser escutada para alguma coisa que bem se poderia chamar de para o nada. O que não significa, no entanto, que isso não nos leve muito longe, pois implicado neste para o nada, já está o lugar do desejo.” (LACAN, 2010, p. 435). É exatamente aqui que queremos chegar: analisar “neste para o nada,” no *site*, para nenhum outro interlocutor. No *site* em estudo, o “neste para o nada,” se verifica na realização do desejo pelo próprio fato de poder se colocar em palavra, em discurso; e que, ao construir a imagem-corpo, assume o lugar de ser o objeto do próprio desejo. Pode-se dizer que o enunciado: *não acredito muito em amores a distância, quero meu bem perto de mim, posso não responder* (SDr 13) representa essa relação “de para o nada”, ou melhor dizendo, para nenhum outro, apenas para si mesmo.

Acompanhemos as ideias de Lacan (2010, p. 435):

A metáfora do desejante no amor implica aquilo que ela substitui como metáfora, isto é, o desejado. O que é desejado? É o desejante no outro - o que só se pode fazer se o próprio sujeito for colocado como desejável. É isto que demanda a demanda do amor.

Podemos nos perguntar: o que deseja esse sujeito que se inscreve no *site ParPerfeito*? Deseja o desejante em si mesmo, de tal forma que também se coloca como desejável. Se o sujeito se coloca no *site ParPerfeito* para, de certa forma, assumir o lugar de objeto do próprio desejo, isso seria, em parte, gratificante. Entretanto, esse gozo é

angustiante, sobretudo porque esse mecanismo do *tour* do desejo não parece, pela própria construção do *site*, ser um mecanismo consciente do sujeito ou de sua escolha deliberada; acontece pela interpelação do inconsciente. Ao mesmo tempo em que observamos essas formas discursivas acima mencionadas, também encontramos dizeres que nos levam a compreender que esse sujeito – que se coloca de maneira irresistível e atraente no *site* de relacionamento – é tomado pela angústia.

Para compreendermos o sentido da angústia, vamos a Lacan (2010) com a explicação do eu ideal e do ideal do eu. Para o autor a angústia surge no momento em que, para satisfazer o desejo, o eu ideal vem assumir seu lugar na fantasia. Neste caso, entendemos que o parceiro pode até faltar, ou estar ausente no *site*, mesmo diante da possibilidade de inúmeros potenciais parceiros. O ideal do eu conserva uma relação com o desempenho e a função do eu ideal no intuito de ocupar a ausência, mas isso não acontece sem angústia: *quero, mas posso não responder* (SDr 13).

Lacan (2010) expressa que, em virtude de um significante introjetado, o sujeito cai sob um julgamento que o reprova. Como já mencionamos, a experiência clínica da pesquisadora tem mostrado que seus pacientes estão buscando cada vez mais a alternativa dos *sites* como possibilidade de ampliar os contatos e, na maioria das vezes, carregam um sentimento de fracasso, de descrédito em relação à possibilidade de encontrar parceiros para um relacionamento amoroso. Dessa forma, parece que esse sujeito do *site* em análise assume uma posição de reprovado, de preterido, quando o assunto é amor. Ou traz as dificuldades para sustentar uma relação amorosa, ou talvez esconda isso lançando mão de um ideal de eu, conforme podemos observar nas sequências abaixo:

SDr 23: com vc irei a qualquer lugar sem pensar. talvez vc possa nao me achar uma pessoa atraente a primeira vista mas depois que me conhecer ira mudar de opiniao .nao quero ser convensido mas gostaria de uma chance com vc . nao tenho nada pra falar de mim gostaria que vc descobrisse minhas qualidades se nao quizer falar comigo entederei

SDr 30: ONDE ESTÁ O MEU AMOR? QUE SERÁ QUE ELE FAZ DA VIDA? DEVE ESTÁ POR AI. [...] MODÉSTIA PARTE, EU SOU O CARA! ADORO FALAR DE POLÍTICA, RELIGIÃO, MÚSICA, MULHER E FUTEBOL, QUER VER? PUXA ASSUNTO MY SISTER!

SDr 33: sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica.

SDr 35: bonito tesão.

Para Lacan (2010), esse eu ideal, de certa forma, seria uma desvantagem imensa ao narcisismo, uma vez que o Narciso é aquele que se basta e encanta-se por si mesmo. Isso,

de acordo com o autor, acaba por gerar o que denomina de ferida narcísica. E, para curar essa ferida narcísica, o sujeito lança-se no *site* dizendo ser: *atraente* (SDr 23); *bonito, tesão* (SDr 35). Nessa perspectiva, o autor expressa: "mas daí resulta, então, que não podemos dizer tão simplesmente quanto à função do Ego ideal que ela realiza de forma maciça a coalescência daquilo que é ganho narcísico, como se isso fosse, pura e simplesmente, inerente a um único efeito ao mesmo tempo." (LACAN, 2010, p. 417). E continua: a diferenciação necessária, entre o lugar onde se produz o ganho narcísico e o ego ideal, funciona e faz interrogar sobre a relação de um e de outro com a função do amor. Nessa direção, propomos que os enunciados do *site ParPerfeito* colocam em evidência o discurso sobre o amor. No entanto, parece haver o enaltecimento e a exclusão do outro concomitantemente, o que, para a teoria lacaniana, seria falar sobre outra coisa que não sobre o amor.

Nessa direção, podemos considerar que o sujeito que busca o *site ParPerfeito* é tomado por essa angústia, que o leva ao ato de cadastrar-se e enunciar sobre si: *amiga, sensual, atraente, romântica* (SDr 33); *modéstia parte eu sou o cara* (SDr 30), nesse lugar. Se a angústia, por sua vez é uma relação de sustentação do desejo, pois a falta do objeto acarreta nesta angústia, invertendo os termos, o desejo é um remédio para angústia. Destacamos ainda que não se pode conceber nada como objeto que não seja suportado pelo sujeito, o sujeito do inconsciente.

Nesse sentido podemos concluir que toda essa construção do corpo pelo discurso o coloca na condição de objeto e, como tal, apresenta uma finalidade, ainda que inconclusa, de responder à demanda do desejo. Um corpo simbólico que, neste caso, é tomado pelo sujeito por um objeto capaz de responder às demandas de seu desejo, ou seja, cria uma imagem-corpo, que vem assumir um lugar de objeto por meio do corpo-metálico, ligando o sujeito ao seu próprio desejo, como veremos a seguir. O sujeito inscrito no *site ParPerfeito*, ao construir essa imagem-corpo e ao mesmo tempo se relacionar com ela e por meio dela, localiza aí o significante faltoso, capaz de preencher o vazio demandado pela falta, assim como já apontamos.

4.2 UMA IMAGEM-CORPO

Quando o sujeito se autoapresenta no *site ParPerfeito*, busca de alguma forma construir uma imagem acerca de si. Pode-se dizer que, ao construir essa imagem, o sujeito aponta para uma intenção de estabelecer uma imagem positiva e atrativa aos olhos dos múltiplos possíveis interlocutores que acessarão seu perfil. Isso é possível se observarmos os efeitos de sentido a que as enunciações das autoapresentações remetem. Vejamos:

SDr 07: SOU UMA MULHER COMUM,SIMPLES,SORRIDENTE DE BEM COM A VIDA!!!!SINCERA E GOSTO DE PESSOAS VERDADEIRAS!!! E REALMENTE PROCURO UM RELACIONAMENTO SÉRIO!!!

SDr 32: muiiigata Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..tipo fisico magro...dizem que nao aparento a idade que tenho.....

SDr 33: sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica.

SDr 35: bonito tesão

Os enunciados *Muuuigata* (SDr 32); *bonito, tesão* (SDr 35) apontam para essa imagem-corpo de sedução e, inclusive, para a ideia de plenitude. Contudo, queremos ir além dessa aparente imagem de sedução que se estabelece nesses enunciados. Nos mais diferentes discursos do *site ParPerfeito*, o sujeito constrói uma imagem de si mesmo quando enaltece suas características: *sou alegre, simpática, amiga, sensual e romântica* (SDr 33); ao mesmo tempo também projeta uma imagem do outro, quando descreve o que pretende encontrar no seu possível parceiro: *gosto de pessoas verdadeiras* (SDr 07), ou mesmo quando apresenta suas características pessoais e diz buscar pessoas com as mesmas características. Vejamos:

SDr 01:Procuro um relacionamento sério. Sou uma pessoa romântica e verdadeira, procuro alguém sincero e companheiro que queira um relacionamento sério. [...]curto a minha profissão e todos os desafios que ela me impõe a cada dia. Gosto muito de viajar, de bons filmes e livros. E você?

SDr 04: Sou muito sincera e carinhosa,e romantica e ainda acredito que irei encontrar alguem assim como eu

SDr 06: conhecer uma pessoa de deus com cata ter que seja verdareiro sou muito simples amo meu trabalho meus filhos amo a vida. [...]

Podemos observar que os dizeres: *procuro alguém sincero, companheiro que queira um relacionamento sério* (SDr 01); *conhecer uma pessoa de deus com caráter que seja verdadeiro* (SDr 06) remetem à imagem daquilo que o sujeito pretende encontrar no *site*

ParPerfeito ao qual se filia. No entanto, também chama atenção: *sou muito sincera e carinhosa e romântica e ainda acredito que irei encontrar alguém assim como eu* (SDr 04) que aponta para essa procura de alguém igual a si mesmo. Dessa forma, o sujeito crê controlar, não só o que diz, mas como essas imagens se projetam ao alcance do outro e isso acontece, porque, no discurso, entram em jogo as formações imaginárias que geram essa ilusão de controle. Nessa direção, Ernest (2007) explica que o modo de o sujeito se inscrever nos enunciados – neste trabalho é o caso das autoapresentações – encontra-se associado ao modo como o sujeito estabelece essa construção de si mediante o que imagina de expectativa no outro. O usuário acredita que seu interlocutor vai compreender os seus dizeres e isso, de algum modo, condiciona a escolha daquilo que é dito, como se fosse possível controlar o discurso e os sentidos a ele atribuídos. Vejamos:

SDr 03: Quero encontrar um grande amor!!!!nunca e tarde para....ser feliz!!!! Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..esperando meu principe encantado!!!!

SDr 31: nem alta, nem baixa, nem gorda nem magra,

SDr 32: **muiigata** Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..tipo fisico magro...dizem que nao aparento a idade que tenho.....

SDr 34: Ah!! apenas uma mulher ... Com jeito de menina ou Uma menina com jeito de mulher...

SDR 36: **Gorilasensível.** CORPO DE GORILA, MENTE DE FILOSOFO. Bem...não sou um homem bonito, pouca altura, calvo, peludo, um gorilinha mesmo....mas certamente tenho conteúdo, sou razoavelmente inteligente, boa formação intelectual e muito gentil e carinhoso com quem assim o for comigo. Gosto muito de sexo, mas com alguém que realmente esteja comigo, para não termos qualquer tipo de preocupação e podermos nos entregar completamente, sem entraves. Adoro beijar, e para isso Deus me deu uma boca carnuda e macia. Falante, bom domínio de todos os assuntos, romantico e muito carinhoso, não sou lindo de morrer, mas também não sou feio de matar. Eu diria um Charles Bronson calvo

As marcas dos discursos acima operam sobre a construção de um corpo simbólico. Os recortes: *loira, porém inteligente, corpinho quase em forma* (SDr 03); *loira porém inteligente, corpinho quase em forma tipo físico magro...dizem que não aparento a idade que tenho* (SDr 32); *Charles Bronwson Calvo* (SDr 36) remetem à construção de uma imagem-corpo. As SDrs acima apontam para uma referência que pretende dar contornos à construção do corpo imaginário, como é possível depreender de: *nem alta, nem baixa, nem gorda, nem magra* (SDr 31); *Ahh!! Apenas uma mulher... Com jeito de menina ou Uma menina com jeito de mulher...*(SDr 34). Podemos, então, dizer que a imagem-corpo é constituída com a finalidade de cumprir algumas funções quando se fala sobre o amor, ou

melhor, quando em nome da busca pela supressão da falta, cria-se uma imagem que intenta ser atraente para o interlocutor no contexto do *site* em estudo.

Trazemos esta discussão para destacar – conforme os dizeres de Orlandi (2012b, p. 25) – que: assim como, no discurso, o corpo da linguagem e o corpo do sujeito não são transparentes, mas atravessados de discursividades, efeitos de sentido constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente, “redunda dizer que assim como nossas palavras, nosso corpo já vem sendo significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado.” Isso remete à ideia, proposta por Baldini e Souza (2012), de que o corpo é de difícil definição, pois, sobre o corpo, sentidos se estabelecem o tempo todo, se sobrepõem e se reconfiguram.

Os dizeres que remetem à construção de uma imagem-corpo, atrelada a uma significação atravessada pelo meio digital, funcionando como condição de produção, permitem que determinados discursos entrem em circulação. Com relação a isto, Baldini e Souza (2012, p. 76) apontam para um sentido discursivo de corpo e assim afirmam: “onde corpo e sujeito se confundem, se opõem, se excluem, mas sem que se faça com isso, desaparecer os sentidos precedentes” de um ou de outro.

A construção dessa imagem-corpo é favorecida pelo ambiente digital. No ciberespaço, ou como denomina Gallo (2013), no ambiente *on line*, ao contrário do contato ao vivo, o sujeito não se faz presente fisicamente, ou seja, no contexto ao vivo o sujeito marca sua presença pelo corpo. Utiliza-se do corpo físico em gestos, tom de voz, postura e imagem concreta desse corpo. No cenário *on line*, uma vez que se encontra ausente, esse corpo é substituído pela construção imagética de corpo, pois a relação que neste meio se estabelece não é imediata, tampouco física. Esse corpo-imagem tem um dizer discursivo, é uma posição-sujeito, já que é a partir da imagem construída que o sujeito se constitui. Essa imagem-corpo no digital leva a um processo de subjetivação que, por sua vez, está ligado a um conjunto de apropriações na ordem do simbólico que o sujeito faz de si mesmo. Para Simha (2009), o processo de significação do si mesmo está relacionado ao desejo. Para a psicanálise, o corpo humano é um corpo pulsional, ou seja, um corpo desejante o qual se move à procura do objeto desejado.

Podemos perceber isso no fragmento *dependo de si para si tornar real (...)* *procuro uma companheira carinhosa, gentil, fiel que goste de curtir as coisas boa da vida* (SDr 16) que aponta para essa relação. Pensar na concretude do sujeito no contexto do *site*

analisado implica avaliar a significação que o corpo assume para esse sujeito. E tal significação acaba por ser expressa, nas autoapresentações, em dizeres que ressaltam a necessidade de estar junto, representando, de alguma forma, esse encontro com o objeto de desejo. Ou, ainda, como propomos nesta tese, é uma possibilidade de mostrar discursivamente o próprio corpo, conforme percebemos na SDr a seguir: “*Gosto muito de sexo, (...)e podemos nos entregar completamente, sem entraves. Adoro beijar, e para isso Deus me deu uma boca carnuda e macia.*”; “*quero viver, e viver um grande amor agora é meu objetivo, quero me encontrar e se quiser tbém....*” (SDr 36). Nesse caminho, observamos que esses dizeres operam como um convite que, no espaço digital, implicam a disposição ou indisposição do outro ao contato. Podemos inferir que esses dizeres deixam marcas no corpo empírico – que se excita ou repele os outros usuários – pelos efeitos de sentido que se estabelecem, ao mesmo tempo em que tais efeitos são percebidos no próprio corpo do enunciador em virtude da construção da imagem-corpo que produz.

O sujeito encontra no meio digital uma possibilidade de estabelecer múltiplas narrativas acerca do si mesmo as quais, ao mesmo tempo, servem como um convite à socialização e como meio de espetacularizar as possibilidades de se colocar em discurso. Desta forma, de acordo com COUTO (2014, p. 281):

As narrativas pessoais, por meio de texto, sons e imagens, especialmente nas redes sociais digitais, despertam imenso fascínio porque se tornaram fonte privilegiada de sociabilização, meio espetacular para as invenções e exibições de subjetividades voláteis pelo qual se festeja vida por meio das conexões.

A simulação, portanto, é reconhecida pela possibilidade de o sujeito ludibriar a própria imagem. Para Debord (1991p, 6) “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.” E Couto (2014, p. 286) afirma que “é aí, na rede mundial de computadores, que cada um pode experimentar, criar, e festejar as subjetividades voláteis.” Ou seja, o sujeito do *site ParPerfeito*, à medida que se posta diante da máquina, vale-se da prerrogativa de criar imagens acerca de si, estabelecer simulações acerca do próprio corpo, porque seu corpo empírico encontra-se ausente.

Consideramos que essa imagem corpo que o sujeito constitui do si mesmo funciona como um simulacro que, como tal, imprime marcas de significação para o próprio sujeito. Para Baudrillard (1991, p. 19) “é o simulacro total que se junta à realidade mediante uma circunvolução completa”. Ou seja, real e simulacro de fundem estabelecendo sentidos, pois, segundo o autor, “o simulacro nunca é o que oculta a verdade – é a verdade que oculta

o que não existe. O simulacro é o verdadeiro.” (BAUDRILLARD, 1991, p. 7). Embora nesta tese não se trate da busca da verdade, ainda para o autor, “o real nunca mais terá oportunidade de se produzir” (BAUDRILLARD, 1991, p. 9), pois se trata de apreender esse corpo não como real ou verdadeiro, mas o corpo significado pelo simbólico.

Dessa reflexão, podemos nos indagar de qual corpo estamos falando? Para Guimarães (2008), nos meios digitais, o uso da linguagem assume um papel importante, pois vem em substituição ao corpo empírico. Nesse meio, não é possível fazer uso do corpo, da voz, dos gestos caracterizados pelo contato direto entre as pessoas. Assim, vamos compreender que o corpo físico não se faz presente nesses contatos, pois o que surge em sua substituição é o corpo discursivo.

Quando se colocam em circulação os dizeres no meio digital, coloca-se em circulação um discurso de si mesmo revestido de uma intencionalidade que, no caso do presente estudo, parece ser destinada à sedução e ao encantamento do outro, remetemos às análises realizadas anteriormente: os dizeres do *site* remetem à ideia da reprodução de um discurso encantador, ou seja, convida à conversão do corpo outro para si. Dessa forma, é possível entendermos que há uma intersecção que se estabelece entre corpo/sujeito/discurso haja vista a capacidade que o discurso tem de afetar o corpo simbólica e fisicamente; e mesmo constituir-lo. Podemos observar que essas práticas discursivas, colocadas em circulação nesse *site*, direcionam para a construção simbólica do corpo que possui um contorno carnal, fazendo referência ao olho no olho.

Retomando a ideia de que o corpo pode ser contemplado sob três pontos de vista complementares: o real, o simbólico e o imaginário, é a partir de Santos (2012) que situaremos o corpo do ponto de vista do simbólico e do imaginário. No primeiro, temos o corpo significativo (um conjunto de elementos diferenciados entre si que determinam um ato no outro); e o segundo, o corpo simbólico, é aquele identificado como uma imagem externa capaz de despertar sentidos nos sujeitos. Se, por um lado, os enunciados constantes no *site ParPerfeito* mobilizam o corpo quando dirige, supostamente, um discurso de sedução a um interlocutor idealizado, identificamos assim o corpo simbólico, que ao mesmo tempo aparece como uma representação de sentidos que se estabelece nessa imagem-corpo do enunciante, o imaginário. Para Souza (2012), é entre o imaginário e o simbólico que se faz a produção de sentido. Continua a autora, “o imaginário fornece conteúdos para os sentidos, o simbólico lhes dá fisicalidade. E o corpo? O corpo pulsional cabe registrar apenas aspectos do objeto e nunca o objeto completo.” (2012, p. 138). Para tanto, vamos tomar a imagem-

corpo, que surge no *site* em estudo, como referência a outras formações imaginárias e não apenas como um objeto empírico, mas apreendê-lo como objeto de desejo. Essa imagem-corpo, que emerge como possibilidade do digital, leva a construção do que estamos denominando, nesta tese, de **corpo-metálico**. Esse corpo-metálico significa para o sujeito usuário do *site* o objeto de seu próprio desejo no momento em que cria essa imagem-corpo projetada para o outro.

Nesta tese, estamos considerando o **corpo-metálico** como um deslizamento do conceito de memória metálica proposto por Orlandi (2009), para quem a memória discursiva, quando imersa no digital, é acrescida pelas novas tecnologias de informação, funcionando como um simulacro, uma vez que procura simular o caráter completo do discurso. Ou seja, da mesma forma que o corpo-metálico simula a ideia de objeto de desejo para o próprio sujeito. De acordo com a referida autora, na memória discursiva fala uma voz sem nome, não havendo controle sobre aquilo que é dito. A memória metálica, pela urgência e imediatismo do digital, funciona como se tudo se passasse no nível de um dizer permanentemente atualizado, podendo ser facilmente acessado, pois funciona a partir da presentificação constante de um mesmo dizer. Isso de alguma forma nos leva a considerar neste estudo os aspectos da virtualização do corpo.

Tomamos a virtualização do corpo a partir de Levy (2011) que a define como um mecanismo de projeção diferenciada, o que ocorre quando o usuário do *site ParPerfeito* projeta uma imagem de sedução. Para o autor, “a projeção da imagem do corpo é geralmente associada à noção de telepresença. Mas telepresença é sempre mais do que a simples projeção da imagem.” (LEVY, 2011, p. 28). Em nosso *corpus*, significa dizer que é um corpo “materializado” pelo discurso. E, neste jogo de projeções, ainda recorremos a Levy (2011, p. 29) para quem “os sistemas da realidade virtual transmitem mais do que imagens: uma quase presença.” Em nosso *corpus*, o corpo-metálico é uma presença de corpo que se materializa como corpo na ausência do corpo empírico. Nestes termos, supomos que o corpo empírico encontra-se salvaguardado, ocultado pelo simulacro imagético promovido pelo corpo metálico, estabelecendo uma rede de circulação de sentidos. Entendemos, então, que o corpo empírico está “protegido”, porque o corpo metálico não depende de referência física imediata, vai muito além disso. Ou seja, constituem esse corpo-metálico também as significações que o sujeito estabelece acerca de si mesmo em forma de atributos não físicos. O sujeito ao se autoapresentar textualiza seu corpo, pois, ao contrário do corpo físico, o corpo digital não possui massa, não ocupa lugar no espaço, e igualmente não fala, mas

significa, e significa no modo de representar essa completude para si mesmo, ou seja, do que chamamos de corpo-metálico que assume a forma do objeto *a*, (referido anteriormente), que habita essa “carne simbólica” e, por sua vez, é capaz de ocupar um espaço da ordem de sentido dos sujeitos e de suas subjetivações.

Nessa perspectiva, é importante destacar que a imagem-corpo constituída no cenário digital vem como aquilo que Wine (1992) denomina de a decapitação do próprio desejo. Essa imagem-corpo assume, por assim dizer, a própria cadeia significante, ou seja, o corpo-metálico.

O corpo, no contexto do *site ParPerfeito*, se representa como linguagem e, por ser linguagem, é, ao mesmo tempo, submetido e representado. Assim, o ser, voltando à teoria lacaniana, não pode mesmo se concretizar, pois o corpo e o psíquico estarão sempre em devir. A sublimação acontece, então, quando a pulsão consegue se verbalizar como ideia, assumindo-se como o próprio destino da pulsão. Isso ocorre no *site* analisado no momento em que o sujeito dá voz a esse corpo, dizendo como é, mesmo sem materialidade física: *sou muito romântico, modéstia parte eu sou o cara, igual a mim, não existe outro* (SDr 15), oferecendo, dessa forma, uma multiplicidade de sentidos e de representação dessa imagem-corpo, não apenas para seu interlocutor, mas para si mesmo. Cabe à pulsão instigar o sujeito falante na busca pelo objeto, pressupondo que a linguagem é a entrada no mundo do simbólico. Acompanhando os dizeres de Souza (2012), compreendemos que o corpo pulsional se esvai nas vicissitudes da vida, por mais que se intente se apropriar dele por completo; dele só é possível obter uma fatia. Em relação a isso, destacamos: “querer ter o corpo por inteiro, desconsiderando a sua incompletude, é agir como Narciso, que se engole ao engolir o signo.” (SOUZA, 2012, p. 144). E é exatamente isso que acontece nas autoapresentações do *site ParPerfeito*, em que: ao descrever o si mesmo como: *sou aquilo que querem que eu seja depende de suas atitudes* (SDr 14); *acredito que irei encontrar alguém assim como eu* (SDr 04); o sujeito acaba “engolido” por essa representação, mostrando o que estamos defendendo nesta tese: esse sujeito do *site* busca a si mesmo, ainda que não se dê conta disso. Propomos ser esse corpo-metálico, simbolicamente constituído ali, o próprio objeto de desejo que se constitui a partir do discurso. Redes simbólicas e imaginárias entram em cena e, ao invés de pensarmos que esse corpo se liga a outro sujeito, entendemos que esse corpo-metálico, liga esse sujeito a ele mesmo. Mediante tal possibilidade discursiva, o sujeito constitui uma imagem-corpo de si que mescla algo que deseja capturar no outro, mobilizado por seu desejo. Ora, esse desejo se expressa naquilo

que acaba por narrar a respeito de si mesmo. Logo, podemos dizer que os discursos enunciados no cenário do *site* produzem e são produzidos por uma construção imagética de corpo. Por outro lado, podemos compreender que esse corpo que se constitui, simbólica e imaginariamente, surge com a finalidade de ocupar o próprio lugar do objeto de desejo.

É Souza (2012, p. 148) quem nos ajuda a compreender que “o corpo pulsional vive de desejos insatisfeitos. Povoia o universo das percepções e reações. Existe sempre em relação a um objeto dos desejos. Desejos que jamais se esgotam, porque caso se esgotem, seriam o fim da linguagem”. Do ponto de vista da AD a construção do corpo-metálico está atrelada à FD e à formação ideológica, conforme já definimos. Assim entendemos porque, mesmo na construção do corpo-metálico o sujeito tem a ilusão de controlar os efeitos de sentido que desse corpo emergem. Em relação à construção do corpo-metálico, Foucault (2009) menciona a invisibilidade do corpo como a opacidade do próprio discurso:

Há algo de invisibilidade no corpo além dos pontos físicos obscuros, é a invisibilidade do contrato sem o corpo em relação. Um corpo protegido que se relaciona com um corpo construído, e por assim dizer, fragmentado. [...] esse corpo é ligeiro. Transparente, imponderável; não é uma coisa: ainda mexe, vive, deseja, se deixa atravessar sem resistências por todas as minhas intenções, mas fica oculto. (FOUCAULT 2009, p. 3)

Sobre este aspecto, vejamos as seguintes SDRs:

SDr 31: nem alta, nem baixa, nem gorda nem magra,

SDr 32: **muuigata** Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..tipo fisico magro...dizem que nao aparento a idade que tenho.....

SDr 33: sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica.

SDr 34: Ah!! apenas uma mulher ... Com jeito de menina ou Uma menina com jeito de mulher...

SDr 35: bonito tesão

SDR 36: **Gorilasensível.** CORPO DE GORILA, MENTE DE FILOSOFO. Bem...não sou um homem bonito, pouca altura, calvo, peludo, um gorilinha mesmo....mas certamente tenho conteúdo, sou razoavelmente inteligente, boa formação intelectual e muito gentil e carinhoso com quem assim o for comigo. Gosto muito de sexo, mas com alguém que realmente esteja comigo, para não termos qualquer tipo de preocupação e podermos nos entregar completamente, sem entraves. Adoro beijar, e para isso Deus me deu uma boca carnuda e macia. Falante, bom dominio de todos os assuntos, romantico e muito carinhoso, não sou lindo de morrer, mas também não sou feio de matar. Eu diria um Charles Bronson calvo.

Em outras palavras, na ótica de Foucault (2009), significa que esse corpo-imagem, esse corpo linguagem que aparece, nos enunciados, como: *bonito, tesão* (SDr 35);

Loira porém inteligente e corpinho quase em forma, tipo físico magro (SDr 32); *sou alegre, simpática, amiga, sensual e romântica* (SDr 33) remete para a opacidade: por mais que esteja ali, está imponderável.

Logo, o enunciado *corpo de gorila, mente de filósofo* (SDr 36) remete para o surgimento de um corpo que aparece como imagem e, ao mesmo tempo trata-se de um devir-corpo, pois constitui efeito de materialidade física para seus interlocutores. De alguma forma, a opacidade mencionada permite que outros efeitos de sentido se estabeleçam. O que vale destacar é que, ao se autoapresentar, o sujeito parece sentir a necessidade de estabelecer pontos de referência acerca de si próprio. Nessa direção, Haroche (2009) define que o sujeito vive sob a necessidade de criar tais pontos de referência. Voltando para o *corpus* em análise, quando o sujeito diz: *Deus me deu uma boca carnuda* (SDr 36), aponta para essa necessidade de enquadramentos que possibilitam a construção de efeitos de sentido sobre o efeito de real; o enunciado *corpo de gorila e mente de filósofo, Charles Bronson calvo* (SDr 36) também aponta a necessidade de estabelecer essas referências. O sujeito apresenta uma necessidade, pelo menos aparente, de construir uma representação imaginária de um corpo concreto, ainda que impregnado de deslizamentos: *corpo de gorila* (SDr 36).

Isto posto, o modo como o sujeito se autoapresenta está atrelado a uma demanda advinda do desejo; e se compreender o desejo como falta, mesmo o sujeito, acreditando controlar essa imagem, o inconsciente e a ideologia o interpelam, deixando vestígios de deslizamentos desses discursos. Podemos compreender como pistas os deslizamentos, de que já tratamos, apreendidos na descrição dos elementos que o sujeito espera encontrar no outro, os quais estão contidos na representação que faz de si mesmo, como visto em: *quero encontrar alguém assim como eu* (SDr 04), apresentada no início do capítulo, o que aponta para o funcionamento do tipo 3.

Essa imagem-corpo constituída preenche o que neste trabalho denominamos como demanda, ou seja, o desejo que denuncia uma falta. Estamos propondo, nesta tese, que tudo inicia e termina no sujeito. Se analisarmos essa imagem à luz da AD, de acordo com Costa (2012), ela (a imagem) não passa de uma ilusão ancorada no efeito-realidade produzido no discurso pela ideologia. Para compreendermos essa relação da imagem e do discurso, a autora explica que a imagem configura uma espessura material que só faz sentido porque é filiada a uma memória discursiva, a qual, no *corpus* analisado, pode ser observada no enunciado *corpo de gorila, mente de filósofo* (SDr36). Por essa razão, propomos que a

imagem que se constitui no *site ParPerfeito* pelo discurso, aponta também para a construção do corpo significativo e imaginário: **o corpo-metálico**.

As projeções imagéticas de corpo surgem também ao analisarmos as SDRs, quando os sujeitos estabelecem a construção da imagem de si. Essa projeção é feita, por vezes, também de modo vago, o que enfatiza, mais uma vez, a própria opacidade do discurso. Vejamos:

SDr 14: ola quem quizer ter um relacionamento seriu estarei aqui. sou alegre divertida
 qaundo me convem sou brava qaundo me provocao mas tudo na vida tem que ser
 natural adoro praia e tudo que e bom sou aquilo que querem que eu seja depende
 de suas atitudes

SDr 31: nem alta, nem baixa, nem gorda nem magra,

A SDR *nem alta nem baixa, nem gorda nem magra* (SDr 31) aponta uma opacidade, qual seja: essa construção pode ser qualquer construção, um corpo sem contornos estabelecidos, um corpo que a qualquer momento pode se tornar outro: *sou aquilo que querem que eu seja depende de suas atitudes* (SDr 14). Mesmo quando os sujeitos procuram estabelecer algum tipo de referência que julgam mais precisas acerca da imagem-corpo que querem estabelecer: *eu diria um Charles Bronson calvo* (SDr 36 como foi trazida anteriormente), há algo que escapa desses discursos, possibilitando efeitos de sentido outros, neste caso o corpo-metálico. Ou seja, mesmo que o sujeito acredite criar pontos de referência⁴⁴, essa pretensa exatidão é ilusória. A ideia de permanência, de unificação que o enunciador acredita estabelecer não passa de uma tentativa vã de controlar os efeitos de sentido sobre seus dizeres. O inegável é que de posse de nosso *corpus*, somos levados a pensar que essa projeção da imagem-corpo que se cria no *site ParPerfeito* é uma imagem favorável acerca de si mesmo, contudo não é possível prever ou estabelecer os sentidos que serão dados a essa enunciação. E, nesse ponto, queremos chamar atenção para o fato de que esses enunciados não são dirigidos a um ou mais interlocutores usuários desse *site*, mas sim ao próprio sujeito que discursiviza, a ponto de representar ele próprio como aquilo que gostaria de encontrar no amado numa relação amorosa. Nesses termos, como já vimos, tomamos o corpo-metálico que surge como o objeto de desejo do sujeito.

⁴⁴ A esse respeito Hall (2006) nos explica que a sociedade estabelece uma tentativa de criar estruturas para organizar os sujeitos em discursos unificados e imprimir a construção de um sujeito humano (empírico), mas esse controle, como vimos, é ilusório.

5 DESLOCAMENTOS E REINSCRIÇÕES DO AMANTE E DO AMADO

Neste capítulo, a partir do aporte teórico discutido anteriormente e das análises já realizadas, abordaremos a questão nuclear desta tese: a posição-sujeito amante e a posição-amado que emergem da circulação dos dizeres sobre o amor. A análise dessas posições se revelou insuficiente para dar conta daquilo que vimos em relação às posições-sujeitos legitimadas. Isso nos levou a considerar que, em relação aos dizeres sobre o amor presentes no *site ParPerfeito*, existe uma terceira posição-sujeito que não é nem amante e nem amado, mas **amadomante**.

5.1 AMANTE, AMADO E O AMADOMANTE

Ao falar do sujeito em falta pelo amor, Lacan (2010) estabelece que, em relação ao amor, há que se pensar no par amante/amado. Se concordamos que o amor é aquilo que garante ao sujeito um sentimento de plenitude, analisar essas posições-sujeito de amante e de amado é também dimensionar a dualidade entre a falta e o pleno, bem como a legitimidade dessas posições quando o amor é tomado como discurso. Já vimos anteriormente que as SDRs presentes no *site ParPerfeito* sinalizam discursos cujos efeitos de sentido oscilam entre a falta e o pleno, como já identificamos com os funcionamentos de tipo 1 e do tipo 2. Vejamos:

SDr 14: *ola quem quiser ter um relacionamento seriu estarei aqui. sou alegre divertida qaundo me convem sou brava qaundo me provocao mas tudo na vida tem que ser natural adoro praia e tudo que e bom sou aquilo que querem que eu seja depende de suas atitudes*

SDr 21: *quero conhecê-la .estou diponível no momento .[...] acredito d no poder das palavras, então vc me diz a verdade e eu retribuo , assim como tudo que seja ofertado pelo outro . Podemos iniciar um relacionamento casual , mas , nada impede que possamos evolui p/ o amor .*

Ao observar as SDRs acima, os dizeres expressos não se configuram pela falta, mas sim pela completude. Quando o sujeito diz: *ola quem quiser ter um relacionamento seriu estarei aqui*. (SDr 14), *sou alegre divertida qaundo me convem* (SDr 21), o sentido dado para a falta é aquele que remete à falta do outro, não à falta do próprio sujeito que se autoapresenta no site. Ou seja, ele não “se sente” em falta; acredita que a falta está no outro, sobretudo se observarmos o sintagma por ele empregado: *quem quiser* (SDr 14).

Encontramos na mesma SDR 14: *sou aquilo que querem que eu seja depende de suas atitudes*. Ou, ainda, tomando a SDR 21 quando diz: *estou disponível no momento ... Podemos iniciar um relacionamento casual*. Desse modo, do ponto de vista do que enuncia esse sujeito do site, ele não está em falta, sente-se pleno, uma vez que não procura, mas quer ser procurado, ou melhor dizendo, encontrado. Contudo, a partir de nossa análise, entendemos que esses dizeres, que apontam para a ideia da plenitude, só fazem sentido porque estão inseridos na FD do amor em falta. E é essa FD que confere a legitimidade das posições-sujeitos amante (falta) e amado (pleno).

Esse querer ser procurado, *estou disponível no momento* (SDr 21), insere o sujeito no papel do amante, aquele que deseja, aquele que busca. Ou seja, o papel do desejante, pois, conforme mencionamos, se fosse o amado – aquele capaz de suprir a falta do outro – desconheceria que atributos lhe conferiria essa condição de completude ao olhar do outro, e, portanto, não seria da ordem do dizível.

De uma maneira ou de outra, esse sujeito do site *ParPerfeito* está inscrito nessa posição-sujeito amante, aquele que está em falta pelo amor, mas reveste-se da posição-sujeito amado, aquele que tem o que é desejado, aos olhos do amante. Essa simultaneidade nos leva a pensar outras possibilidades de sentido: talvez de fato esse usuário do site *ParPerfeito* não queira encontrar aquilo que diz procurar.

Esses discursos articulam dizeres que remetem à ideia de que os sujeitos usuários desse site estão à procura do amor, mas também se colocam como aqueles que têm tudo a dar ao outro, levando a uma ideia de plenitude. Podemos concluir que esses dizeres apontam para a ideia da metade perdida, tanto naquilo que é a busca, como naquilo que é capaz de preencher a falta do outro. Para Lacan (1992), essa relação se estabelece como num ato transferencial: o amar é dar o que não se tem. Vamos lembrar que a ideia de amor está em situar essas posições que se tornam possíveis pelo desejo:

A questão é saber se aquilo que ele possui tem relação diria mesmo uma relação qualquer, com aquilo que ao outro o sujeito do desejo falta. Ele faz muito mais: permite-nos ir mais além e captar o momento de balança, de virada onde, da conjunção do desejo com seu objeto enquanto inadequado deve surgir essa significação que chama amor. (LACAN, 1992, p. 42)

Para Lacan (1992, p. 46), “o problema do amor” está na falta de coincidência entre o que é desejado (Amante) e o que está escondido (Amado). O amor seria, então, a possibilidade de haver uma convergência, conferindo ao sujeito faltante, ao amante, a ideia

de plenitude, ainda que saibamos que essa plenitude é transitória. Contudo, para que se estabeleça a relação de amor, o amante vê no amado a completude de sua falta e, por outro lado, o amado não sabe porque é amado, pois não reconhece em si aquilo que complementa aquele que o deseja (amante). Eis, para Lacan (1992), o problema do amor.

Lacan (1992) ainda vai postular que, em relação ao amor, podemos encontrar o que define como um ato miraculoso em que o amado se transforma em amante. O autor também menciona que essa virtude está também no amante, a saber: "o modo pelo qual sua escolha se dirige segundo aquilo que ele vai buscar no amado é algo para lhe dar. Ambos vão se encontrar neste ponto que ele chama, em algum lugar, do ponto de encontro do discurso onde terá lugar à conjunção, a coincidência." (Lacan, 1992, p. 62). Trata-se de uma troca e estamos propondo que essa troca circula sobre o próprio sujeito. E é Lacan (1992) quem nos auxilia a entender como isso ocorre no *site* em estudo. O autor, ao falar de amor, – fala especificamente do par, amante-amado – pressupõe uma troca e, dessa maneira, articula a relação do amor ao que falta, ou seja, ao desejo. Assim, o sujeito, quando parte em busca daquilo que lhe falta, vai encontrar seu desejo. E, nesta análise, inferimos que ocorre o funcionamento do tipo 02, no que se refere às SDRs, pois o sujeito cria antecipadamente a ideia de completude, apontando em si, talvez, o que desejasse reter do outro. Ou seja, ele constrói um Outro em si mesmo. Em outras palavras, significa dizer que, quando o usuário se autoapresenta com atributos que dão a ideia de completude, sugere um lapso nessa falta. Nessa perspectiva, define que o amor só pode ser articulado em torno de tal falta, "daquilo que deseja só pode ter sua falta." (Lacan, 1992, p. 128).

Conforme já analisamos nesta tese, estamos tomando o amor articulado ao desejo e desta forma identificamos as posições-sujeito amado e amante apreendidas nos dizeres das autoapresentações do *site* de relacionamento em análise.

Vejamos:

SDr 19: Meu nome diz como chegar ao caminho certo, não é difícil..... Me sinto muito bem comigo mesmo...Gosto de coisas simples da vidaE espero te encontrar aqui.....As fotos dizem quase tudo como eu estou ..kkk...Acho que eu estou bem..kkk..O que vc acha ?... (...)Gostaria de encontrar uma pessoa bacana para poder compartilhar a minha vida , para poder me completarNinguém vive sóMas vou tentar aqui no *site* ,quem sabe encontre vc... A mulher da minha vida....

SDr 26: QUERO LHE DAR MUITO AMOR E CARINHO! [...]SOU SINCERO, ROMANTICO, CARINHOSO, CHARMOSO, SIMPATICO, DE BEM COM A VIDA, PROCURO FAZER A DIFERENÇA, E ESTOU A PROCURA DE MINHA ALMA GEMEA PARA FAZE-LA, MUITO, MAS MUITO FELIZ AO MEU LADO.

SDr 30: ONDE ESTÁ O MEU AMOR? QUE SERÁ QUE ELE FAZ DA VIDA? DEVE ESTÁ POR AI. [...] MODÉSTIA PARTE, EU SOU O CARA! ADORO FALAR DE POLÍTICA, RELIGIÃO, MÚSICA, MULHER E FUTEBOL, QUER VER? PUXA ASSUNTO MY SISTER!

O enunciado que identificamos como o dizer do amante: *O que vc acha ?...* (...) *Gostaria de encontrar uma pessoa bacana para poder compartilhar a minha vida , para poder me completar* (SDr 19), ao demarcar o sujeito da falta, assume, simultaneamente, a posição de amado: *Meu nome diz como chegar ao caminho certo, não é difícil..... Me sinto muito bem comigo mesmo...Gosto de coisas simples da vida*(SDr19), colocando-se na posição do sujeito que ilusoriamente tem sua falta preenchida. Esse dizer é dissimulado, porque o amado não reconhece em si a capacidade de suprir a falta do outro. O que estamos analisando remete a um deslizamento (das posições amante/amado), pois é como se o amado possuísse a consciência de que aquilo que há em si é capaz de suprir. Contudo, se diz possuir, via de regra, deixou de ser amado.

Quando utilizam: *“quero lhe dar muito amor e carinho! De bem com a vida, procuro fazer a diferença”* (SDr 26) e *“adoro falar de política, religião, musica, mulher e futebol, quer ver? puxa assunto my sister!”* (SDr 30), conferem a impressão de que estão no site *ParPerfeito* plenos de si e querem compartilhar sua plenitude com alguém, como se fossem os amados ressaltando em si seus atributos, como se fosse um sinalizador. Pensando assim, não poderíamos tomá-lo na posição do amado, nem do amante. Por outro lado, os mesmo sujeitos assim escrevem: *“estou a procura de minha alma gêmea para fazela, muito, mas muito feliz ao meu lado”* (SDr 26); *“onde está o meu amor? que será que ele faz da vida? deve está por ai.”* (SDr 30). E, ao escrevê-lo, utilizam palavras que dimensionam a posição da falta.

Quando o sujeito do site *ParPerfeito* constrói uma imagem – sou tudo aquilo que você deseja encontrar – para seu interlocutor, seja ele quem for, identificamos o funcionamento do tipo 02, e deduzimos que o sujeito constrói tal imagem referida no seu próprio desejo, em sua própria falta e não exatamente no que busca no outro, qual seja: funcionamento do tipo 01. Entretanto, quando pensamos no desejo, ou melhor dizendo, na FD do amor em falta, essa FD opera interpelada pelo inconsciente, sendo acessível ao sujeito apenas uma representação dessa falta. Nessa direção, os dizeres tanto da posição-sujeito amado quanto da posição-sujeito amante estabelecem uma relação com o desejo e, por essa razão, consideramos que aquilo que o sujeito diz acerca de si mesmo seria capaz de

suprir sua falta, mais do que uma representação de como se vê propriamente dito. Estamos propondo, desta forma, que no *site* em estudo, o sujeito coloca-se como o amado de si mesmo. Destacamos que esse sujeito se move na direção de apropriação de algum objeto que supra sua falta. Assim, entendemos que o desejo capaz de mobilizar esse sujeito do discurso permanece como um dispositivo inconsciente, uma vez que aquilo que diz querer, diz possuir simultaneamente. Essa simultaneidade deixa pistas do que propomos como a possibilidade constitutiva de uma suposta terceira posição-sujeito que o usuário do *site ParPerfeito* assume no momento em que se autoapresenta.

Para abordarmos essa terceira posição-sujeito, vamos encontrar em Lacan (1992) a relação com o mito de Aristófanes, em que o sujeito do amor é o sujeito da falta em busca da metade complementar que lhe garantiria a sensação de plenitude. Ou seja, quando falamos de amor, falamos de um sujeito em falta, ou seja, do sujeito desejante. O próprio desejo está sempre suspenso numa cadeia de significante que é constituinte do próprio sujeito, aquilo pelo qual ele se distingue da individualidade que o define. Prossegue o autor supracitado afirmando que o sujeito conserva uma cadeia articulada fora da consciência, uma demanda, que constitui a reivindicação eternizada no sujeito, embora para Lacan (1992), seja inacessível e latente ao próprio sujeito. Neste sentido, afirma: "o amor é aquilo que é realmente inclassificável, o que vem se colocar atravessado em todas as situações significativas, e que nunca está em seu lugar, o que está sempre fora dos eixos." (LACAN, 1992, p. 113) E complementa:

Assim o amor, o desejo, assim como o conceito de par ou ímpar só faz sentido se pensarmos enquanto um jogo de significantes. Formula, ao mesmo tempo, que esse saber inteiramente transparente a si mesmo é o que constitui sua verdade. Alguma coisa pode ser sustentada na lei do significante, não apenas sem que isso comporte um saber, mas excluindo-o expressamente, constituindo-se como inconsciente, isto é, como necessitando, no seu nível, o eclipse do sujeito, para substituir como cadeia inconsciente, como constituindo o que há de irreduzível, em seu fundo, na relação do sujeito ao significante. (1992, p. 122).

A relação de amor pressupõe colocar-se diante do outro como faltante. Como compreender essa relação do *site* de relacionamento estudado em que o sujeito se apresenta simultaneamente como faltante e como pleno? Se analisarmos a própria definição de amado para Lacan (1992) – é aquele que tem, mas não sabe que tem – o discurso das autoapresentações aparece em contradição. Compreendemos, então, que esse sujeito que se faz presente no *site* está em falta, mas acredita ter e ser “*exatamente*” (termo usando na

apresentação do *site ParPerfeito*) tudo o que outro necessita, ou melhor dizendo, ser aquilo que ele mesmo busca, aquilo que de fato deseja. Entendemos, pois, que se estabelece um jogo discursivo de “mostra e esconde” e se desliza entre a posição de pleno e de faltante (amado/amante). E essa movência nos leva a considerar a possibilidade de uma posição muito semelhante ao ser esférico proposto no mito de Aristófanes. Essa movência entre uma posição-sujeito e outra é possível porque as posições-sujeito, segundo Orlandi (2009, p. 40) é compreendida da seguinte forma:

Não são os sujeitos físicos nem os lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Esta é a distinção entre lugar e posição.

Eis que essa porosidade se expressa na medida em que o sujeito, que se subjetiviza discursivamente nesse *site*, faz que busca, mas na verdade não busca, porque se diz possuidor daquilo que diz procurar. Ora, se é possuidor daquilo que procura, discursivamente não está em falta, o que vimos no *tour* do desejo.

Esse sujeito, que tem a ilusão de que nada lhe falta, está cadastrado no *site ParPerfeito* cujo propósito é promover os encontros afetivos. A prática discursiva mostra que o sujeito, quando fala, inscreve-se numa FD e, apesar de essa FD determinar o que se deve e se pode dizer, há, ou pode haver, em seu interior, efeitos de contradição pelas posições-sujeito que se estabelecem a partir de uma FD. Encontramos em Cazarin (2005) a explicação dessa contradição, quando analisamos a materialidade de nosso *corpus*, em relação a como esse sujeito se autoapresenta no referido *site*. Segundo a autora, a maneira como a posição-sujeito relaciona-se com esses enunciados remete a não homogeneidade da posição-sujeito dentro da FD e, conseqüentemente, do discurso. E, ainda, isso quer dizer que processos discursivos inerentes à FD podem abrigar diferentes posições-sujeito que se diferenciam ou que se apresentam divergentes numa mesma FD, sugerindo uma ideia de contradição. E pelo fato da posição-sujeito se constituir uma posição e não um lugar ela não é estanque e nem definitiva, ou seja, é passível de um intercambiamento.

É importante destacar, entretanto, que, quando nos referimos à posição-sujeito em AD, nos referimos a uma memória discursiva que inscreve dizeres e sentidos. Em outras palavras, estamos dizendo que, por se tratar de uma posição-sujeito, há algo historicamente constituído que legitima de alguma forma tal posição. Para Foucault (2008), o sujeito é uma função vazia, e a posição-sujeito entra em cena quando o sujeito toma a palavra:

O sujeito do enunciado é a posição absolutamente neutra, indiferente ao tempo, ao espaço, às circunstâncias, idênticas em qualquer sistema linguístico, em qualquer código de escrita ou de simbolização e que pode ser ocupada por qualquer indivíduo, para afirmar tal proposição.” (FOUCAULT, 2008, p.106)

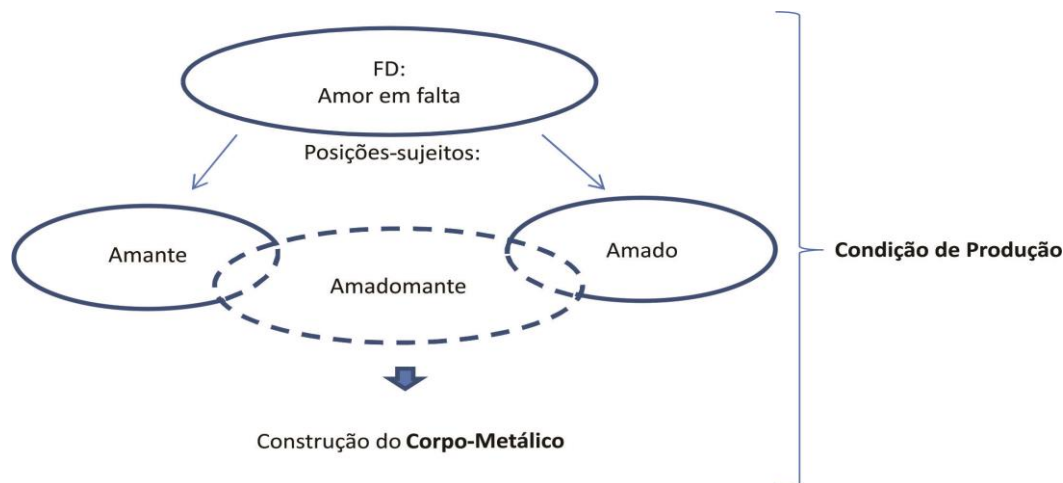
Para Pêcheux (2009), o lugar do sujeito é sim preenchido pela forma-sujeito, ou pela posição-sujeito de uma determinada formação discursiva. Para Grigoletto (2005) a posição-sujeito organiza de alguma forma os discursos pelo fato de também representar um lugar social. Para esta autora há uma relação entre a posição assumida discursivamente e o lugar socialmente legitimado, “assim, o sujeito do discurso, ao mesmo tempo, em que ele é interpelado/assujeitado ideologicamente pela formação social, ele se inscreve/ocupa um dos lugares sociais que lhe foi determinado.” (2005, p. 5). E mais, o sujeito se inscreve numa dada FD porque estabelece uma identificação com ela, constituindo-se em sujeito do discurso.

Se o sujeito quando fala, fala de uma posição discursiva, nos chama atenção nesta análise a impossibilidade de acomodar o que estamos vendo em nosso *corpus* nas posições-sujeito mencionadas por Lacan de amante e de amado separadamente. Acreditamos que a análise pode avançar e apontar outros atravessamentos neste discurso. Propomos que essa condição de produção do digital instaura uma nova posição-sujeito ao se falar sobre o amor no site *ParPerfeito*. Quando o sujeito se projeta discursiva e simultaneamente com a posição-sujeito amado e posição-sujeito amante.

É possível observar que os discursos emanados do site *ParPerfeito*, podem se assemelhar ao discurso sobre o amor enunciado em qualquer outro espaço. Entretanto, aqui, é possível localizar um deslizamento discursivo das referidas posições, pois mesclam desejo, demanda e completude sobre um objeto construído pelo e no próprio sujeito (o *tour* do desejo e o corpo-metálico). Em virtude disso, propomos uma nova posição-sujeito que denominamos aqui como: **Amadomante**. Que mesmo que para a AD a posição-sujeito não é fixa porque não trata-se de um lugar empírico, mas de uma projeção, vimos a emergência desta nova posição-sujeito porque os dizeres mais do que oscilarem entre uma e outra projeção (da falta e da completude), são dizeres que mesclam os mesclam simultaneamente como já mencionamos.

Veja a figura proposta pela pesquisadora:

Figura 5 Formação Discursiva do amor em falta e as posições-sujeito:



Fonte: Figura elaborada pela pesquisadora

O que significa propor uma nova posição-sujeito Amadomante para discursivizar sobre o amor? Consideramos que esse usuário que se autoapresenta no *site ParPerfeito* o faz certo de estar a procura de sua completude. Contudo o que analisamos é que ao mesmo tempo em que se coloca em falta, diz ser aquilo que ele mesmo procura, mesmo não se dando conta disso. Em decorrência disso, a condição de produção do meio digital através do *site* em análise remete a dizeres que projetam uma imagem-corpo que vem em substituição ao corpo empírico, conforme analisado anteriormente. E, por se tratar de uma projeção, idealiza nesta conjuntura uma imagem simulada capaz de complementar aquilo que lhe falta: não está ali nem lá, mas está em torno de si mesmo; não tem corporificação, mas diz; se insurge como o mencionado corpo-metálico.

Para compreendermos a figura 5, retomamos os dizeres de Lacan (1992) que nos possibilita entender como se estabelece a relação entre o amor e o desejo. Para o autor, a questão está em localizar o que o amor deseja. E argumenta que se deseja aquilo que está ausente. E para subsidiar nossa análise, trazemos ainda, novamente, a FD destacada nesse estudo, a do amor em falta. O ser do outro, no desejo, não é o sujeito propriamente dito; o outro é visado como objeto amado. Por isso, para o autor, a realização do desejo não está exatamente na posse do objeto (na apropriação do outro); não é o acaso de um encontro, mas aquilo que se torna real ao buscar o objeto outro. Nesta tese essa busca pelo objeto é

abordada como o *tour* do desejo que se estabelece neste ponto. Ou seja, o sujeito toma o lugar do seu próprio desejo (corpo-metálico) que só é possível porque ocupa a posição-sujeito amadomante.

Lacan (1992) esclarece que a relação amorosa é paritária, porque envolve necessariamente as posições amante e amado da seguinte forma: "a diferença que existe entre o objeto de nosso amor enquanto recoberto por nossas fantasias e o ser do outro, na medida em que o amor fica interrogando para saber se pode alcançá-lo." (1992, p. 53). Passamos a considerar que a relação de amor encarna-se numa relação do sujeito do desejo que se coloca em falta diante do outro. Neste ponto, compreendemos o amor como a relação entre o sujeito e o objeto do desejo, que, naturalmente, para a psicanálise não habitarão simultaneamente no mesmo discurso. Sob esse ponto de vista, as materializações do *corpus* do *site* em estudo revelam uma relação dual no mesmo sujeito, daí a necessidade de considerarmos a **terceira posição-sujeito: amadomante**, conforme já demonstramos anteriormente. Com relação a essa dualidade, encontramos nos dizeres do autor uma explicação que no momento se faz satisfatória:

O objeto de que se trata aqui não está situado no contexto de um valor de prazer, de fruição do gozo. Ele é considerado por reduzir uma função onivalente o único do outro, na medida em que deve ser para nós um sujeito. Se fizermos dele um objeto qualquer, um objeto como os outros, um objeto que pode ser rejeitado, trocado, em suma, ele vai ser profundamente desvalorizado. Eis a temática subjacente à ideia de oblatividade, tal como articulada quando se nos faz dela o correlativo ético obrigatório ao acesso a um amor verdadeiro, que seria suficientemente conotado por ser genital. (LACAN, 1992, p. 148).

A oblatividade é a expressão do que entendemos, em Lacan (1992), pela relação paritária que envolve o amor. E não apenas isso: para ser amor, o outro há que ocupar um lugar de destaque no terreno da significação, não podendo ser substituído por qualquer outro; é ele, somente ele. Essa relação do desejo com o objeto nos leva à posição-sujeito: **amadomante** que estamos propondo, conforme veremos. Se partirmos da ideia de que existe, no sujeito faltante, a fantasia de complementação da falta, para o autor um objeto pode assumir, em relação ao sujeito, esse valor essencial de preenchimento que constitui a fantasia fundamental. O sujeito, dessa forma, permanece ali, fixado. A esta função privilegiada ele chama A.

É na medida em que o sujeito se identifica à fantasia fundamental que o desejo, como tal, assume consistência e, pode ser designado, que o desejo também, de que se trata para nós está enraizado, por sua própria posição, na *Horigkeit*, que

ele se coloca no sujeito como desejo do Outro, grande A. (LACAN, 1992, p. 172).

Dessa forma, entendemos que este A não se trata do sujeito propriamente dito, não é outro absoluto, é um Outro que é simultaneamente necessidade e necessário como lugar, mas ao mesmo tempo incessantemente submetido à questão daquilo que o garante; ele próprio, é um Outro evanescente e por isso se coloca na posição evanescente. Sobre a relação com o Outro, Lacan explica:

É a questão formulada ao Outro, quanto ao que ele pode nos dar e ao que tem para nos responder, que se liga o amor como tal. Não que o amor seja idêntico a cada uma das demandas com as quais o assediamos, mas ele se situa no mais-além dessa demanda, na medida em que o Outro possa ou não nos responder como última presença. (LACAN, 1992, p. 172).

No espaço discursivo sobre o amor, o Outro não é um fragmento localizável, nem tampouco uma entidade exterior; é aquilo que sistematicamente falha em um discurso e lhe permite fechar-se em um todo. Dessa forma, a relação com o Outro deve ser compreendida independente de qualquer forma de alteridade definida. Ou seja, esse Outro não é como uma presença que se manifesta, quer explícita quer implicitamente, mas uma ausência, uma falha, um interdito do discurso: o amadomante. A fim de aprofundarmos a análise, é importante retomar a FD, referentemente à significação e à relação com o discurso que, para Orlandi (2008), aparece no discurso como o modo de funcionamento da ideologia e do inconsciente os quais se fazem presentes por uma ausência necessária. Recorremos a Brauer (1994, p. 2), para compreender como se introduz na falha o Outro.

É da essência da palavra o agarrar-se ao Outro. A palavra é a mediação entre o sujeito e o Outro, e ela implica na realização do Outro dentro dessa mesma mediação. A questão é então saber em que nível a palavra se agarra ao Outro, e, que nível o Outro é realizado, como ele é realizado, em que função, em que círculo de subjetividades de quem fala. O nível no qual o Outro é vivido situa exatamente o nível no qual o eu existe para o sujeito. O eu é referente ao Outro, ele se constitui em relação ao Outro, é seu correlato.

Se nessas relações que envolvem o amor, o sujeito (amante) se esvanece diante do amado, a relação de amor pressupõe, então, que se tome o outro como sujeito e não como objeto. Entretanto, a partir do que vimos nos discursos presentes no *site ParPerfeito*, esse outro está posto mais como objeto do que como sujeito. Ou melhor dizendo, estamos vislumbrando um efeito de sentido no *site* em estudo em que o próprio sujeito enunciator

representa seu Outro como objeto, ou seja, esse Outro é revelador do si mesmo, revela-se como objeto. O outro, que cumpriria a função do espelho, constituindo-se um Outro para o sujeito, está não em um outro sujeito usuário do *site ParPerfeito*, mas em si próprio, por meio do **corpo-metálico**, quando discursiviza na **posição-sujeito de amadomante**. Vejamos (grifos nossos):

SDr 29: Sensibilidade e inteligência. Posso te proteger e realizar seus desejos mais secretos, desde os mais comportados até os mais ousados. Sou bem resolvido, sem as neuroses comuns dos homens, equilibrado, e me encanto com as raríssimas mulheres que também tenham estas características. Acredito que esse *site* possa ser eficaz para aproximar pessoas que tenham afinidade e sintonia, desde que sempre se diga a verdade! [...]É difícil falar sobre isso sem parecer pretencioso. **Mas vamos lá. Não abro mão de ser educado, carinhoso, bem informado e culto.** (...)

SDr 30: ONDE ESTÁ O MEU AMOR? QUE SERÁ QUE ELE FAZ DA VIDA? DEVE ESTÁ POR AI. [...] MODÉSTIA PARTE, EU SOU O CARA! ADORO FALAR DE POLÍTICA, RELIGIÃO, MÚSICA, MULHER E FUTEBOL, QUER VER? PUXA ASSUNTO MY SISTER!

SDr 31: nem alta, nem baixa, nem gorda nem magra,

SDr 32: muiigata Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..tipo fisico magro...dizem que nao aparento a idade que tenho.....

SDr 33: sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica.

SDr 34: Ah!! apenas uma mulher ... Com jeito de menina ou Uma menina com jeito de mulher...

SDr 35: bonito tesão

Sobre a questão do Outro/outro, Lacan (1992) propõe que o outro que representaria para o sujeito seu objeto de amor é, também, considerado um sujeito, porque é dotado de uma superioridade. E, aqui, propomos que, no *site* em estudo, essa superioridade, do ponto de vista discursivo, é dirigida ao próprio sujeito que se autoapresenta: *bonito, tesão* (SDr 35); *muuigata. Loira, porém inteligente...corpinho quase em forma, tipo físico magro...dizem que não aparento a idade que tenho* (SDr 32); *sou alegre, simpática, amiga, sensual e romântica* (SDr 33); ao enaltecer seus próprios atributos, parece renunciar o par, quando diz: *modéstia parte eu sou o cara (...) que ver? puxa assunto ai my sister* (SDr 30) e isso é possível porque localiza-se na posição-sujeito amadomante, ou seja, tudo ocorre em torno do próprio sujeito enunciator. Assim, esse modo de estabelecer seus dizeres remete a uma renúncia da função paritária que envolve o amor e aponta para uma relação unitária. Podemos pensar, como já vimos em momentos anteriores, que essa condição de produção – que permite uma enunciação a múltiplos e, portanto, a nenhum parceiro especificamente – é uma relação que se completa no próprio sujeito, reduzindo o outro como objeto e

valorizando a si mesmo como objeto amado, por meio do corpo-metálico. Isso descaracteriza a oblatividade que pressupõe a relação de amor, embora seja sobre o amor que se esteja falando ali, dando a ideia de que o sujeito basta-se e si mesmo. Tomamos o: *bonito, tesão* (SDr 35), apontando para a ideia de ser: *o cara* (SDr 30). Ao mesmo tempo que diz: *nem alta, nem baixa, nem gorda, nem magra* (SDr 31), sugere o sentido de ser “*exatamente*”⁴⁵ aquilo que o outro procura, ou melhor dizendo, é como se o sujeito oferecesse um sentido em sua enunciação de ser tudo aquilo que ele busca para si mesmo.

Nessa direção, o dizer: *modéstia parte eu sou o cara* (SDr 30) remete à posição-sujeito amadomante. A partir desta posição-sujeito é que se constitui o corpo-metálico que remete à posição de ser ele próprio aquilo que falta em si mesmo. A fase do espelho nos ajuda a compreender como se estabelece o processo de significação em torno do próprio sujeito. Destacamos a explicação de Lacan (1995) sobre essa fase, designada como aquilo que acontece no momento em que a criança se dá conta de que ela e a mãe não são o mesmo sujeito. Esse fenômeno é representado por uma ruptura, uma cisão que é vivenciada pela criança como algo traumático. O autor utiliza-se da metáfora do espelho, para se referir ao período equivalente ao da amamentação, ou melhor dizendo, ao aconchego que a criança sente ao ser pega no colo e ser alimentada. E quando se vê refletida na pupila da mãe, dá-se a ruptura no campo simbólico da criança. É nesse processo que a criança se significa no mundo; significa a si mesma e a mãe como coisas distintas. Começa a distinção do objeto e do real que é impregnada de tensão. Para o autor, é a mãe quem ensina à criança essa tensão inaugural entre realidade e ilusão, na medida em que deixa de atender-lhe prontamente todos os desejos e a faz se deparar com a falta. Até então, a criança não experimentara a falta, tudo lhe era suprido, mesmo antes de se sentir em falta de alguma coisa. Retomamos essa explicação para analisar os dizeres: *bonito, tesão* (SDr 35); *Ah!! apenas uma mulher ... Com jeito de menina ou Uma menina com jeito de mulher...* (SDr 34) os quais apontam para a ideia de que nada falta a esses sujeitos. Segundo Lacan (1995), é no momento em que essa ruptura aparece que se instala a falta; é a mesma falta sentida permanentemente pelo sujeito em relação ao amor: *e me encanto com as raríssimas mulheres que também tenham estas características* (SDr 29), referindo-se às suas próprias características e a própria dificuldade em encontrar aquilo que suprirá sua falta, como em: *raríssimas mulheres* (SDr 29). Para Lacan (1995, p.40), “essa diferença só pode se instalar pela via de uma desilusão, quando de tempos em tempos, a realidade não coincide com a alucinação surgida do desejo”. Ou seja,

⁴⁵ Fonte: <http://www.ParPerfeito.com.br/>. Acesso em 12.12.2013.

esse movimento inicia-se com a criança e não cessa; a criança vai se ocupando com objetos transicionais, aqueles objetos imaginários que servem para suportar essa tensão que emerge da ruptura com a figura materna. São transicionais porque suprem a sensação de falta por algum tempo apenas, ou seja: a criança, mobilizada por seu desejo, elege um objeto que momentaneamente lhe dará a sensação de plenitude, mas em pouco tempo, mesmo ainda de posse desse objeto, retorna à condição da falta. E, neste estudo, o objeto transitório para os sujeitos do *site* é o corpo-metálico.

Toda a complexidade em perceber a natureza da relação que liga o Outro ao qual se dirige a demanda de amor está na aparição do desejo. Essa relação de que estamos em busca – da sensação primária de prazer, de completude – é por nós entendida como a eliminação da falta pelo Outro, perseguido como objeto capaz de suprir o desejo. Tal relação é apresentada por Lacan (1992) com a definição de que "o Outro não é nosso igual, o Outro ao qual aspiramos, o Outro que não o amor, mas algumas coisa que representa, falando propriamente, uma sua queda - algo que é da natureza do objeto." (1992, p. 172). Isso quer dizer que entra em questão não um sujeito, mas um objeto que passa a ser perseguido pela demanda do desejo como capaz de levar à completude. O objeto, ou aquilo que se toma por objeto designa algo no próprio sujeito que o elege. Segundo Lacan (1992), isso acontece, em primeiro lugar, pelo fato de se constituir um objeto e, em segundo lugar, porque se trata de um objeto diante do qual o sujeito desfalece, desaparece como sujeito. Em outras palavras, por ser um objeto elevado à potência máxima, algo de superioridade lhe é designado. Sobre isso destacamos a SDr 29:

SDr 29: Sensibilidade e inteligência. Posso te proteger e realizar seus desejos mais secretos, desde os mais comportados até os mais ousados. Sou bem resolvido, sem as neuroses comuns dos homens, equilibrado, e me encanto com as raríssimas mulheres que também tenham estas características. Acredito que esse *site* possa ser eficaz para aproximar pessoas que tenham afinidade e sintonia, desde que sempre se diga a verdade! [...]É difícil falar sobre isso sem parecer pretencioso. Mas vamos lá. Não abro mão de ser educado, carinhoso, bem informado e culto. (...)

Os dizeres *sensibilidade e inteligência. Posso te proteger e realizar seus desejos mais secretos, desde os mais comportados até os mais ousados* apontam para supervalorização do objeto, que não está localizado em um outro, mas no próprio sujeito. Isso só é possível se considerarmos a posição-sujeito amadomante. Lacan (1992) propõe que aquilo que acontece com o objeto é o contrário do efeito que gera no sujeito, contudo esse objeto não é visto como um mero objeto de desejo, mas sim o objeto, aquele que será

valorizado perante os olhos do sujeito: o amado diante dos olhos do amante. Neste trabalho propomos que o movimento de buscar um objeto de desejo e enaltecê-lo (corpo-metálico) circula em torno do próprio sujeito, ao assumir a posição de amadomante. Em relação a isso destacamos: *sou bem resolvido, sem as neuroses comuns dos homens, equilibrado... é difícil falar sobre isso sem parecer pretencioso* (SDr 29). Quanto à supervalorização do objeto, escreve Lacan (1992, p. 173):

E é enquanto supervalorizado que ele tem a função de salvar nossa dignidade de sujeito, isto é, fazer de nós algo distinto de um sujeito submisso ao desligamento infinito do significante. Ele faz de nós algo distinto do sujeito da fala, esse algo de único, inapreciável, de insubstituível que é o verdadeiro ponto em que podemos designar aquilo que chamei de dignidade do sujeito.

O desfalecimento e a supervalorização do objeto/Outro é que representa a relação de amor. Propomos, a partir do *site* em estudo, que essa relação acontece em torno do próprio sujeito, numa perspectiva de que o sujeito falece diante de si mesmo, tal como Narciso que mergulha na beleza de sua própria imagem.

Nas análises propostas até o momento percebemos que o objeto é sempre submisso, servo do desejo. Para Lacan (2010), o amado é assujeitado pelo desejo do outro, ainda que a ele seja outorgado um lugar de valorização. Uma vez que o desejo em sua essência é sempre o desejo do Outro, para o autor, esta é a mola do nascimento do amor. E essa mola sempre obriga a dissimular um pouco essa relação, no intuito de reduzir, por assim dizer, o Outro *A* em outro *a*. O sujeito que fala, seja no *site ParPerfeito* ou em qualquer outro lugar, exprime que suas necessidades devam passar pelos desfiladeiros da demanda, a demanda do desejo. Assim se refere Lacan (2010, p. 252):

Sabemos, no entanto, que é no próprio modo de confronto entre as duas demandas que jaz esse ínfimo gap, essa hiância, este rasgão, onde se insinua de uma maneira normal a discordância, o fracasso pré-formado do encontro. Este fracasso consiste justamente, em não ser encontro de tendências, mas encontro de demandas.

Entendemos que a demanda é transbordada por um desejo, ou seja, ela não poderia ser satisfeita se esse desejo não se saciasse ali. Queremos chamar atenção para esses dizeres que oscilam entre o tenho e o não tenho, entre o sou e o não sou, pois o esmagamento da demanda na satisfação não ocorreria sem matar o desejo. Por essa razão, há, nos dizeres ora analisados – conforme já destacamos anteriormente – a relação com a

busca, a procura de “algo”, ou melhor dizendo, um dizer que garante a procura desse objeto, por mais que essa procura esteja escamoteada no e pelo próprio sujeito.

Pensemos, então, que esse desejo é fundante, inesgotável, pois se trata da pulsão que liga o sujeito à vitalidade, mas que recebe um freio externo. Lacan (1995) considera como o nascimento da relação do princípio do prazer freado, castrado pelo princípio da realidade. Em outras palavras, significa que essa falta sempre permanece ali; há uma busca e uma recusa de que esse desejo se satisfaça plenamente. Vejamos:

SDR 36: Gorilasensível. CORPO DE GORILA, MENTE DE FILOSOFO. Bem...não sou um homem bonito, pouca altura, calvo, peludo, um gorilinha mesmo...mas certamente tenho conteúdo, sou razoavelmente inteligente, boa formação intelectual e muito gentil e carinhoso com quem assim o for comigo. Gosto muito de sexo, mas com alguém que realmente esteja comigo, para não termos qualquer tipo de preocupação e podermos nos entregar completamente, sem entraves. Adoro beijar, e para isso Deus me deu uma boca carnuda e macia. Falante, bom domínio de todos os assuntos, romântico e muito carinhoso, não sou lindo de morrer, mas também não sou feio de matar. Eu diria um Charles Bronson calvo

Podemos dizer que o fragmento *Gosto muito de sexo, mas com alguém que realmente esteja comigo, para não termos qualquer tipo de preocupação e podermos nos entregar completamente, sem entraves* (SDr 36) remete ao elemento restritivo sem o qual a demanda possa encontrar sua satisfação. Isso equivale dizer que, ao possuir o objeto desejado, nosso desejo imediatamente se desloca para outro objeto, assim sucessivamente. No sujeito que se autoapresenta no *site* em estudo, é possível que o desejo de estabelecer interlocuções múltiplas não se esgote, mas transite de um usuário a outro sucessivamente. A partir de tudo que temos dito até aqui, para esse sujeito que se constitui nos dizeres do *site ParPerfeito*, exercitar, conforme já vimos, o *tour* do desejo seja mais interessante do que encontrar a “sua metade” propriamente dita, insistindo, contudo, que está à procura dela, como se pode observar na SDr a seguir:

SDr 13: OLÁ, CANSEI DE FICAR SO!! DEIXE AMAR VC? TBEM QUERO SER AMADA, ADOROO! Ola, sou uma mulher feliz [...] quero agora pra mim alguém que me deixar amar, e me amar com toda intensidade, de uma forma que possa valer a pena, não passo por cima da vida, quero viver, e viver um grande amor agora é meu objetivo, quero me encontrar e se quiser tbém... Espero vc homem inteligente, cheiroso, carinhoso que tenha a família, e Deus como base de tudo, que saiba o que quer e como quer!! [...] Não acredito muito em amores a distancia, Quero o meu bem perto de mim, posso não responder, Mas se achar que vale a pena me convença, bjssssss

O fragmento *quero viver, e viver um grande amor agora é meu objetivo, quero me encontrar e se quiser tbém* releva uma desimportância em relação ao outro, eu em primeiro lugar, mas se você quiser, não me oponho, o que nos permite inferir que aquilo que busca é encontrar a si mesmo.

Nessa linha de análise, propomos a compreensão de que, se a lógica do amor é pautada pela identificação do outro pelo grande Outro, encontramos aqui um nó a ser desatado. Se, nas palavras de Lacan (2010), amar é dar o que não se tem, mesmo quando se tem, o amor como resposta implica o domínio do não saber. E continua: "amar necessita sempre de recusar" (2010, p. 435) e é, para o autor, isto que incomoda. Essa recusa se pauta duplamente: por parte daquele que ama e é amado. O amado tem sempre um parceiro, aquele que lhe outorga superioridade: o amante. Nessa relação, o amado é introduzido como aquele que é digno de interesse e de amor e, por esta razão, objeto de desejo. Contudo, o que falta no amante não é o que está escondido no amado, mas sim lhe é atribuído. Eis o nó do qual falamos antes. Nesse sentido, é que, para o autor, o amor aparece como significante, uma metáfora na medida em que aprendemos a articular a metáfora como substituição. Nos dizeres de Lacan (1992, p. 149):

Vamos admitir que um objeto valha por outro, sob a condição de darmos ao termo objeto seu sentido original, que visa os objetos na medida em que os distinguimos e podemos comunicá-los. Se um objeto vale por outro, para o sujeito isso ainda é pior. Pois não é simplesmente um outro sujeito que ele vale.

E, neste ponto da análise, nos deparamos aqui com a noção de que é a posição-sujeito amadomante construída nas apresentações do *site ParPerfeito* que entra em circulação em seus dizeres; mais do que a relação entre o desejo e o objeto, insurge-se a possibilidade de se fazer objeto de seu próprio desejo.

Essa consideração nos leva a admitir que há um reconhecimento da imagem narcísica, na medida em que esta se constitui a substância do eu ideal, e aqui queremos destacar: *Ai se eu te pego* (SDr 28). Para Lacan (1992, p. 171), a cadeia significante inconsciente é compreendida como constitutiva do sujeito que fala: o desejo se apresenta como tal numa posição que não pode mais, agora, ser concebida como metáfora, mas como metonímia⁴⁶, determinada pela cadeia do significante. A metonímia – que expressa uma

⁴⁶ Encontramos em Jorge (2002, p. 89) definição utilizada por Lacan. Diz o autor: "Lacan dimensiona essas noções a partir de sua teoria do significante, para demonstrar que o trabalho do sonho segue as leis do

conexão dos significantes entre si – remete ao objeto de desejo sempre faltoso na cadeia. E Lacan explica:

Tudo que se acha uma vez associado à cadeia significante - o elemento circunstancial, o elemento da atividade, o elemento do mais-além do termo do qual essa atividade desemboca - todos esses elementos, em condições adequadas, são capazes de poder ser tomados como equivalentes uns aos outros. Um elemento circunstancial pode assumir o valor representativo daquilo que é o termo da enunciação subjetiva, do objeto para o qual o sujeito se dirige, ou igualmente da própria ação do sujeito. (LACAN, 1995, p. 171).

Aquilo que aparece nas práticas discursivas do *site* em análise, no qual impera uma relação de busca pelo parceiro, acaba por produzir uma exclusão. O parceiro aparece apenas como imaginário, reforçando a compreensão de que não se busca o parceiro, busca-se o gozo por meio desse movimento de suposta apreensão do objeto *a*⁴⁷. Podemos aplicar aqui o argumento de Lacan (2010) de que existe um impasse, uma fissura em relação ao amor: "o problema do amor reside no fato de que o sujeito não pode satisfazer a demanda do Outro senão rebaixando-o – fazendo este Outro objeto do seu desejo." (2010, p. 274). Aquilo que anteriormente era valorizado como amado, carece de uma desqualificação temporária para tornar suportável para o amante realizar sua apreensão. Nesse sentido, o autor considera que o objeto, no caso da demanda pela pulsão, é o que menos importa, pois há um quê no sujeito que o faz preservar a presença do desejo. Como vimos, o sujeito recusa essa satisfação, para preservar a função do desejo, caso contrário nada mobilizaria seu movimento de busca pelas coisas/objetos. Com isso, podemos compreender que a resultante desse movimento é que o sujeito construído nos enunciados do *site ParPerfeito* pode dizer em relação a outros usuários: "esse não", "aquele também não", "esse até poderia, mas...". Nos termos do próprio Lacan (2010, p. 345), essa possibilidade de negação, esse afastamento vem em forma de recusa: "eu gosto disso e não de outra coisa do desejo" – deflagrando o movimento de busca permanente. Observamos que, nos enunciados constantes nas autoapresentações do *site ParPerfeito*, essa dimensão aparece quando o sujeito fala do que gosta e do que desgosta, alimentando, assim, o circuito do desejo. Dessa forma, não é de estranhar que esse

significante. A condensação é entendida como um processo metafórico", que se trata da substituição de vários significantes num processo de superposição dos significantes. "O deslocamento é visto como um processo metonímico, no qual não há substituição de um significante por outro, mas sim um remetimento a um outro significante." (JORGE, 2002, p. 89).

⁴⁷ O Objeto do desejo foi chamado por Lacan (1995) como objeto *a*. "O Objeto *a* é uma curvatura do próprio espaço que resulta na possibilidade de dar voltas quando se quer alcançar o objeto. Por isso mesmo é o objeto *a* que impede que o círculo do prazer se feche, introduzindo um desprazer irreduzível na própria busca do prazer." (SANTOS, 2012, p. 136).

sujeito construído nos dizeres deste *site* estabeleça infinitas possibilidades de interlocução com outros usuários, mas mantém a ideia de que nada lhe satisfaz, ou sua satisfação seja tão fugaz que o conserva nesse circuito: preso ao *site ParPerfeito* preso a ele mesmo. Ele: **amadomante**.

6 CONCLUSÃO

Ao chegar ao momento de concluir essa tese talvez a única conclusão possível seja que ela é inconclusa...

Certa vez alguém muito especial disse que não existem textos prontos, existem textos abandonados. E aqui estamos nós prestes a abandonar, sem abandonar. Para sermos fiéis aos pressupostos da AD e ao próprio amor, reiteramos a sensação de não saber de onde vem e nem para onde vai, haja vista sua (in)completude, haja vista o emaranhado de redes em que está preso. Ao mesmo tempo em que tudo parece que já foi dito, um tudo há ainda que se dizer. Contudo, há que se ter um ponto final

Entretanto, mesmo apreendido como objeto inacabado, incompleto por natureza; como sendo (e a ser) reconstruído, é preciso fornecer repostas aos questionamentos que por ele e nele se insurgiram. Gostaríamos de neste momento apresentar o que queríamos no início deste trabalho, o que localizamos e o que propomos a partir disso.

Inicialmente queríamos estudar os discursos sobre o amor. Fomos mobilizados por uma espécie de curiosidade em compreender como o fenômeno do digital atravessa os discursos e os sujeitos quando se põem a falar sobre o amor. Nestes termos, chegamos ao *site* de relacionamento *ParPerfeito* que se apresenta como a possibilidade de tirar esse sujeito da falta. Essa curiosidade também se nutriu pelo fato de as pessoas, com as quais nos relacionamos profissionalmente, verbalizarem, muito frequentemente, a busca de *sites* desta natureza como a forma mais segura e garantida para o estabelecimento do encontro amoroso. Deste modo, a presente tese configurou-se num estudo dos dizeres presentes no *site ParPerfeito* no momento em que os usuários fazem sua autoapresentação para se cadastrarem. Aparentemente, se inscrevem neste lugar para buscar uma relação amorosa.

O objetivo geral apresentado neste estudo foi investigar que deslocamentos sobre a posição-sujeito amante e a posição-sujeito amado são possíveis a partir dos dizeres das autoapresentações no *site ParPerfeito* e como este deslocamento leva ao surgimento de uma nova posição-sujeito: o **amadomante**, que por sua vez permite a construção do **corpo-metálico**, quando os usuários falam sobre a procura por um amor. Tal objetivo partiu de algumas inquietações na busca de compreender como acontece a discursivização sobre o amor no que estamos localizando como um novo espaço discursivo que é o meio digital. Em outras palavras, queríamos compreender a movência de uma nova forma de se falar sobre o velho amor. Por esta razão, tomamos o meio digital por meio do *site* de relacionamento

ParPerfeito como condição de produção de dizeres sobre o amor, com o intuito de compreender como os dizeres percorrem o imaginário sobre/do o amor. Analisamos também que interdiscursos, que memórias discursivas se cruzam, se atravessam e que efeitos de sentido podem ser estabelecidos a partir do ingresso do sujeito neste *site* de relacionamento.

A partir do *corpus* analisado, concluímos que o *site* de relacionamento *ParPerfeito* permite a circulação de efeitos de sentido voltados para a sedução, bem como também se constituem em espaços sociais que alteram as formas do dizer sobre o amor e sobre o desejo. Os dizeres que se formulam nesse contexto são diferentes daqueles discursivizados em outros espaços, em outras dadas condições de produção. Consideramos que os ambientes digitais de interações permitem e, em certa medida até estimulam, que tabus e intimidades se explicitem, ou seja, o sujeito, pela ausência do próprio corpo falante, se autoriza a dizer coisas que não diria em outras condições de produção. Nesta condição é autorizado a falar do proibido; fantasias emergem e se constroem sem reservas de modo a servir, além de espaços discursivos, de possibilidade de subjetivação dos próprios sujeitos que ali se cadastram.

O sujeito que se cadastra no *site* de relacionamento *ParPerfeito* estabelece uma relação consigo mesmo no momento em que se autoapresenta. O sujeito nutre o que poderíamos chamar de momento de intimidade dele com a máquina, recorrendo à reclusão como possibilidade de estar *on line*: escolhendo o isolamento como forma de se sentir pleno e acompanhado ao mesmo tempo. Aparentemente, dirige-se a outros potenciais parceiros para que consiga realizar seu *tour*. Ou seja, lança-se numa busca de si mesmo. Acreditamos que o sujeito usuário do *site ParPerfeito*, ao dizer querer encontrar um parceiro(a), não se dá conta de que acaba por nutrir esse momento de intimidade consigo mesmo.

Posicionamos este estudo a partir de duas premissas legitimadas quando se coloca o amor em palavra: a primeira é: aquilo que do amor se coloca em palavras advém mais de sua falta do que sua realização. Por esta razão, partindo do pressuposto de que o amor precisa encontrar vazão nas possibilidades discursivas, porque é da ordem da falta. Essa característica faz com que o discurso sobre o amor se desdobre em muitos outros, impregnados de falhas, hiatos e silêncios.

A segunda premissa considerada neste estudo compreende o amor como o objetivo máximo das pessoas, aquilo que, quase unicamente, é capaz de conferir algum sentido à existência humana, uma vez que o amor é evocado como a chave da felicidade. Razão esta que, por nossa análise, o *site ParPerfeito*, pelo modo como se apresenta para

seus usuários, remete à promessa do encontro do parceiro amoroso, ao mesmo tempo que naturaliza o amor como se fosse o sentimento mais sublime entre os homens, colocando-o, pois, à disposição de seus usuários.

O que localizamos...

Em primeiro lugar esse estudo se propôs a verificar o que busca o sujeito que se enuncia como faltante no *site ParPerfeito*. Numa primeira análise, podemos dizer que esse sujeito busca o seu par amoroso. Assim como no mito de Aristófanes o sujeito usuário do *site* se cadastra tomado pela falta. Essa falta o remete ao sentimento de incompletude. Essa incompletude, para o sujeito do *site ParPerfeito*, será suprida a partir do momento que encontra seu parceiro, sua metade perdida. Chegamos a essa conclusão, entretanto, analisando a superfície linguística presentes nas enunciações das autoapresentações do *site*. Contudo, a análise avançou e mostrou que esse sujeito, ao se autoapresentar no *site* em estudo, realiza a busca em torno de si mesmo. Foi possível concluir que os sujeitos que escolhem se cadastrar no *site ParPerfeito* se identificam aparentemente com a mesma motivação: a ausência do amor, ou melhor dizendo, a procura dele e acabam por ensejar um discurso de sedução para evidenciarem o desejo pela busca da completude. Localizamos, então, neste estudo, a FD do amor em falta, que além de permitir que os dizerem sejam ditos, demarcam posições-sujeito as quais com ela se identificam.

A falta pulsa na angústia do sujeito que precisa encontrar meios de expulsão, e eis que surge a palavra para salvar o sujeito.

O fenômeno do mundo em rede, aquele que possibilita o contato digital, é capaz de produzir múltiplos efeitos de sentido e permite também que se estabeleça um sentido de transitoriedade, pois, ao mesmo tempo em que serve de ampliação dos contatos, também serve como possibilidade de reclusão dos sujeitos que dela fazem uso. Reclusão esta que aparece pelo fato de que, quando o sujeito navega no *site*, muito provavelmente o faz sozinho. Esse sentido de transitoriedade que oscila entre o estar só e sentir-se acompanhando, de estar em falta e colocar-se como pleno ao mesmo tempo, é que permite que o discurso sobre o amor se reverbere e assuma deslizamentos que vão além do encontro pelo par amoroso.

A partir das análises realizadas, podemos concluir que esse sujeito, ao se cadastrar no referido *site*, o faz por uma escolha consciente e deliberada de encontrar um parceiro com vistas ao estabelecimento de um relacionamento amoroso. É como se a

palavra de ordem do *site* (*encontre seu amor verdadeiro!*) fosse assumida, possibilitando que a falta seja suprida. Contudo, concluímos neste estudo que, em razão de colocar-se discursivamente no ambiente do *site*, o usuário do *ParPerfeito*, descumpra essa ordem discursiva à medida que se coloca como a possibilidade de assumir o lugar de seu próprio par amoroso.

Em segundo lugar, esse estudo verificou como se configuram os discursos sobre o amor utilizados pelos usuários do *site ParPerfeito* no momento em que constroem seu perfil no *site* de relacionamento. A análise das autoapresentações revela pistas de uma memória discursiva que atravessa esses dizeres. O sujeito que se autoapresenta no *site ParPerfeito* intenta uma imagem positiva e sedutora acerca de si mesmo e vai construindo os enunciados acerca de si, evocando a memória discursiva presente no interdiscurso. Mas, ao se autoapresentar, é interpelado pelo inconsciente que vaza por seus dedos, escapando-lhe através do dígito falho. E por entrarem em circulação o interdiscurso e o desejo é que esses dizeres se configuram, para os usuários, como espaços de significação do si mesmo. Encontramos nos usuários do *site ParPerfeito* um sujeito que se coloca em falta pelo amor e que anseia por sua adesão ao Outro, como se o ambiente digital possibilitasse a transubstanciação do estado de solidão. As autoapresentações remetem a um discurso de sedução, pois, aparentemente quer se fazer sedutor aos olhos dos outros. Numa análise da superfície linguística não teríamos dúvida de que para o sujeito do *site* essa adesão ao Outro se daria pelo encontro com um outro sujeito, que, assim como ele está em busca de sua completude; que, assim como ele cadastra-se no *site* à procura de um relacionamento amoroso. Contudo, concluímos que estamos diante de um sujeito que tal como Narciso é encantado por sua própria imagem, apontando para um sujeito que quer brincar de procurar, mas essa busca não se legitima no encontro com o outro, mas no encontro consigo próprio.

Concluímos que a movência do próprio sujeito entre desejar e ao mesmo tempo colocar-se com as características daquilo que deseja, é que remete à significação capaz de fazer de si seu próprio objeto de desejo. Em terceiro lugar, no intuito de compreender os deslocamentos de sentido a partir da ausência do corpo empírico, encontramos a construção da imagem-corpo nos discursos sobre o amor constantes do *Site ParPerfeito*.

A condição do meio digital pressupõe a ausência do corpo empírico, mas que é urgentemente substituído pelo corpo simbólico. Esse corpo-imagem que surge no meio digital vem em resposta a uma necessidade de estabelecer pontos de referência concreta de corpo mesmo na condição de produção (meio digital) que pressupõe sua ausência. Tal efeito

acaba por revelar uma preocupação com a imagem, seja ela de sedução, seja de qualquer representação que o usuário procure estabelecer. Estamos diante de um corpo que surge como materialidade física e imagem, um corpo menos fixado e mais comunicativo: deixa de ser uma percepção visual, para se constituir numa projeção produzida em potência pelo imaginário, tanto de si quanto do outro. Logo, reiteramos que não é a partir da tecnologia ou do fenômeno do mundo em rede que se criou a ideia do discurso como capaz de produzir inflexões no corpo, levando à construção de uma imagem de corpo. Entretanto, essa relação é inevitável quando estudamos um *site* de relacionamento no meio digital, pois os contatos via *internet* exigem cada vez mais a substituição do corpo empírico pelo corpo-imagem. Concluímos que essa imagem-corpo constituída discursivamente dá contornos ao corpo-metálico, que emerge de uma simulação de si no espaço digital. Concluímos que essa simulação não é a possibilidade que o sujeito usuário do *site ParPerfeito* encontra de ludibriar os outros usuários dizendo ter determinadas características que talvez lhe estejam ausentes, mas simulação no sentido de que a partir da criação desse novo ponto de referência – corpo-metálico – o sujeito passa a ser relacionar com ela como o próprio objeto de seu desejo. E aqui consiste uma das principais conclusões deste estudo: o corpo-metálico surge de uma imagem-corpo que o sujeito usuários do *site ParPerfeito* estabelece discursivamente acerca de si, sem se dar conta disso, e acaba por se constituir o objeto de seu próprio desejo, remetendo à ideia de que se basta em si mesmo. Ao se projetar como sedutor e pleno, encanta-se na própria projeção, levando ao apagamento dos outros interlocutores. Ele se torna, discursivamente, o objeto de seu próprio desejo, o que somente é possível pela construção do corpo-metálico que surge porque esse sujeito do *site* ocupa uma nova posição-sujeito que não é nem de amante, tampouco de amado.

Somos levados, então, ao quarto e último objetivo deste estudo: compreender a movência das posições-sujeito do amante e do amado nos discursos presentes no *site ParPerfeito* no momento em que o sujeito realiza seu cadastro.

Como estamos analisando o discurso sobre o amor presente no *site* de relacionamento *ParPerfeito* e por termos localizado a FD do amor em falta, consideramos que o amor só existe, porque existe o desejo e, se há desejo, há falta. Dessa forma, compreendemos que o amor só realiza seu percurso no par amoroso e localizamos o par amoroso, a partir de Lacan, como o amante e o amado. O amante seria o faltante, aquele que está em falta pelo amor – o desejante; o amado seria aquele que apresenta, aos olhos do amante, a capacidade de suprir sua falta – o objeto de desejo. A falta e a completude que

garantem a realização do amor. Como vimos, para a psicanálise lacaniana, o desejo é a base do amor, e a realização deste desejo encontra-se na possibilidade de estabelecer no outro sua satisfação. Concluimos que esse sujeito que se enuncia no *site* apresenta dizeres a cerca de si que transitam nestas duas posições-sujeito, mas não se estabiliza em nenhuma delas. Por essa razão consideramos que isso possibilita a inscrição de uma nova posição-sujeito ao se falar sobre o amor no *site ParPerfeito*. Tal posição-sujeito é a que denominamos de **amadomante**, para expressar esse lugar onde o sujeito ao mesmo tempo em que se coloca em falta pelo amor, coloca-se pleno de si mesmo. Essa posição-sujeito que estamos propondo abre para a compreensão de que a relação de amor que acontece, via de regra, de maneira paritária, no *site ParPerfeito* aparece como uma relação unitária, que acontece em torno do próprio sujeito. Concluimos, então, que essa posição-sujeito amadomante encontra sua satisfação não no encontro amoroso, mas justamente nesta possibilidade de realizar esse jogo de brincar de procurar, faz que quer sem querer, porque basta-se em si mesmo. Concluimos que o gozo desse sujeito usuário do *site* em estudo dá-se pela possibilidade de realizar esse circuito do desejo em torno de si mesmo, o qual chamamos: *tour* do desejo. Pensar nesta terceira posição-sujeito, de certa forma é colocar em xeque a legitimidade da posição-sujeito filiada a uma dada FD. Concluimos, por força de nossa análise, que se trata de uma posição ilegítima. Em outras palavras, que se trata, de uma posição-sujeito bastarda!

Mediante tais considerações, estamos propondo...

Somente a partir da inscrição desse sujeito do *site ParPerfeito* na posição-sujeito amadomante é que se estabelece o **corpo-metálico**, o qual para o sujeito se constitui no objeto do próprio desejo.

O encantamento por si mesmo, tal como o mito de Narciso, salva o sujeito de qualquer interdição do seu desejo, uma vez que deseja a si mesmo. É como se conseguisse, de algum modo, se aproximar do objeto perdido, mas agora livre, sem interditos. Escapa da interdição, mas se mantém a angústia, pois não deixa de remeter ao empobrecimento de suas relações objetais que fazem gritar seu vazio, sua falta.

Propomos nesta tese que o discurso promovido pelo sujeito que se constitui ao discursivizar no *site ParPerfeito*, é uma tentativa de o sujeito escamotear a frustração. E que pelo fato de colocar sua falta em discurso, desenhar seu desejo criando uma imagem de objeto por meio da imagem-corpo, o sujeito encontraria a possibilidade de driblar a frustração, o que poderia representar uma conquista, um logro para a castração, pois nada que deseja em si mesmo seria proibido, o corpo-metálico. Podemos, então, nessa

perspectiva, concluir que o sujeito desse *site* cadastra-se mobilizado por uma procura narcísica, uma vez que toma a si próprio e seu próprio corpo antes de passar para a escolha de um objeto que seja outro.

Propomos, então, que o sujeito do *site ParPerfeito* encontra a possibilidade de ludibriar a frustração a partir do corpo-imagem, ou seja, tomando-o como objeto *a*, o qual, conforme vimos, é uma espécie de curvatura a qual impede que o curso do desejo se feche na sua plena satisfação. Concluimos que o sujeito construído neste *site* parece fazer um investimento do desejo na própria imagem que projeta acerca de seu corpo (corpo-metálico). Logo, compreendemos que, ao invés de o sujeito escolher objetos de desejo entre outros usuários do mesmo *site*, ele toma a si mesmo como objeto amoroso, como objeto de seu desejo. E eis aqui uma questão importante: o faz inconscientemente, para se resguardar da frustração de lidar com o fracasso pelo não encontro com o objeto amado. Contudo, ao mesmo tempo, seu discurso ainda o coloca na angústia pela procura de preencher o vazio da falta, que acaba por revelar e reforçar a sua angústia. O máximo que consegue é ludibriar a falta, mas ela não se deixar enganar.

Esse sujeito do *site ParPerfeito* está preso a sua própria imagem, mas depende, solicita ao outro que estabeleça as fronteiras de sua própria identidade. Em outras palavras, concluimos que esse sujeito que, de certa forma, se desconhece, não poderia se apresentar de outro modo senão tomado de angústia e de um clamor por sua frustração do vazio.

Desse modo, conjecturamos que a solidão que sempre assombrou o imaginário das pessoas assume novas configurações, encontra refúgio e escapa da frustração do vazio deixado pelo desejo não subtraído. Podemos pensar que o sujeito inscrito no *site* queira estar só, na reclusão de si mesmo, para que, assim, sinta-se pleno de si mesmo. Nessa linha de raciocínio, a solidão tão mencionada nas autoapresentações, como vemos em: *procuro, desejo encontrar, quero*, encontra seu refúgio pelo fato de esse sujeito pôr-se em evidência para si mesmo (corpo-metálico). Isto se revela, sobretudo, quando analisamos como efeitos de sentido possíveis a ideia de ser perfeito aos olhos dos outros e de si mesmo. Aliás em que outro lugar ele poderia colocar-se como perfeito senão no *site ParPerfeito*?

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. **Caleidoscópio**. UNISINOS, Vol. 6, n.2, p. 107-119, maio/ago 2008.
- AZEVEDO, Ana Vicenti. **um corpo que encalha**. In: NAXARA, Márcia. MARSON, Izabel. BREPHL, Marion. **Figurações do outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- BALDINI, Lauro José Siqueira e SOUZA, Levi Leonel de. **Os sentidos tomando corpo**. IN: AZEVEDO, Aline Fernandes de. **Corpo, Sujeito e sentidos**. Curitiba: Prismas, 2012.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: F.Alves, 1986.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'água, 1991.
- BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. **Introdução a análise do discurso**. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.
- BRANDÃO, Terezinha, **A heterogeneidade do discurso**: contribuições da teoria da enunciação. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Org). **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzatto, 2000.
- BURGARELLI, Cristóvão Giovani. **Escrita e corpo pulsional**. 2003, 126 f. (Tese de Doutorado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2003.
- CAZARIN, Ercília Ana. **O confronto entre duas posições de sujeito, inscritas em diferentes formações discursivas, marcado linguisticamente pelo enunciado dividido**. IN: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.
- COMTE-SPONVILLE, André. **O pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude, nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- COUTTO, Isabel Osório Tubino. **O amor em palavras**: o discurso amoroso em questão. Curitiba: Honoris Causa, 2012.
- COUTO, Edvaldo Souza. **Narrativas pessoais nas redes sociais**. In: CORACINI, Maria José. CARMAGNANI, Anna Maria. **Mídia, exclusão e ensino**: dilemas e desafios na contemporaneidade. Campinas: Pontes editores, 2014.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EDUFSCAR, 2009
- CUKIERT, Michele e PRISZULNIK, Léia. **Considerações sobre eu e o corpo e, Lacan**. Estudos de Psicologia, 7(I), 143-149, 2002.
- DANTAS, Heloysa. **A infância da razão**. Uma introdução à psicologia da inteligência de Henri Wallon. São Paulo, Manole, 1992.
- DALTOÉ, A. S. **As Metáforas de Lula**: a deriva dos sentidos na língua política. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso). Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2011.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Editorações, tradução do prefácio e versão para eBook eBooksBrasil.com Fonte Digital base Digitalização da edição em pdf originária de www.geocities.com/projetoperiferia, 2003.

DEZERTO, Felipe Barbosa. **Sujeito e sentido: uma reflexão teórica**. Revista Icarahy, edição n. 04, outubro de 2010.

DIAS, Cristiane. **Corpo sobre tela: da potência à fragilidade do sujeito**. IN: AZEVEDO, Aline Fernandes de. **Corpo, Sujeito e sentidos**. Curitiba: Prismas, 2012.

DUARTE, Fábio. Et al. **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ERNEST, Aracy. **Corpo, discurso e subjetividade**. extraído em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnst.pdf>. 2007.

FELINTO, Erick. **A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Cuerpo utópico: las heterotopias**. Buenos Aires: Nova Vision, 2009.

_____, **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____, **A ordem do discurso**. 5ª. Edição. São Paulo: Loyola, 1999.

_____, **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

GALLO, Solange Maria Leda. **A internet como acontecimento**. In: INDURSKY, Freda.

LIMA, Regina Bimbi. **O enunciado: pontos de deriva possíveis**. IN: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira (org). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

MITTIMANN, Solange. FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Org. **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

GALLO, Solange Maria Leda. **Discursividade OnLine**. In: INDURSKY, Freda. FERREIRA, Maria Cristina Leandro. MITTMAN, Solange. **AD: acontecimento discursivo no Brasil**. Campinas: Mercado das letras, 2013.

GREGOLIN, Maria do Rosário e BARONAS, Roberto (org). **Análise do discurso: as materialidades de sentido**. São Paulo: Claraluz, 2003.

GUEDES, Denise de Fátima Pinto. **Uma introdução ao objeto a**. Psicanálise & Barroco em revista, v. 8, n:1:159-174, jul 2010.

GUIMARÃES, José. COLETA; Alessandra dos Santos Menezes Dela. COLETA; Marília Ferreira Dela. O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela *internet*. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 2 p. 277-285, abr/jun 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAROCHE, Claudine. **O Outro e o Eu na fluidez e desmedida das sociedades contemporâneas**. In: NAXARA, Márcia. MARSON, Izabel. BREPHL, Marion. **Figurações do outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

HARTMANN, Fernando. **Ideologia e Desejo**. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (org) Michel Pecheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos: claraluz, 2005.

INDURSKY, Freda **Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?** In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2010.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

INDURSKY, Freda. **A fragmentação do sujeito em análise do discurso**. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Org). **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis: e as outras vozes**. Campinas: UNICAMP, 2013.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud à Lacan: as bases conceituais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Para um entendimento da alteridade na Teoria das Representações Sociais**. In: ARRUDA, Angela. (Org) Representando a alteridade. Petrópolis: vozes, 1998.

QUADROS, Elton Moreira. **Eros, Fília e Ágape: o amor do mundo grego à concepção cristã**. Acta Scientiarum Human na Social Sciences. Maringá, v 33, n:2: 165-171, 2011.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 04: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **O seminário livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. **O seminário livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LÁZARO, André. **Amor: do mito ao mercado**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LIMA, Regina Bimbi. **O enunciado: pontos de deriva possíveis**. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira (org). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

MAGALHÃES, Maria Cristina Rios. **Narcisismo primário e o desejo**. Pulsional, revista de psicanálise. artigo p. 54-61. Ano XVII, n. 178, junho/2004.

MARIANI, Bethania Sampaio. **SUJEITO E SENTIDO: EFEITOS DE LINGUAGEM** http://www.filosofia.uchile.cl/Editorial/libros/discurso_cambio/65Marian.pdf 4/1/2006

MARINHEIRO, Thaís Silva. BORGES, Fabiana Cláudia Viana. **Paráfrase e polissemia: produções textuais escritas na escola**. Nucleos, v. 8, n.1. abril de 2011.

MAZIÈRE, Francine. **Análise do discurso: história e prática**. São Paulo: Parábola editoras, 2008.

MESSIAS, Sérgio Dorneles. **Uma ficção sobre o sujeito atual**. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Org). **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

MITTIMANN, Solange. **Nem lá, nem aqui: o percurso no enunciado**. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira (org). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

MORAES, Ângela Teixeira de. **O discurso em Foucault: noções para uma prática jornalística**. 2010.

MORALES, Blanca de Souza Vieira. **O real da língua e o real da história: considerações a partir do texto *La Lengua de nunca acabar***. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria

Cristina Leandro. (org) Michel Pecheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos: claraluz, 2005

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012. a

_____. **Os sentidos de uma estátua: espaço, individuação, acontecimento e memória**. Entremeios: revista de estudos do discurso. v.1, n.1, jul/2010. Disponível em <<http://www.entremeios.inf.br>> 1

_____. **Processo de significação, corpo e sujeito**. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de. **Corpo, Sujeito e sentidos**. Curitiba: Prismas, 2012. (b).

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2008.

_____. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. Comciência. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296>>. Acesso em: 21 jul. 2007

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8ª. edição. Campinas: Pontes, 2009.

PAULA, Regina Aparecida Milleó de. **EAD: acontecimento discursivo - Indicação de prodessos de individuação do sujeito contemporâneo**. Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná Cascavel-PR | 24 a 26 de outubro de 2012 | ISSN 2178-7751

PECHÊUX, Michel. **Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 2012.

_____. **Análise automática do discurso**. In: GADET, François e HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: UNICAMP, 2010.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5ª. Edição. Campinas: Pontes, 1983.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine. **A propósito da Análise do Discurso: atualização e perspectiva**. In: GADET, François e HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: UNICAMP, 2010.

PESSANHA, José Américo Mota. **Platão: as várias faces do amor**. In: CARDOSO, Sérgio; [et al] **Os sentidos da Paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PIVETTA, Graziela Thais Baggio. **A constituição e representação de identidades feministas no discurso publicitário**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo, 2009.

ROSA, Gresiela Nunes da. **O que sustenta uma relação amorosa?** Tubarão: Editora Studium, 2003.

SANTOS, Mirian dos. **Imagem fotográfica: espaço do corpo real ou corpo pulsional**. In: AZEVEDO, Aline Fernandes de. **Sujeito, corpo e sentido**. Curitiba: Prismas, 2012.

SEIXAS, Jacy. **A imaginação do outro e as subjetividades narcísicas: um olhar sobre a invisibilidade contemporânea**. In: NAXARA, Márcia. MARSON, Izabel. BREPHIL, Marion. **Figurações do outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Silvio Ribeiro da. A construção da identidade do jovem *gay* no *sitew-jovem.com*. **Linguagem em (Dis)curso**. LemD. Tubarão, v.7 n.1, p.71-99, Jan/abr, 2007.

SIMHA, André. **A consciência do corpo ao sujeito**: análise da noção: estudos de textos: Descartes, Locke, Nietzsche, Husserl. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUZA, Pedro. **Escrita e corpo**: vestígios subterrâneos da subjetividade. *Organon*, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vol. 20, número 40/41, 2006.

SCHONS, Carme Regina. **O estado e a propriedade**: um acontecimento no movimento anarquista. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira (org). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

TEIXEIRA, Marlene. **Análise de Discurso e Psicanálise**: Elementos para uma abordagem de sentido no discurso. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

TFOUNI, Leda Verdiani. Autoria: um lugar à espera? *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 71-77, set.-dez. 2008. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_08.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2010.

_____. **Em busca da felicidade: o corpo se consome no consumo**. In: CORACINI, Maria José. CARMAGNANI, Anna Maria. **Mídia, exclusão e ensino**: dilemas e desafios na contemporaneidade. Campinas: Pontes editores, 2014.

WINE, Noga. **Pulsão e inconsciente**: a sublimação e o advento do sujeito. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE A – SDR

- SDr 01:** Procuro um relacionamento sério. Sou uma pessoa romântica e verdadeira, procuro alguém sincero e companheiro que queira um relacionamento sério. [...]curto a minha profissão e todos os desafios que ela me impõe a cada dia. Gosto muito de viajar, de bons filmes e livros. E você?
- SDr 02:** Procura-se alguém que não diga se cuida , mas sim... eu cuido [...]Eu procuro alguém que não pegue no pé, mas que cuide, que ligue ou mande um recadinho só para dizer que está com saudades ou pensando em mim, que me faça sentir novamente o brilho nos olhos. Eu quero alguém para ser o meu primeiro pensamento do dia e o último antes de dormir. A conversa e o tempo mostrarão as possibilidades! Tenho inúmeros defeitos, mas tenho certeza de que podem ser minimizados pelas qualidades. Acho que é interessante descobrir um e outro.
- SDr 03:** Quero encontrar um grande amor!!!!nunca e tarde para....ser feliz!!!! Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..esperando meu principe encantado!!!!
- SDr 04:** Sou muito sincera e carinhosa,e romantica e ainda acredito que irei encontrar alguem assim como eu
- SDr 05:** TER A OPORTUNIDADE DE ENCONTRAR, UM HOMEM ESPECIAL !!! Do bem, carinhoso, trabalhador, companheiro, amante, amigo. [...]DE BEM COM A VIDA !!!! E PRONTA PARA VIVÊ-LA EM TODA A SUA PLENITUDE....
- SDr 06:** conhecer uma pessoa de deus com cata ter que seja verdareiro sou muito simples amo meu trabalho meus filhos amo a vida. [...]
- SDr 07:** SOU UMA MULHER COMUM,SIMPLES,SORRIDENTE DE BEM COM A VIDA!!!!SINCERA E GOSTO DE PESSOAS VERDADEIRAS!!! E REALMENTE PROCURO UM RELACIONAMENTO SÉRIO!!!
- SDr 08:** amorr paixao sou carinhosa,divertida,atraente
- SDr 09:** Apenas uma pessoa com a alegria de uma criança; a malícia de uma adolescente; e sentimento de mulher . Sou uma pessoa verdadeira não gosto de jogos. [...]Se desejar saber algo mas sobre a minha pessoa acredito que com o tempo voce vai saber de tudo que for importante para uma relação é muito dificil falarmos de nos mesmo por esse motivo prefiro que o tempo responda as suas perguntas mas se for do seu desejo fazer algumas perguntas te responderei com muita alegria
- SDr 10:** Alguém para somar... Sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica.Sou uma pessoa estável, de construir vínculos fortes e durauos com quem estiver disponível e aberto para somar ... com alegria bom humor e algo mais rsrs... Gosto de estímulos intelectuais, um bom jantar ou uma roda de amigos para simplesmente rir...
- SDr 11:** Apaixonada pela vida. Olá, adoro curtir a vida, sair, viajar, badalar mas também curto um relax em casa, um bom livro ou filme e comer pipoca
- SDr 12:** "O senhor é meu pastor e nada me faltará." Companheira, amiga, sincera e a procura de um homem interessante, com conteúdo
- SDr 13:** OLÁ, CANSEI DE FICAR SO!! DEIXE AMAR VC? TBEM QUERO SER AMADA, ADOROO! Ola, sou uma mulher feliz [...] quero agora pra mim alguém que me deixar amar, e me amar com toda intensidade, de uma forma que possa valer a pena, não passo por cima da vida, quero viver, e viver um grande amor agora é meu

objetivo, quero me encontrar e se quiser tbém... Espero vc homem inteligente, cheiroso, carinhoso que tenha a família, e Deus como base de tudo, que saiba o que quer e como quer!! [...] Não acredito muito em amores a distancia, Quero o meu bem perto de mim, posso não responder, Mas se achar que vale a pena me convença, bjssssss

SDr 14: ola quem quiser ter um relacionamento seriu estarei aqui. sou alegre divertida qaundo me convem sou brava qaundo me provocao mas tudo na vida tem que ser natural adoro praia e tudo que e bom sou aquilo que querem que eu seja depende de suas atitudes

SDr 15: Oi, princesa!!! Vim aqui te fazer um pedido. Se tu fores compatível com o perfil que procuro. Não hesite, ta!!! Estou aqui!! Sou abençoado... Amo o que faço!!! [...]Se eu despertei certa curiosidade em ti e quiseres me conhecer melhor. Seja rápida!!! Aproveita agora!!! Olha hein!!! Igual a mim, não existe outro!!! Depois não adianta chorar... Aproveita!!! rrsrrsrs... [...]Tenho muitas qualidades. Mas, tenho os meus defeitos também. Só não me pergunte quais são eles, porque, eu só os descubro quando erro. E, uma das minhas qualidades é que, se eu me der conta de que errei. Por mais que doa. Eu, assumo!!! E, assim vou vivendo... Se, queres saber mais de mim? Contate-me!!!

SDr 16: Estou virtual,dependo de vc para si torna real.(...) Procuro uma conpanheira carinhosa,gentil,fiel que goste de curtir as coisas boa da vida.

SDr 17: so_quero. Tá Difícil!... Ninguém me quer... Cadê a tampa da minha panela? Acho que fabricaram sem a Tampa... Preciso de alguém ! Ninguém me quer ! Será voce a escolhida ?

SDr 18: procuro uma pessoa sincera, meiga, carinhosa, que goste de cuidar da pessoa que ame. que não sufoque com excessos de ciúmes. SOU MUITO ROMÂNTICO, GOSTO DE CURTIR UM PASSEIO A DOIS, JANTAR A LUZ DE VELAS, FAZER UM PIQUE-NIQUE, CURTO CHÁCARAS, SÍTIOS, PRAIAS.. GOSTO DE DAR PRESENTES.

SDr 19: Meu nome diz como chegar ao caminho certo, não é difícil..... Me sinto muito bem comigo mesmo...Gosto de coisas simples da vidaE espero te encontrar aqui.....As fotos dizem quase tudo como eu estou ..kkk...Acho que eu estou bem..kkk..O que vc acha ?... (...)Gostaria de encontrar uma pessoa bacana para poder compartilhar a minha vida , para poder me completarNinguém vive sóMas vou tentar aqui no site ,quem sabe encontre vc... A mulher da minha vida....

SDr 20:[...]Sou um homem maduro que sabe o que quer, carinhoso e atencioso um companheiro fiel, tenho os pés no chão, mas que sonha com uma mulher especial ! Será que vc ? (...)Bom humor isso eu tenho pra dar, se desse pra vender eu tava rico, rrsrrs Gosto de animais e de pessoas também ! Mas prefiro ter poucos amigos mas verdadeiros, meu hobby é cozinhar para pessoas de quem eu gosto

SDr 21: quero conhecê-la .estou diponível no momento .[...] acredito d no poder das palavras , então vc me diz a verdade e eu retribuo , assim como tudo que seja ofertado pelo outro . Podemos iniciar um relacionamento casual , mas , nada impede que possamos evolui p/ o amor .

SDr 22: só quero alguém para amar e ser amado. não tenho muito a dizer pois gosto de falar de mim frente a frente com a pessoa que eu quero conhecer pois se vc estiver jantando comigo olhando meu rosto e em meu olhs e porque vc foi escolhida. como

já falei gosto de falar olhando nos olhos da mulher se isto acontecer e porque o destino te colocou em meu caminho

SDr 23: com vc irei a qualquer lugar sem pensar. talvez vc possa nao me achar uma pessoa atraente a primeira vista mas depois que me conhecer ira mudar de opiniao .nao quero ser convensido mas gostaria de uma chance com vc . nao tenho nada pra falar de mim gostaria que vc descobrisse minhas qualidades se nao quizer falar comigo entederei

SDr 24: [...]Adoro.. pessoas Honestas e verdadeira... Só quero um amor verdadeiro e sincero...!!! Sou Daniel... Adoro me divertir Sair com pessoas que tenho amizade E fazer novas amizade ...!? Nao tenho muito que falar... Sou uma pessoa romântica e sensata [..]

SDr 25: Quero conhece-la gata! Sou simpatico, extrovertido, gosto de conversa, sorrir, conhecer pessoas, ir a lugares bons e aconchegantes,bem sou simples, mas gosto de uma boa conversa, um bom filme, passear de mão dada, cinema, teatro, viajar quando posso e gosto de mulheres simpaticas e roamticas e sensuais e meigas!

SDr 26: QUERO LHE DAR MUITO AMOR E CARINHO! [...]SOU SINCERO, ROMANTICO, CARINHOSO, CHARMOSO, SIMPATICO, DE BEM COM A VIDA, PROCURO FAZER A DIFERENÇA, E ESTOU A PROCURA DE MINHA ALMA GEMEA PARA FAZE-LA, MUITO, MAS MUITO FELIZ AO MEU LADO.

SDr 27: [...]A vida de solteiro e maravilhosa mas nao quando o preço que si si paga e a Solidao... procuro um relacoinamento serio !!!

SDr 28: ai se eu te pego. solucao dos seus problemas

SDr 29: Sensibilidade e inteligência. Posso te proteger e realizar seus desejos mais secretos, desde os mais comportados até os mais ousados. Sou bem resolvido, sem as neuroses comuns dos homens, equilibrado, e me encanto com as raríssimas mulheres que também tenham estas características. Acredito que esse site possa ser eficaz para aproximar pessoas que tenham afinidade e sintonia, desde que sempre se diga a verdade! [...]É difícil falar sobre isso sem parecer pretencioso. Mas vamos lá. Não abro mão de ser educado, carinhoso, bem informado e culto. (...)

SDr 30: ONDE ESTÁ O MEU AMOR? QUE SERÁ QUE ELE FAZ DA VIDA? DEVE ESTÁ POR AI. [...] MODÉSTIA PARTE, EU SOU O CARA! ADORO FALAR DE POLÍTICA, RELIGIÃO, MÚSICA, MULHER E FUTEBOL, QUER VER? PUXA ASSUNTO MY SISTER!

SDr 31: nem alta, nem baixa, nem gorda nem magra,

SDr 32: **muuiigata** Loira, porem inteligente....corpinho quase em forma..tipo fisico magro...dizem que nao aparento a idade que tenho.....

SDr 33: sou alegre,simpática, amiga,sensual, romântica.

SDr 34: Ah!! apenas uma mulher ... Com jeito de menina ou Uma menina com jeito de mulher...

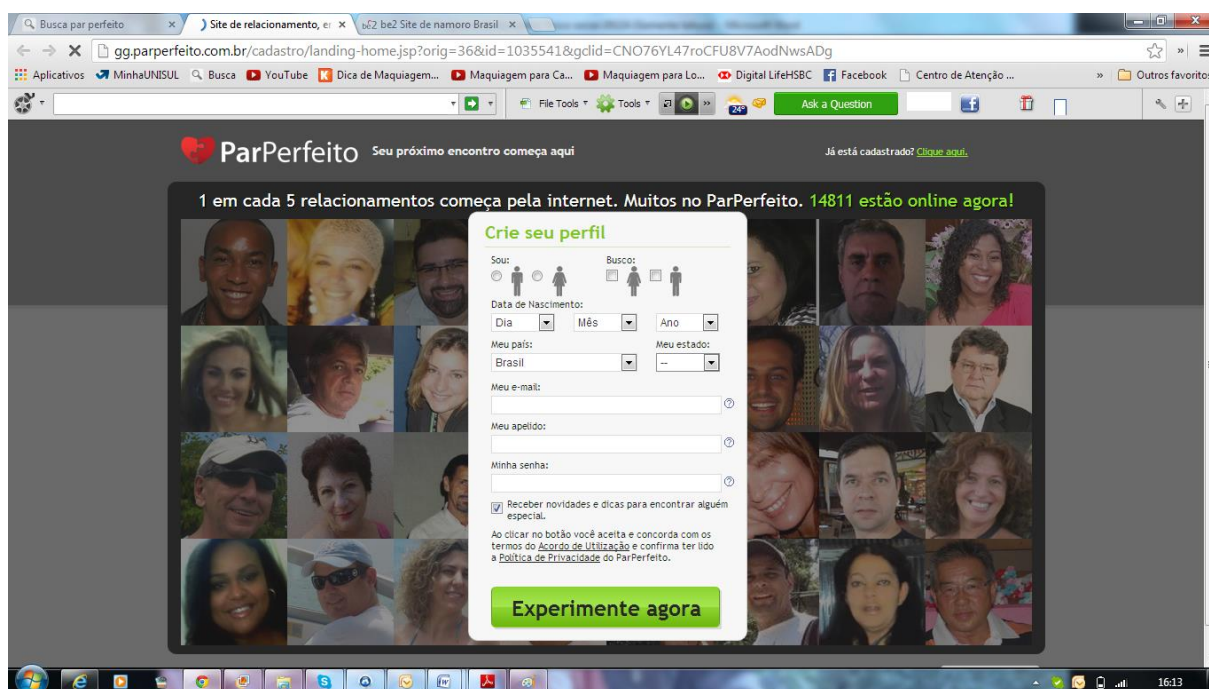
SDr 35: bonito tesão

SDR 36: **Gorilasensível.** CORPO DE GORILA, MENTE DE FILOSOFO. Bem...não sou um homem bonito, pouca altura, calvo, peludo, um gorilinha mesmo....mas certamente tenho conteúdo, sou razoavelmente inteligente, boa formação intelectual

e muito gentil e carinhoso com quem assim o for comigo. Gosto muito de sexo, mas com alguém que realmente esteja comigo, para não termos qualquer tipo de preocupação e podermos nos entregar completamente, sem entraves. Adoro beijar, e para isso Deus me deu uma boca carnuda e macia. Falante, bom domínio de todos os assuntos, romantico e muito carinhoso, não sou lindo de morrer, mas também não sou feio de matar. Eu diria um Charles Bronson calvo

ANEXOS

ANEXO A – PÁGINA DE INÍCIO DO CADASTRO NO SITE



ANEXO B – FORMA DE APRESENTAÇÃO DOS PERFIS

[illegible]